







BIBLIOTHECA ROMANTICA

---



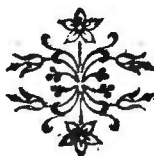
# FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

A. G. Teixeira e Souza



RIO DE JANEIRO

Typ. da — ESCOLA — de Scafim José Alves, Editor

83 — Rua Sete de Setembro — 83

HENSLEDER



## CARTA

# A EMILIA

QUE SERVE COMO DE

## PROEMIO

---

Tantos são os respeitos, e tão sincera é a estima, que vos tributo, virtuosa Emilia, que não acho desculpa que plausivel seja, recusando-me ao vosso pedido.

A leitura da vossa ultima carta me fez plenamente ver que muito produziu em vossa imaginação a leitura do meu poema ou romance — Os TRES DIAS DE UM NOIVADO (\*). —

Estou contente. Agora exigis de mim um romance em prosa : a tarefa é me difficil, não pela obra em si propria, mas pelas pessoas a quem ella se deve dirigir ; porque me dizeis que desejaes um romance para vós, vosso marido, vosso filho e vossa filha !

Que tarefa ! Um romance para uma senhora casada e mãe ; para um marido e pae, e emfim para dois jovens !..

De quantos sei, nem um conheci digno disto, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor.

---

(\*) Obra que estava inedita, quando se publicou este romance.

#### IV

Vós o julgareis. Como minha verdadeira amiga e proxima parenta, conto com a vossa indulgencia : quando não poderdes combinar com o meu modo de pensar, rogo-vos que me não arguaes sem previamente me ouvirdes. Conto-vos, pois, uma historia, que me hão contado.

Escrevo para agradar-vos ; junto aos meus escriptos o quanto posso de moral, para que vos sejam uteis ; junto-lhes as bellezas da litteratura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escripto, porque essa honra vós lhe fareis !

Si me comprehenderdes, tenho chegado ao fim a que me propuz. Onde me julgardes muito conciso, estuda-me, e então comprehendereis mais do que digo e até o que não digo ; mas onde me virdes muito diffusó, crêde que ha muito mais do que o que digo !

Entendei-me e serei feliz. Tenho saudades de vós.

*O rosso fiel amigo.*

J. e Saurja





# O FILHO DO PESCADOR

---

## CAPITULO I

MAS EU SOU TÃO POBRE !...

A descripção das scenas da natureza é a pedra de toque do escriptor! descrever estas scenas está ao alcance de qualquer genio mediocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras côres precisas e nos seus devidos logares, é sem duvida o ponto mais difficil de attingir na poesia descriptiva ou pintura da natureza. Desculpae-me, pois, si mal o vou fazer.—E' sempre no meio desses bellos quadros da natureza que amor ama revoar.

No meio dos immensos encantos de uma rissonha primavera, ataviada de todas as galas de que é susceptivel a mais brilhante de todas as estações, uma aurora verdadeiramente magica começava de espreguiçar-se sobre um céu puro

---

e sereno, e entre as auri-roxas sanefas de um horizonte adornado de todas as pompas matinaes ! Vistosos festões de uma alegre purpura entrelaçavam interessantes rosas de ouro, que recamando um céu a que não toldava a mais ligeira nuvem de procella, offereciam nesse immensuravel espaço da sydérea campina o mais agradável contraste da purpura de Tyro com o ouro de Ophir, sobre o bello azul de um céu brasileiro em uma manhã de primavera !

Uma feiticeira e voluptuosa aragem, respirando meigamente da parte d'Oeste, fazia correr sobre a liquida face da formosa bahia de Nictheroy uma ligeira ondulação, que suavemente empurrava sussurrantes e brincadoras ondas, que mollemente se escoavam a saudar a branca praia com um amortecido beijo, cujo doce murmurio ia-se enamoradamente quebrar nos bosques e nos mais vizinhos rochedos !

O viçoso tapete dos campos, entretecido de verde grama e de alastrantes hervas, esmaltado de mil e de milhares de flores, várias no seu tamanho, no seu feitio e no seu colorido ; parece agora tecido de brilhantes fios de prata,

---

que reflectiam ao primeiro raio do nascente sol : era o orvalho da madrugada, que sustido sobre a relva da campina, a tornava argentada, de uma maneira elegantemente encantadora !

A branca rôla do prado sacudindo as humidas azas com amoroso arrulhar, gemia enamorada junto dos implumes filhinhos, enquanto o terno companheiro fatigava as leves azas, buscando sustento para a tão querida familia !

Era alli o mais tocante quadro do amor conjugal !

A branca flor da laranjeira, emulando-se com o candido jasmim, exhalavam juntamente a mais delicada fragrancia, convidando as outras flores, para que, unidos aos dellas seus perfumes, embellezassem com seus voluptuosos presentes este quadro seductor de uma natureza tão bella, quanto proficua !

O requebrado gorgueio do ledo gaturamo, os bellos trinados do lepido canario do Brasil, acabavam esta magica scena de feiticeiros encantos com a sympatica grinalda de innocentes hymnos, tecida pelos amorosos canticos dos alados da selva !

Era dia !.

O primeiro raio do sol deslizando por sobre as espumantes ondas do oceano, com um furtivo tocar, depunha incerto um como pallido véo sobre o branca frente de uma bella casa, situada á margem do Atlantico, sobre a deliciosa praia de N. S. da Copa-Cabana, distante do coração da cidade do Rio de Janeiro duas leguas, pouco mais ou menos.

Um ameno jardim, custosamente e com gosto plantado e cultivado, offerencia sobre o fundo desta casa um bellissimo logar, não só para os passatempos de vida do extravagante, como tambem para as melancólicas meditações do poeta !

Neste logar de delicias, do fundo de uma espaçosa rua, acabava de saudar o nascimento do astro do dia uma mulher, que nesse mesmo desalinho do primeiro despertar, nada lhe faltava de quantas graças a natureza liberalisa aos seus predilectos !

No meio dessa bella desordem, que se notava na linda madrugada, dirieis que, apenas tomados seus vestidos e apertados ligeira-

---

mente, se havia precipitado ao jar lim, para ahí disputar gloriosamente ás aljofaradas flores os fugitivos beijos dos suspirantes zephyros! Seus louros cabellos, em quanto uns se notavam preguiçosamente presos por um pequeno pente, outros cahidos sobre seus alvos hombros, embalados sobre as azas da tranda aragem da manhã, vinham, ora enternecidamente, beijar suas faces de rosas, ora voluptuosos oscular seus lindos labios de rubins! Seus grandes olhos azues, onde parecia que um bello céo se reflectia com encantadora serenidade, tinham um não sei que de magico amortecimento, que lhes prestava mais importantes graças! Era o humor somnolento da derradeira hora do despertar; e as negras roupas com que então se vestia formavam uma bella e verdadeira antithese de tanta brancura, e tão variadas graças, com a sombria e unica cor do luto! Si não fosse a cor de seus vestidos, vós me perguntarieis si é Flora que, no meio de um deleitavel vergel, em cada osculo que recebe do Favoneo, anima uma linda flor! Não; o personagem que acabei de pin-

tar-vos não é uma existencia mythologica, não é uma creatura poetica, é uma realidade !

Que hora para quem ama ! Que occasião para amantes ! Que logar para os mysterios do amor !

A gentil madrugadora da Copa-Cabana tendo lentamente passeado a rua do jardim, foi final mente assentar-se sobre um banco, debaixo dos longos e frondosos ramos de uma veneranda mangueira, sobre cujo tronco dois seculos haviam deixado seus tardos vestigios; e depois de ter feito vagueiar seus olhos pelo amplo dos mares, que ante ella se desenrolava, trouxe-os ao depois a contemplar as ondas, que em incessante lida vinham com murmurinho rouco despedaçar seus furores de encontro á impassivel dureza dos sobranceiros rochedos. Ella meditava !

Ha poucas minutos durava esta scena muda, quando alguem de um modo affectuoso murmurou seu nome ! Ella ergueu-se rapidamente, e voltando a ver quem a chama, um mancebo está de joelhos a seus pés... A moça o encara e falla :

— Senhor...

— Eu te amo mais do que á minha propria vida...

— A mim!... Senhor, a mim?...

— Sim, a ti, minha bella naufraga... a ti... acredita-me, eu te amo...

— A mim! tão pobre! victima da desgraça! cercada da miseria, escapada a um naufragio, que si tu...

— E que importa tudo isso? Eu te amo, e é quanto basta. Sabe pois da desgraça, sim, vem aos meus braços; vem ser minha, minha para sempre, minha esposa enfim!...

— Senhor, mas vosso pae...

— Elle consentirá, oh! sem duvida.

— Mas eu sou tão pobre...

— E que importa? Não tenho bastantes bens da fortuna para a nossa felicidade? Não te amo eu? Sendo igualmente por ti amado, que mais precisaremos? Nada, pois, nos falta, temos riquezas... Oh! tanto não é mister a quem ama.

— Pois bem, senhor, fezei o que quizerdes, eu vos sou grato.

— Não ; não é a tua complacencia, nem um amor filho da tua gratidão, que hoje te supplico ; é um amor puro, livre e independente de qualquer idéa de agradecimento ; um amor como este em que me abraço.

— Pois bem, eu vos amo.

---



## CAPITULO II

**MAS, MEU PAE, EU AMO !**

Quando amamos, nada é tão mortificante para nossa alma do que ouvir raciocinios contra o nosso amor. Nesse delirio, as mais absurdas mentiras, que lisonjeem a nossa paixão, têm em nossa intelligencia o criterio da verdade. Então sonhamos accordados com a suprema felicidade, cuja existencia é só em nossa escaldada imaginação; mas o lethargo de amor é tão doce, que quando nos dizem que despertar d'elle seria um beneficio para nossa alma, temos por venenoso um tal beneficio, e pedimos aos nossos amigos que não annullem o nosso amoroso dormir.

Entre os poucos moradores da Copa-Cabana, n'aquella época, havia um velho pescador, mais celebre pela sua vida honrada, e ainda por alguma tal e qual instrucção, em harmonia com as escassas luzes da misera colonia, do que pelas suas riquezas, que poucas não eram. Viuvo de uma mulher, a quem havia ternamente amado, desvelou-se sempre na educação de um unico

---

filho a quem estremecidamente amava ; e elle era digno de tão grande amor !

Pouco nos devemos importar com o nome desse bom velho, porque além de nos não ser mister, elle era conhecido por todos pelo—Pescador da Copa-Cabana ;—seu filho era igualmente o — Filho do Pescador — chamado por todos.

Uma mulher escapada a um naufragio era hospeda desta boa familia.

Ha pouco vós vistes um mancebo aos pés de uma linda dama declarando-lhe um terno amor. Vós adivinhareis que o mancebo é o Filho do Pescador, assim como sebeis que a bella senhora é a náufraga.

Poucos minutos depois dessa scena, um dialogo era energicamente sustentado entre um mancebo e um venerando ancião ; este dizia :

— E pensaste bem, meu filho, no que queres fazer ?

— Sim, meu pae.

— E conheces tu essa mulher a quem te queres ligar e ligar para sempre ? Sabes qual

---

seja a sua patria, sua familia, seu estado e enfim seus costumes ?

— E o que ha de commum entre essas cousas e o nosso amor ?

— **Todavia**, eu se me quizesse casar levaria tudo isso muito em conta.

— Vós vistes que, salva do naufragio, chorava a morte de seu marido morto no mesmo..

— E quem te póde affiançar que fosse seu marido ? podia ser seu amante.

— Ah ! meu pae, não faças tal injuria a tanta belleza ?

— Por isso mesmo : as bellezas estão mais sujeitas aos caprichos do mundo. Suppondo, porém, que seja ella uma viuva ; qual é a felicidade que julgas encontrar desposando-a tu ?...

— A de restaurar o meu socego perdido por sua causa, e a de viver sempre e para sempre com a eleita do meu coração, para gloria do meu amor...

— E o que é amor ? Ah meu filho ! eu já fui moço como tu és ; tambem já por mim passou esse delicioso tempo em que indomita a insólita liberdade, toda ufana de si, gosta de

---

brincar com ferros, achando não sei que de bello em ouvir os seus pavorosos estrondos ! Tambem já cursei aulas como tu, e os estudos adquiridos durante a minha mocidade me não serviram para regular a vida.

Tarde... fo**o** bem tarde... foi ao depois que em mim se arrefeceram as intensas chammas do fogo da mocidade, que eu pude conhecer todas essas illusões que tanto embellezam a vida adolescente ! Murcharam-se as flores da minha primavera, corromperam-se os fructos do meu outomno e seguiu-se-me o inverno dos annos. Foi nessa estação da idade que eu, frio e calmo, cheguei a conhecer os desvarios dos meus primeiros annos ! E aquelle que entre os filhos das sciencias podia talvez ter um nome, em consequencia de suas extravagancias se viu reduzido a um simples pescador !

Neste lugar duas lagrimas geladas, forçando os olhos do velho, vagarosamente se escoaram ao longo de suas faces ! Elle arrancou um suspiro de dor e continuou :

— O que é amor ? um affecto que principia por um prazer dos olhos, uma dor do coração :

---

e uma afflicção d'alma! Um momento de entusiasmo produz tudo isto, e um momento de calma o destróe! Nesses instantes de delirio, que chamamos amor, não ha considerações, não ha respeito; aniquila-se o passado, pulverisa-se o futuro: o vicio é nada, a virtude illusão, e um unico pensamento constitue o universo do amor: Quero! Deveres e direitos do homem, as leis divinas, a patria, os mais solidos princípios de eterna justiça, os fóros da razão, as mais santas e antigas affeições, tudo se sacrifica ao amor, tudo cahe destruido, e sobre suas ruinas, que formam um detestando solio, é collocado este imperioso—Quero!

Pois bem, goza-se o objecto amado, o tempo foge e o ruim fado, ou a inexhoravel morte nos priva d'elle: agora deixa que corra sobre esta tão sensivel perda quatro, ou cinco, ou seis annos, um espontaneo esquecimento ou novos prazeres da vida, ou um novo objecto vem fazer-nos esquecer os nossos primeiros amores! E agora? Onde, pois, estão os delirios desse primeiro momento de um louco amor ou dessa paixão invencivel? Tudo desapareceu!

---

Por outra, gozamos o objecto dos cultos do nosso coração ; ao cabo de poucos annos passamos uma revista em nosa alma, procuramos, nella esse antigo amor que tanto produziu de prodigios ; o que achamos ? apenas uma estima... derradeiro milagre de uma prodigiosa constancia !

Demais, serás tu sempre senhor absoluto das tuas afeições ? Tens em tuas mãos, sujeitos sempre em tudo e por tudo, os affectos de tua alma ? Estás tu seguro de que esse objecto, idolo hoje do teu coração, nunca incorrerá no teu desagrado ? Tens certo amal-o, amal o sempre ? Quem t'o assegura ? Suppõe agora que viveis no meio da pobreza ; qual consolação acharás, qual distração nos teus enojos e agônias ? Mancebo, julgas que seja sempre immutavel o teu animo ? Acredita-me que não ! A mudança é o primeiro e principal timbre da humanidade : hoje tu não és o homem de hontem : cada uma hora que o tempo escoa é para o homem uma mudança, que se faz sentir no fim de mais tempo. Não para muito tarde vem todos os fastios de que é susceptivel uma vida

monótona ; o coração arfa ambicionando uma desordem, cuja consequencia seja uma nova vida por uma nova ordem de acontecimentos, para pasto do coração. Os laços, então já formados e indissolúveis, tornam-se de um peso insupportavel : soffrel-os, é fastio ; desatal-os, é deshonra !

As distracções, esse magico instrumento, d'onde o coração ama o tirar continuamente agradaveis e variados sons, parece agora que afinadas todas as suas cordas pela liberdade anciosa, se offerecem ao coração, para que sejam por elle tocadas... resistir-lhes é impossivel ; não resistir-lhes, importa o ser um não bom marido !

Vós outros mancebos, entusiastas de amor, que mal conheceis a vida; vós blasonaes de amor e de um amor virtuoso... que chimera ! E isso existe ? Acredita-me, meu filho, esse amor mui raro pôde existir. Amor é uma fêra faminta de gozos que se não tranquillisa a respeito do seu objecto, sem que o tenha completamente devorado ! Si a virtude do amor está em sacrificar-se tudo ao bem que se ama, deve seguir-se, que para sermos virtuosos amantes, é mister

---

calcarmos tudo quanto se oppõe á posse desse bem que cubiçamos, embora nesse tudo entrem as mais sagradas leis... obedecer-lhes sem combate-las, importa sermos fracos e indignos amantes.

Agora dize-me tu, que amas uma mulher, porque é bella e só porque é bella; quando o tempo arrebatat comsigo esses fugitivos encantos, o que amarás? Julgas que uma mulher-linda seja uma estatua, sobre cujos traços se vão deslisando pouco a pouco desaperebidos seculos?...

— Mas, senhor...

— Ouve-me ainda, tem pacfência; eu te ouvirei por meu turno. Essa mulher a quem hoje amas, moça como a aurora, linda como a primavera, será, como todas as outrs, victima dos estragos do tempo e dos desgostos, pois para não sentil-os fôra mister não viver! As lidas da consorte, os incommodos da familia, os trabalhos que dão os filhos, etc., dando mais vigor á força da idade, apagarão bem depressa os seus seductores encantos... E que mudança! Oh! tu acharás um maço de derrotados e brancos ca-



---

bellos, onde fluctuavam os longos cachos de dourados e graciosos fios ! Uma face rugosa e pallida em lugar do maravilhoso composto de candidos jasmims e de pudicas rosas ! Duas escallavradas gengivas, que outr' hora sustinham duas ordens bellas de alvos e bem ordenados dentes ! Dois olhos encovados e amortecidos, onde brilhavam dois lindos pedaços de um sereno céu ! E finalmente as ruinas, os despojos do tempo amontoados sobre carunchosas e desusadas aras de amor, no que outr' hora fôra sanctuario da belleza !

A alguns destes sophysmas que de involta com solidos argumentos iam, o habil velho pescador juntou mais alguns outros ; e tendo acabado, seu filho lhe disse :

— E si ella fosse rica, meu pae ?

— Nem assim te aconselhava que casasses, ainda que fosses muito pobre ; porque cá para mim julgo que o casamento em nem um caso é felicidade.

— Então, meu pae, grassando a vossa doutrina ninguem se casará...

— E que tenho eu que os outros se casem

ou não ? eu só aconselho meu filho ; a natureza deu-me este direito. Eu te asseguro que nunca me ouvirão dizer a pessoa alguma que o faça ou não.

— Então, visto as vossas considerações que devemos fazer ?

— Não casar. Meu filho, nas mesmas delicias do consorcio ha dolorosos pezares ! A primeira delicia dos casados é os filhos... mas as dores maternas, os sustos, os trabalhos da educação dos filhos, seu estado, seu futuro... e custa tanto a ser-se um pae feliz...

— Mas, meu pae, eu amo...

— Em verdade esse é o argumento o mais energico e o mais eloquente de um moço amante. E si eu não levar a bem um tal casamento ?

— Meu pae... disse o mancebo, beijando ardentemente a mão do velho.

— Oh ! nada de violencias ; faze o que quizeres e Deus abençoe os teus destinos. Peço-te, porém, uma cousa, e é que, se algum dia a experiencia justificar-me, exclames no meio do teu arrependimento : « Oh ! meu pae !...

## CAPITULO III

### VIVAM OS NOIVOS !

**A** humanidade é um immenso livro ; cada um homem é um capitulo d'elle, e cada acontecimento do homem fôrma uma lição deste grande livro ! Por mais que vos canceis, vós não encontrareis duas lições iguaes ; pois aquellas mesmas que mais semelhantes vos parecerem, si bem as estudardes, achareis não poucos pontos de desconveniencia. E' sobre estas lições que o homem aprende e ensina. O estúpido passa por ellas com a mesma indifferença com que a setta corta os ares ; o sabio, o meditador, é sobre ellas que formam a sua sciencia ! Em tudo se aprende e em tudo se ensina. Quando eu vos dou uma scena risivel, como quanto não desaprove o vosso riso e até vos fique obrigado por elle, todavia a minha exigencia vaé mais longe.

- **A** prosperidade dos noives !
- **Vivam os noivos, vivam os noivos !**
- **A'** saude dos amigos dos noivos !
- **A'** mesma, á mesma !
- **A'** saude das madrinhas !
- **A'** saude das madrinhas !

- 
- Vivam as madrinhas !
  - Vivam os padrinhos !
  - A' saude do sr. Jorge !
  - Sr. Jorge, á sua saude !
  - A' saude do mesmo senhor !
  - Viva o sr. Jorge !
  - Obrigado, meus senhores !
  - Viva, viva o Sr. Jorge !
  - Obrigado, obrigado !
  - Viva o sr. Anastacio !
  - A' saude do mesmo senhor !
  - Vivam, meus senhores...
  - A' saude da sra. D. Joanna !
  - Para servir a vmcês. por 50 annos.
  - Viva a mesma senhora !
  - Na sua graça, meu senhor.
  - Bravo, bravo...

E' na verdade um bello meio este de se enxugar uma boa meia duzia da copos de vinho do Porto !

Enquanto rodavam estas e outras saudes, o bom do sr. Jorge, que era um dos padrinhos, arrimado a um canto da mesa, tasquinhava mui desencalmadamente em uma perna de leitão,

cuja gordura, alambasando-lhe a sórdida barba, lhe escorria em fios pelos cantos da bocca. O nosso bello comilão não se descuidava de ajudar a digestão com repetidos copasios, cujas elevadas bordas continuamente afogava, e cujo fundo sem cessar expunha ao vento.

— Olha o velho Jorge!... diziam os rapazes, mofando do velho Jorge, que por seu turno nenhum caso fazendo delles, só lhes respondia entre o estrondo de risadas ébrias :

— Obrigado, obrigado...

— Minha senhora, quer que a sirva com um pouco d'este bello guiza lo ? deve estar superlativo.

Assim assoprava a voz adocicada de um bello gamenho todo cheio de si !

— Pois não ; si se não incommoda...

— Oh, minha senhora ! .. antes com muito gosto. Eis aqui.

— Minha senhora, á saude das pessoas que lhe estimam.

— Viva.

— Sr. Jorge, á saude do Augusto e da sra. d. Laura.

- 
- Oh ! a esta sou obrigado.
- A' mesma.
- Vivam os noivos.
- Vivam, vivam os noivos.
- E que seja por muitos annos, e com muitas felicidades.
- Dos noivos bebo á saude.
- Bravo o verso, bravo...
- Então quem improvisa?... ninguem?
- Então, meus senhores : pois n'uma rapaziada tão luzida não ha quem improvise uma decima ?
- Toca a roer as unhas...
- E' boa inspiração ..
- Um dos da companhia bate as palmas e pede attenção.
- Silencio, meus senhores, silencio...
- Cio... cio... silencio...
- Silencio...
- Oh ! ..
- Silencio...
- Tudo está calado.
- Mas não o senhor.
- Silencio, meus senhores...

Houve um momento de silencio, e logo uma voz disse :

— A' sou poeta d'agua doce, então até quando quer que estejamos calados ?

Entre o estrondo de longas risadas alguém disse :

— Ora, meus senhores, silencio por um momento...

— Ah ! gosta de versos, minha senhora ?

— Muito.

— Então caluda ; a sra. D. Julia gosta muito de versos.

— Sinto não ser poeta, minha senhora?

— E para que ?

— Para cantal-a em um lindo epicedio.

Dois da companhia sorriram-se, quatro ou seis tiveram um frouxo de riso e o nosso pedante, mais espantado, lhes diz :

— 'Porque riem ? disse eu alguma coisa má ? fazem obsequio de dizerem ?

— Não ; muito pelo contrario : é tão bom o que disseste, que nos obrigou a rir...

— Mas os senhores fazem-me desconfiar.

— Bravo, bravo, desconfiou, desconfiou

Hoje dir-se-hia mais elegantemente : Deu cavaco.

— Ora adeus ; mas os senhores riem e quem não me entendeu supporá que eu disse alguma asneira.

— Ora, Juca, não te zangues, disse Augusto.

— Então a decima ?

— A ! sim, a decima, a decima...

## MOTTE

*Dos noivos bebo á saude*

### GLOSA

Emquanto sobre esta mesa

Esta bella companhia

Desfructa com alegria

Prazeres da natureza ;

Emquanto.... emquanto...

— Emquanto do estro a magreza...

— Ora, sr. Moura, deixe que o sr. Thomaz acabe a decima... Repita, sr. Thomaz...



- 
- Nada, nada ; não digo mais...
  - Ora, por quem é, sr. Thomaz.
  - Emfim a senhora manda...

## MOTTE

*Dos noivos bebo á saude*

### GLOSA

Emquanto sobre esta mesa  
Esta bella companhia  
Desfructa com alegria  
Prazeres da natureza ;  
Emquanto a gentil belleza  
Conquista aqui peito rude,  
Eu empinando um almude  
De vinho bem generoso,  
Contente, alegre e gostoso  
*Dos noivos bebo á saude.*

- Bravo, bravo .. viva o Thomaz ..
- A' saude de Thomaz.
- Sr. Thomaz, viva.
- Muito obrigado, minha senhora.

— Agora lá vou eu ; queiram ouvir-me,  
disse um alegre maganão de bom gosto.

— Está bebabo.

— Lá vae verso.

— Venham, venham elles.

— Peior está esta !

— Aquillo é bebedeira.

### MOTTE

*Dos noivos bebo... á saude*

### GOLOSA

— Goloso será elle...

Emquanto certo poeta

( Não sei se já lhes contei ! )...

Faz versos... tambem farei

A minha decima pateta...

— Agora unzinho mais curto.

— Fóra o poeta !

— Ouçam, meus senhores, ouçam, o negocio é serio.

— Sim, sim, acabe.

— O que está dito, está dito, eu continuo.

— Vamos a isso.

Emquanto cada um se affecta...

— O' ~~homem~~ homem, esse tambem nasceu nos dias grandes.

— E' verso e companhia...

— Ora deixe-me acabar.

— E' justo, deixem o senhor acabar.

Todavia o bom do poeta continuou assim :

Enxugando o seu almude  
Entre esta canalha rude,  
Composta de bebarrões,  
Eu cá, com os meus botões,  
*Dos noivos bebo á saude.*

— Bravo, sr Julião, bravo.

— Muito bem, muito bem.

— A' sr. Julião, visto que tambem faz versos, e se diz geralmente que os poetas não se descuidam de beber ; como acontece que o ar

---

do campo desafia muito o appetite, será bom que vnc. quando vier a alguma sucia fóra da cidade seja só...

— Como assim ?

— Quero dizer que não traga outra vez os seus botões, que bebem por doze bebados...

— Bebem como mil diabos ! accrescentou outro.

— Sr. Lucio, disse então uma bella senhora e mui grave, tenho lido em manuscripto algumas poesias suas...

— Nem ha cousa alguma minha impressa, minha senhora.

— Bem o sei : mas não me fará a graça de fazer uma cholchêa a um assumpto que eu lhe der ?

— Não improviso, minha senhora.

— Escreverá; temos papel e tinta bem perto.

— Pois bem, minha senhora, por servil-a.

— Eis o assumpto :

*A mo a quem não sabe amar,  
Aborreço a quem me adora.*

Um respeitoso silencio reinou então, e o aspirante da poesia escreveu e leu o seguinte.

## MOTTE

*Amo a quem não sabe amar,  
Aborreço a quem me adora.*

## GLOSA

Sem um passo recuar  
Bem perto vejo o meu damno !  
E buscando o meu tyranno  
*Amo a quem não sabe amar !*  
O que me busca alcançar  
Então meus fados deplora ;  
Porém quando elle me chora  
Com piedoso coração,  
Lhe insultando a compaixão  
*Aborreço a quem me adora !*

Os bravos e vivas retumbaram por algum tempo: houve saudes, agradecimentos, muitos vivas ao sr. Lucio, etc., etc.

Finda esta algazarra, um dos nossos *patuscos* disse a Julião :

---

— O' Julião, como é aquelle verso da tua decima, que principia : « Eu cá com ?... » Achei graça nestes saltinhos ; é bonito, homem... « Eu cá com... »

Houve muitas risadas, ditos ~~joocosos~~ e alguns picantes, como sempre dizem os senhores que *chalaceam* ; e ainda algumas affrontas indirectas, que são levadas em tom de brincadeiras nessas occasiões.

Os meus leitores mui bem terão previsto que de garrafas se não teriam aqui despejado ! E de certo a alegria era já demasiada !

Tambem os leitores muito bem sabem que toda esta funcção era por causa dos personagens que já optimamente conhecem, isto é, a madrugadora do meu primeiro capitulo, e o manco que a seus pés declarou um terno amor. Tambem já sabem que estes dois personagens chamam-se, elle, Augusto, ella Laura, como todos a tratavam : havia, pois, oito dias, que na matriz de S. José tinham pronunciado seus votos conjugaes ante os santos altares.

Foi oito dias depois dos desposorios, que Augusto convidou aos seus amigos para os ban-

---

quetear, e assim lhe ajudarem a vasar algumas garrafas, o que desempenharam *optimé cum laude*!

Estes mancebos, com poucas excepções, eram destes ~~moços~~ moços de que muito abundam as grandes cidades, isto é, eram alguns destes bellos espiritos de educação mulheril em tudo effeminados, que atam com graça um lenço ao pescoço, que se vestem com elegancia, que dansam soffriavelmente um minueto, que fallam rapidamente sobre materias em demasia serias, que são para elles incomprehensiveis mysterios, e difusa e eloquentemente sobre cousas vulgarissimas.

Findo o jantar, ficaram as damas na sala, e a nossa amavel rapazeada dirigiu-se a refrescar as escandecidas cabeças, que então fumegavam, embaixo de uma velha mangueira. Sigamos-lhes os passos até alli. Os nossos jovens eram dos que *arrancham a má lingua* o seu tanto ou quanto. Neste lugar fallou-se em tudo o que se passou na mesa, quem comeu muito, quem bebeu em demasia, quem se esquentou, quem ficou bebado, as damas que namoraram, os

mancebos que fizeram côrte, a quem, etc., etc., etc...

Ora, como em todas as funcções ha sempre um bobo, e ha gente tão descerada que se embebeda ou finge-se bebada, para com esse pé dizer o que sabe e não sabe, mentiras e verdades; era um tal André quem, com bastante graça, desempenhava esta infame parte. Cada um por seu turno lhe fazia a sua questão, a que o obsequioso André satisfazia benevolo e com diligencia.

— O' André, que te parece o Lucio ?

— Um moço que lê alguma cousa, que tem mui pouco talento e muito orgulho; bastante desconfiado e algumas vezes atrevido.

— Obrigado, sr. André...

— Oh ! não ha pelo que.,.

— E o Raymundo ?

— Oh ! celebre creatura ! parece-me nascido de proposito para um grande proprietario de muitos bens de raiz; não ha genio mais soffredor ! Lá para elle, estes respeitos humanos, pundonores, etc., são uma verdadeira chimera ! Que feliz homem ! Que philosopho !



— Que dizes de Sebastião ?

— Que muito perde a justiça em o não ter como espião, porque nada vê que não conte.

— E o Julio ?

— Oh ! ~~em~~ suas fumaças de honrado e de fallar a verdade, anda gordo.

— Que lingua !

— Ora, isto é gracejar...

— E o Luiz ?... olha, á vem elle...

— Oh ! nada de fallar nesse senhor, que tem mania de valente.

— E o Aurelio ?

— Caspite ! O moço bonito que leva ao espelho tres a quatro horas !

— E que dizes do Bernardo ?

— O namora paredes ?

— E o Florindo ?

— Oh ! é um senhor que sabendo apenas ler, falla em todas as materias; até as vezes falla em francez e entende o latim ! dansa mal um minuete e mal arranha uma viola, a cujo som canta algumas velhas modinhas, e tem a gloria de agradar a todas as damas !

— E o Ribeiro ?

— Ora quem falla n'um cantador de modinhas ?

— E o que dizes do Mendes ?

— Que sem instrucção é o nosso Aristarcho ! ..

Esta cruel maledicencia pertenceu a muitos, assim ausentes, como presentes, até que um dos da sucia, gostando mais da variedade, disse:

— O' André, que dizes de d. Geraldina ?

— A namorada do Julio ?

— Como ! e o Augusto ?

— E o Lucio ?

— E o Florindo ?

— Diabo d'aqui a pouco tem um cento !...

— E d, Henriqueta ?

— Ah ! essa tem sempre um unico namorado, com a differença que tem no dia uns quatro ou seis, tbem entendido, cada um por seu turno.

— E d. Elvira ?

— E' uma menina que morre por casar...

— Que lingua do diabo !...

— E d. Justina ?

— Ora não falles nisso ! uma velha que se lhe metteu em cabeça namorar e casar-se...

— E aquella que passou agora ?.. olha, ainda alli vae.

— Oh ! muito respeito! quer namorados ricos, como d. Angelica quer nobres, d. Margarida militares e d. Bernarda filhos de fóra l..

— E d. Juliana ?

— Oh ! nada, nada de fallar em senhoras casadas...

— Não era preciso que m'o dissesse porque eu não fallaria nella, que além de casada é minha parenta... porém uma senhora casada não deve namorar...

— Ora com effeito ! é certo o rifão — que o fallador quando não tem de quem fallar, falla dos parentes !

— André, não será a unica casada que namore que dizes, hein ?

— Oh ! bagatellas... uma ligeira distração.

Esta immoral scena durou até o cahir da noite, tempo em que esta luzida mocidade foi convidada para uma sala, onde por muito tempo dançou-se, cantou-se, etc. Notemos, porém, que só as senhoras tinham cantado, quando alguem pediu a Florindo, que cantasse uma modinha,

---

O nosso presumido gamenho esquivou-se com estudada cortezia, até que rogado fosse por alguma senhora; elle o foi, e o namorador profissional, juntando uma debil voz, bem que entoada, ao som de uma viola, cantou o seguinte:

## MODINHA

Si quando ainda eras livre  
Eu te visse, ó linda flor,  
Ou tu serias só minha,  
Ou eu morrera de dor;

Mas si quebrares  
Tens duros laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.

Reparte ainda commigo  
Metade do teu amor;  
Um teu sorriso é bastante  
P'ra terminar minha dor;

---

Mas si quebrares  
Teus duros laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.

Muitos bravos, muitos vivas, muitas palmas soaram por toda a sala; ao depois alguém perguntou a Florindo quem era o autor da bella poesia que acabára de cantar ?

— Eu mesmo, minha senhora, disse o gabola.

Nada, porém, mais falso, pois que o impostor apenas tinha feito n.s versos algumas alterações com seus fins...

A modinha, pois, era deste modo:

Como permittiu meu fado  
Que eu te visse, ó linda flor,  
Ou sê minha eternamente,  
Ou eu morrerei de dor.

Commigo tece  
Ditosos laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.

O primeiro verso da segunda quadra era:

Reparte, meu bem commigo.

Tudo o mais do modo como se vê acima.

Uma senhora honrou tambem a companhia com sua agradavel voz, acompanhada por seu psalterio. O divertimento durou até tarde. E' isto o que se chama em nossos dias bailes; convém saber, uma sala de innocentes divertimentos onde uns dansam, outros tocam, estes comem, aquelles bebem; de um lado jogam, d'outro conversam, os moços namoram, os velhos murmuram, e entre os convidados ha uns que vem e ouvem muito, assim como outros surdos e os cegos inteiramente.

O divertimento durou quasi toda a noite; dormiu-se até tarde, e no outro dia depois do almoço desfez-se a companhia. Florindo antes de retirar-se depoz nas mãos de Laura um papel escripto: e o que era elle ? os versos da modinha que cantára e que ella lh'os havia pedido.

A mór parte dos meus leitores tendo acabado a leitura deste capitulo, dirá: « Certo que era bem escusado este episodio; eliminado elle

---

deste romance nenhuma falta pôde causar. » E em verdade eu proprio já o disse a mim mesmo, porém considerae-o como um fundo escuro do meu painel, e entretanto mais salientes serão os traços coloridos de minha pintura.

Lembrae-vos ainda, que é á custa de alguns sacrificios que se descobre a verdade. Lembrae-vos da minha epigraphie neste capitulo. Ha muita gente, e gente de juizo, que diz que não tem tratos familiares, nem em sua casa banquetea senão a gente seria e bem educada. Perguntae-lhe se tem razão ?

Depois da leitura deste capitulo, ou antes no principio do subsequente, figurae-vos que mais de trezentos e setenta dias se tem passado depois destas nupcias, e que o pae de Augusto, o velho pescador, ja não vive.

---





## CAPITULO IV

### DEUS É GRANDE

O decurso de alguns annos não é a melhor prova d' amisade, e nem tão pouco uma liberdade familiar, isto póde tadavia provar uma tal ou qual confiança; mas não uma dedicação augusta capaz, dessas extremas virtudes, que tanto embellezam a amisade e ennobrecem seus fins; capaz desses sublimes sacrificios, que elevam o coração humano até a bemaventurada orbita da suprema ventura de uma santa amisade. Uma experiencia a tempo é talvez o melhor toque para esse ouro tantas vezes falsificado. Uma amisade que não tem em seu favor senão o tempo, será um affecto, mas tão sómente em potencia (permiti-me a expressão), uma amisade que tem em seu favor a experiencia é um affecto em acção ! A's vezes um ente bem desprezível, pelo seu estado, nos é mais favorel que um a que chamamos amigo, e quem respeitamos !

— Fogo... fogo... fogo... — Era este o grito que partia de todas as boccas dos vizinhos de Augusto !

O sino da igreja de N. S. da Copa-Cabana

---

parecia estalar-se ao som de repetidas picadas. A gente corria, como louca, e como sem destino: — Onde é o fogo ? — Era esta a geral pergunta que mutuamente se faziam. A princípio: — Não sabemos — era a resposta, e pouco depois: — Em casa de Augusto. — Todos começaram de affluir para aquelle ponto. Em menos de um quarto d'hora já ninguem ignorava aonde era o incendio, e passados mais alguns minutos a casa de Augusto estava rodeada quasi por todos os lados de pessoas e de chammas !

Era horrivel de ver !

Lastimoso, e terrivel espectaculo !

Dirieis que as chammas tinham sido lançadas de proposito, pois que principiando quasi pelos angulos do edificio, e lavrando por todas as faces d'elle, já se desesperava de o salvar: tão adiantadas estavam por toda parte !

As chammas tinham já envolvido toda a casa; a viração d'Oeste soprava um tanto rija, circumstancia que muito favorecia ao fogo, que já com impetuosa vehemencia rompia pelo telhado em azuladas labaredas, que em grossos turbilhões enroladas em rolos de fumo negro lambiam os

ares quasi chãuscando as nuvens ! Ouvia-se o retinir da ardente caliza, que despedaçada estavava a terra com fumegantes estilhaços ! Uma grossa trave, cujo centro era consumido pelas chammas, acabava de arrebentar-se com horrisono fracasso, e ao mesmo tempo que ella se dividia em duas, e as pontas queimadas vinham topar em terra, a crepitante labareda tambem se repartia em duas correndo cada uma para os extremos superiores dos pedaços da rota viga, que acabava ha pouco de ser uma unica. E, a essa horrivel laceração, uma grossa parede, que acabava de desabar, unia o pavoroso retroar de seu ruinoso tomo, cobrindo o chão de calhãos, de despedaçadas telhas, e de destroçado madeiramento !

A noite ia adiantada, era medonha, e ameaçava proxima borrasca ! Ajuntae a este quadro de desolações, e de horrores o importuno clarão das chammas, o verde pallido do mato, que simulava descorar medroso diante de tanto estrago, os confusos gritos dos circunstantes; e vós tereis uma verdadeira imagem do inferno !

— Onde está Augusto ? onde está Augusto

— esta pergunta estrondeava por toda parte: e de facto Augusto não apparecia !

No meio de sua familia, uma mulher se havia escapado ás chammas: ella se achava no mais completo desalinho; seus caballos em desordem, seu rosto pallido, seus olhos espantados; tudo nella era confusão ! Dirieis que alli estava uma victima de um doloroso remorso, ou de uma desesperada dor ! Era Laura !...

Algumas pessoas se dirigiam a ella, e lhe perguntavam por seu marido. Laura, como em um delirio, dizia tremendo, e cheia de uma horrivel agitação:— Meu marido !...

E depois de um silencio inqualificavel soltava, como em loucura, um grito desconcertado exclamando — Meu marido !

Augusto não tinha sahido de casa nem antes, nem durante o incendio; e elle não apparecia e ninguem dava noticias delle !

No meio desta confusão, via-se um escravo preto correndo sobre uma parte do edificio, que o fogo até então tinha respeitado; elle para diante de uma janella, ergue um machado que trazia, descarrega-o sobre ella, e ao segundo golpe

---

a janella foi escalada. O negro, ligeiro como um gato, salta por ella para dentro da casa abrasada e desaparece l...

Havia algumas pessoas sobre o telhado dessa parte ainda intacto, que buscavam, já cortando, já lançando grande quantidade d'agua, salvar ao menos esse logar; entre ellas era Florindo, o amigo de Augusto, que já conhecemos, e que em sua casa se achava nesta occasião, o que mais se distinguia.

A janella por onde saltou o escravo, collocada a um canto da casa, era unida á parede de uma meia agua, que servia de cozinha. Infelizmente já o fogo tinha ahí feito não pequenos estragos. Pouco tempo depois a cabeça de um negro foi claramente divisada dentro da casa, e junto á janella dita: era o escravo, que observava si as chammas lhe dariam passagem pela mesma janella que escalára.

Por fatalidade a viga que prendia a cozinha ao corpo da mais casa, unico ponto que a sustentava, acabou de estalar em um logar consumido pelas chammas. A meia agua, já muito abalada pelo fogo, desmorona-se sobre a

---

casa para o lado da janella, deixando-a sepultada em buxo de suas ruinas !... Ao estrondo deste baque seguiu-se o de afflictivos gritos: — João !... — era o nome do escravo; e os espectadores o julgaram abafado debaixo de tantos destroços ! Dois ou tres minutos ao depois, João trazendo sobre suas costas Augusto, que estava desmaiado, disputa com a morte tanto a sua vida, como a de seu senhor, abrindo caminho por entre chammas !

Mais quatro passos, elles estariam salvos: porém essa salvação parecia impossivel !

Era por uma porta que dava sahida para o jardim, que João intentava a passagem, e por sobre um montão de ruinas, debaixo das quaes as chammas lavravam abafadas; o negro tropeça sobre ellas e sustenta-se; um páo escorrega sobre outro, este madeiro rola de sobre aquelle, a pilha de ruinas desfaz-se, espalham-se os combustiveis; uma espessa columna de fumo se ergue, e logo um diluvio de fogo, que até então estava como supitado, cujas horrorosas linguetas occuparam todo o vão da porta ! Entre esta confusão apenas se ouviam os gritos de — Augusto..

João... murmurados pelos espectadores desta afflictiva scena !

O preto recúa, elle parece perdido, sem remédio, mas não desanima. Para maior desgraça a parede mais vizinha d'este doloroso quadro ameaça baquear sobre os dois... um unico canto da sala era o unico lugar ainda não invadido pelo fogo, João abrigou-se nelle: a parede desaba em fim com ruidoso estrondo ! e esta mesma parede que parecia destinada pelo genio das ruinas para perder a João, e a seu senhor, é a mesma de que uma poderosa mão se serve para conservar-lhes a vida ! A parede pois cahindo sobre as chammas as abafa por um momento ! Será isto um feito milagroso, ou um um feito natural ? Será isto acaso, ou providencia ? Seria a mão do homem quem ateou essas chammas, e derribou essa parede, ou a mão de Deus ?

A mão do homem podia accender essas chammas, a mão do homem podia precipitar essa parede, mas um só dedo de Deus era de sobra para arrancar do meio do incendio duas victimas que em breve iam ser pasto do fogo ! Deus é grande.

Todavia, as chammas se abafam por um momento, e João, opprimido de sua querida carga, passa incólume por sobre uma ponta de ruinas assentada sobre um oceano de fogo !

O generoso escravo não tinha bem chegado no meio do terreiro, quando um pedaço de um grosso caibro partido do telhado com enorme força, lança por terra os dois, que as chammas haviam respeitado !

---



## CAPITULO V

### É UM HOMEM QUE VINHA FALLAR COMMIGO

As relações sociaes variam sempre, segundo os estados, tempos e circumstancias: o que em um tempo, em um estado, em uma circumstancia póde ser crime, n'outros póde ser virtude. Quando eu vos disser uma verdade, que não devia ser ouvida, vós tendes direito de chamar-me inconsiderado; mas quando vós me dizeis uma mentira necessaria, eu vós chamarei prudentes: dizer, pois, que uma mentira é sempre um crime, é calumniar a humanidade.

Tudo está mudado ! Passageiro que ha pouco passeiavas por esta praia, tu alegravas teus olhos n'uma bella casa elegantemente construida sobre aquella collina, cuja pittoresca vista dominava alegremente por estes lindos e encantados contornos !...

Agora, pára ante estas medonhas ruinas; cruza teus braços no meio desse montão de cinzas;

interroga esses dispersos restos, pergunta-lhes si foi a mão de Deus, ou a mão do homem quem os dispersou arruinados no meio de crepitantes e convulsivas chammãs ? Mas elles não te saberão responder !...

Pergunta a essas ondas, que com incessante furor vêem expirar, despedaçando-se de encontro á molle arêa desta praia, pergunta-lhes; mas debalde serão teus echos e sua resposta será um rouco gemido, que tu não sabes interpretar ! Pergunta aos campos; elles não sabem ! pergunta á brisa; ella sussurra e foge !...

E então que vêes ? as ruinas de um bello edificio ! os despojos das chammãs ! e a dolorosa lembrança de tantos estragos e de tantos prejuizos !

Essas antigas montanhas, venerandos monumentos da primitiva natureza, terão tambem um dia de horror, uma hora de flagello, um instante de incendio ! Esses velhos rochedos, timbres seculares da infancia do mundo, terão tambem um dia medonho, uma hora de ruinas, um momento de incendio ! Oh ! que então soará um golpe desconhecido para a humanidade, e ao

---

som delle será o ultimo existir desses milagres da natureza ! mas tu não conhecerás a mão que lavra o incendio, tu não verás o gigante que arrebatou os penedos ! E tudo passará !

Ha poucos dias uma bella passeiava pelas alegres ruas de delicioso jardim, como nos pinta a antiguidade as gentis nymphas campestres passeiando pelos floridos prados ! Brincões meninos corriam por estas ruas de flores, entre canteiros de agradaveis arbustos, ou se escondiam brincando por baixo destas risonhas ondas de verduras, ou se penduravam travessos nos curvos ramos das viçosas arvores ! E hoje ?... Como está tudo deserto !

Era aqui que todos os domingos reuniam-se em uma risonha sociedade uns poucos de manebos, dados a toda sorte de divertimentos, de dansas, de cantos, de banquetes, de jogos, etc. E hoje como está tudo mudado ! Apenas uma meia duzia de artistas são, durante o dia, os unicos habitadores dessas ruinas; e durante a noite a immobilidade de uma cidade deshabitada, assolada pelos horrores de um terremoto, a solidão do mais inconversavel ermo, e final-

---

mente o silencio dos sepulchros ! Como está tudo mudado ! Aqui, pois, precedido de um turbilhão de fogo acabou de passar o genio das ruinas ; Como está tudo deserto !

Passageiro, procuras uma familia, que, ha pouco tempo, habitava aqui onde então havia uma bella casa ! ella aqui não está... Queres vel-a ? vae á cidade.

Augusto tendo deixado sua mulher conversando com seu amigo, na sala, retirou-se para seu quarto: tranquillo em sua cama dormia o doce somno da paz, quando o incendio principiou com seus horriveis estragos: sua mulher e seu amigo fugiram talvez no meio deste horror ! Quem sabe si elles suppunham que Augusto já se tinha posto a salvo ? Como quer que fosse, Augusto tinha o somno sobremodo pesado, e acordando-se quasi no meio de chamma e de fumo, perdeu os sentidos no momento que uma salvadora mão travava delle, para, desejosa de o salvar, baldar á morte a victima do fogo !

Augusto, pois, está salvo; nós o tínhamos deixado, perdidos os sentidos, no meio do ter-

---

reiro, mas o cuidado dos caridosos vizinhos o restabeleceram. Senhor de todas as suas faculdades, elle contempla o incendio, observa tantos estragos com a indifferença de Zenon, e apoz solta o desprezador sorriso de Diógenes !

Augusto fez seus escravos recolherem na casa de um seu vizinho os poucos bens salvos ás chammas, e ahi tambem se aboletou com sua familia. Seu amigo Florindo teve o cuidado de pôr á sua disposição, na cidade, a sua casa, ou antes de seu pae, ao que urbanamente recusou-se, não querendo offender o meliadre do amigo, cuja casa era a em que se achava.

No seguinte dia elle escreveu para a cidade a um de seus inquilinos, para que logo e logo despejasse as suas casas, attentas a circumstancias em que então se achava. Oito dias depois do incendio, Augusto e sua familia estavam na cidade.

Sabemos que ha mais de anno Augusto está casado; tambem sabemos que elle ama extremamente a sua mulher; mas o que não sabemos é si elle é porventura do mesmo modo amado. E como sabel-o ? por exteriores provas ?

---

Oh ! não. Respeitemos o coração humano em todos os seus mysterios !

Só os levitas de Israel podem tocar na Arca Santa do Senhor ! E ai d'aquelle que ousar de tocar-a com impura mão !

O coração humano é a arca santa de amor, e só os amantes a podem tocar ! Oh ! não profanemos a arca santa de amor ! O amor, tem sempre os seus arcanos em todos os corações, o coração de uma mulher é um labyrintho incomprehensivel, cujos rodeios não podem ser percebidos nem pelos genios os mais vastos e lidadores ! não entremos pois n'esse labyrintho, onde devorar-nos pôde o Minotauro do orgulho, sem que valer-nos possa o prestante fio da humildade !...

Si Augusto não é amado por sua mulher, quem melhor nos poderá dizer do que o tempo ?

Elle tudo sabe...

Augusto era extremosamente amante de Laura, e ella extremosamente formosa, e mais extremosamente orgulhosa de seus encantos !

Os desejos dessa mulher oram para elle

---

leis imperiosas, ás quaes se sacrificariam as mais absolutas necessidades ! Prever os desejos de sua mulher, e satisfazel-os incontinentemente, era para este bom dos bons maridos a maior felicidade da terra ! ~~Laura~~ Laura, por sua parte, de um genio nimiamente rispido, caprichosa, mal educada, além de atrevida; pagava *dignamente* a seu marido as dividas que sobre sua gratidão contrahia todos os dias um tão estremecido amor ! A principio o seu bom marido reputava os atrevimentos de sua mulher por bellas vivacidades de uma senhora de talento... Sendo ella sobremaneira orgulhosa de seus encantos, parecendo até não amar a seu marido, era sobremodo ousada em seus desabridos ciumes !.. celebre contradição !

A's primeiras audacias de sua mulher, Augusto respondia com beijos repudiados ! com abraços não correspondidos e emfim com rejeitadas caricias !

Foi muito tarde que Augusto reconheceu a sua falsa posição de marido ; foi muito tarde que quiz ostentar a sua autoridade ou supremacia conjugal ! Muito tarde, porque a talentosa Laura respondendo-lhe com uma galhofeira

---

risada, offereceu-lhe galantemente as suas saias em justa troca de seus calções !

A'lém disso, Laura era a mulher dos extremos, porque sempre estava ou muito distrahida ou muito preocupada, e muito mal iam os negocios domesticos. Cumpre accrescentar que ao mais leve aviso que seu marido lhe fazia, e inda com carinhos, ella tornava-se de fogo. Já vêdes, era uma moça de talento !

As delicias deste consorcio só foram nos tres, ou quatro primeiro mezes, e os oito que se seguiram a completar-se um anno, foi um consorcio de tormentos pela razão dita. Quantas vezes Augusto não teria dito : « Oh, meu pae ! »

Eis si não quando, repentinamente, e contra a especiação de todos, Laura começou a fazer uma mudança consideravel, de modo que os mezes, que se seguiram depois do primeiro anno, foram dias de tanta quanta ventura pôde gozar-se na terra entre os amantes braços de uma amavel consorte !

Augusto, pois, se julgava bem feliz ! sim, que sua mulher havia perdido todos os seus máos costumes, ameigando inteiramente o seu



genio ; e pôde ainda dizer-se que de todos os seus defeitos só um lhe ficára, o ciúme, porém este, que parecia haver refinado em intensidade, tinha inteiramente afracado em seus furores ! Sim, que esse ciúme agora só parecia um affecto brando, filho de um amor extremoso, ou antes de um terno affecto mais do que delicadamente sentido, que era esse amor agora tão suavissimo !

Vós direis sem duvida : « Laura ama a seu marido ! » Pois bem. Não vos dizia eu que respeitassemos o coração humano em todos os seus mysterios !

Augusto<sup>o</sup>, pois, se julgava bem feliz, e nem indagar queria o motivo da mudança de sua mulher ! ..

Como é mysterioso o coração do homem ! Sofremos um damno, sabemos que elle nos vem de uma certa mão, que não conhecemos ; esta idéa de não conhecermos o autor de nossos males os faz avultar em extremo ! A lembrança de que ha um mortal, que causou nossas desgraças é para nós uma idéa terrivel ! Quizeramos conhecê-lo para vingarmo-nos, ou ao menos odial-o

---

com um odio do inferno ! E, si já não vivesse, para, si mais não pudessemos, amaldiçoar seu nome, detestar sua memoria e aborrecer seus decedentes ! Este desejo de vingança, este sentimento de odio são os nossos pensamentos do dia, e os nossos sonhos da noite ! O damno desaparece, tornamos á felicidade, e todavia resta em nossa alma um sentimento de rancor, e em nosso coração um resentimento de odio ! Recebemos, porém, um beneficio, e por elle gozamos a felicidade ; seu autor nos é desconhecido ; no momento do entusiasmo de uma gratidão momentanea desejamos ardentes conhecer o nosso bemfeitor, malogra-se o nosso desejo, e pouco tempo depois nem nos lembramos que ha, ou houve uma caridosa mão que benefica nos felicitára !

Outras vezes conhecemos o nosso bemfeitor, e tratamos com elle quasi sempre... Todo homem tem suas imperfeições, e o homem bemfeitor pôde ter a respeito do seu beneficiado alguma imprudencia, e isto é de sobra para que passemos a esponja da ingratidão na longa pedra em que estão inscriptos tantos beneficios !

Vós me perguntareis si a ingratidão é em nós um instincto, e si o agradecimento nada é mais do que o producto de um estudo ?

Esta idéa, cuja these se poderia sustentar, talvez com successo, permitti que eu não a desenvolva ; mas vós vêdes que os brutos por natural instincto, apenas desnecessitam dos soccorros maternas, deixam para sempre os autores de seus dias : é o instincto da propria conservação que liga os meninos áquelles que os pensam, sem a menor idéa de gratidão ; e todavia o menino que pende do seio, ergue uma tremula mão para tocar naquella que o amamenta, e algumas vezes, com ainda fracos dentes, morde o seio que o alimenta !

Ainda assim, si o agradecimento é um dos mais bellos filhos da educação social, nós somos bem felizes !.. Sim, detestemos os ingratos, que empestam a sociedade ! não é preciso que sobre sua testa estampemos ardente o negro ferrete da infamia, é muito que lhe digamos : « Tu és ingrato ! Tu és um bruto que, debaixo de uma fórma humana, vives na sociedade dos homens ! Tu és ingrato... esta palavra de condemnação e

de opprobrio revela toda a perversidade de teus costumes ! Tu és ingrato... opprobrio sobre ti ! maldição, maldição ! »

Já sabemos que a casa que em Copa-Cabana fôra incendiada se acha reedificando ; cumpro agora que vos diga que Augusto alli vae quasi todos os dias a ver suas obras.

Durante tres mezes em que elle costumava a ir to las as manhãs, só cinco vezes lá tinha ficado, por se não expor ás injurias de horrivel tempestade; e sua mulher já estava assás prevenida para que não esperasse em noites de grandes tormentas.

Uma tarde, era no mez de janeiro, seriam tres horas, mais ou menos, quando se começa de ouvir os roucos estrondos de amiudados trovões; um frio vento do sul principia a soprar com inusitado desmaudamento; o céu immediatamente se cobre de procellosas nuvens; copiosa chuva açouta as azas dos ventos; farpados relampagos abraçam os ares, enquanto crepitantes raios despedaçam o seio das nuvens ! Parecia que a natureza tinha cansado de existir, e que, como o derradeiro lampejo de chamma que ex-

pira, por ultimo empenho, punha em jogo todos os seus horrores, afim de lacerada por toda parte, tombar para sempre no tenebroso abysmo do primitivo cahos ! Dirieis que era um drama de demonios, que se representava no inferno !

Pouco antes das onze horas da noite a borrasca havia cessado. Tudo era tranquillo e bello, como uma noite serena de magica primavera ! Laura em seu quarto dormia ou velava; nós o não sabemos, nem nos é licito penetrar no respeitavel sanctuario dos casados : dormia ou velava... Tudo estava em socego...

Traz... traz .. traz...—São tres golpes que soaram sobre a porta da casa de Augusto... Laura os ouviu... Silencio... tudo é silencio... Talvez que Laura não esteja ainda bem acordada...— Traz... traz... traz— Agora foram mais fortes ! Laura estremece... e porque ? Mystério !... Ella ergue meio corpo, e com somnolenta voz falla :

— Qu... em... ba... te ?

— Manda abrir, Laura.

— Augusto !!!

Ella mormurou. Certo o não esperava.

---

Pouco tempo depois a porta foi aberta e Augusto entrou.

— Como ! com tal tormenta ?...

— Ah, vim antes do meio-dia, por causa de negocios. A tempestade apanhou-me já na cidade, em casa do Thomaz, e agora, depois que serenou, é que pude vir.

Este pequeno dialogo, entre o marido e a mulher, terminou aqui.

Augusto, talvez a pedir agua para lavar-se, encaminhou-se á cozinha: ao chegar á sala de jantar, um vulto embuçado em seu capote saltando por sobre o muro do fundo, que dividia a sua casa da do vizinho, vingava-o para o lado opposto...

— Quem vae ahi ? quem vae ahi ?

Era tarde ; o nocturno já se tinha posto a salvo. A cosinheira, escrava preta, era a unica que na cozinha então velava: é logo presa por seu senhor, e interrogada sobre o fugitivo aventureiro...

Laura apparece ao mesmo tempo, e quer saber o que vae... A escrava é ameaçada para

---

que confesse a verdade; ella treme, balbucia e falla:

— Perdão, meu senhor... perdão... E' um homem que vinha fallar commigo...

A escrava era uma crioula moça e bonita...

---





## CAPITULO VI

TALVEZ QUE ELLE TIVESSE TANTO QUE FAZER  
AINDA SOBRE A TERRA...

A derradeira desordem de uma vida é, em algumas occasiões, a desordem de outras.

É em algumas vezes no reino da morte, e na profundidade do sepulchro, que vae assentar suas bases a felicidade de uma ou de mais vidas.. Mas quem sabe si tão profundo é o sepulchro, que por longo tempo possa sustentar essa base. .

O sino do convento de Santo Antonio voltando sobre si proprio, parecia dizer aos fieis em lugubres e lamentaveis sons:—Orae...oraes...  
oraes...oraes...

A arêa equivalente á vida de um mortal, collocada na parte superior d'ampulheta dos destinos, tinha acabado de escoar-se, e o anjo da morte havia presidido attento ao deslizar extre-

---

mo do final bago, cuja terrivel consequencia importava o ultimo esvaecer do halito vital do derradeiro luzir da scentelha da vida de um mortal !

Um tempo foi essa desastrosa quêda, e a tremula mão do anjo da vida abrir o vasto livro da natureza, e passar sobre um nome, alli inscripto, um negro traço que symbolisava a eternidade !...

O anjo da morte havia gravado com seu erre e inexhoravel stylo o nome de mais um mortal sobre uma negra pagina do tremendo livro do peccado ....

Ha pouco existia um mancebo que se julgava feliz, que era rico, forte, robusto e que vivia no centro do prazer ! pouco depois um moribundo, e agora um corpo sem vida ! Oh ! uma morte subita ! Como é doloroso ! Que resta ? um corpo sem vida e uma familia desolada ! Em pouco mais de um anno, quantos acontecimentos ! Umas nupcias, o natalicio do um marido, o natalicio de uma mulher, um incendio e uma morte ! E, pois... não são cinco Testins ? Certo são cinco banquetes : tres dados

por um amigo a seus amigos; um dado por uma desconhecida mão ás chammas, e o ultimo emfim dado pela morte aos vermes do sepulchro. E, pois...são cinco festas, cujo principal personagem abiteendes no seu ataúde ! Cinco banquetes...e assás de iguarias !...

E o que resta ? Uma familia desolada, uma viuva em luto, a dor dos parentes e a saudade dos amigos ! Oh ! tudo passára como o respirar saudoso de fugitiva brisa ao travez dos ramos da floresta ! Tudo passára, como o rapido lampejar do rai ! Tudo passára, como o primeiro sorrir de uma virgem, que pudibunda foge ao gentil mancebo por quem seu coração já soffre um amiudado latejar de amor !

Oh ! tudo... e tudo passará ! só a lousa do sepulchro é eterna ! só o dormir de morte não passa ! O ferrenho esquecimento alargará daqui a pouco o vasto circulo de sua immensa orbita, e esse cadaver e esse tumulo entrarão tambem por seu turno em seu duro e sempiterno dominio !... Oh ! tudo passará !

Um funebre prestito, tendo galgado a lajeira de Santo Antonio, acabava de entrar na

capella dos terceiros da penitencia; o negro altar dos defuntos recebeu um feretro, funereo involucro dos restos mortaes de um mancebo.

As abobadas do templo retumbaram ao som triste dos melancolicos palmos dos mortos, entoados pelos sacerdotes do Senhor. O incenso dos finados volveu em torno da arca funeral; ouviu-se o tremendo — *Dics iræ* — e finalmente poz termo á dolorosa cerimonia do enterramento o amargurado — *Requiescat in pace*.

E' noite. O templo está deserto e os altares em trevas; apenas solitaria alampada lançava de amortecida luz um pallido clarão, como o da unica chamma da luz da agonia: era essa alampada a que só ardia contra o altar-mór, em frente do sacrosanto sacrario. Que solidão! As portas da igreja estavam fechadas; ermo todo o espaço do templo. Silencio, tudo era silencio!... Nem um vivo perturbava a tranquillidade dos tumulos, nem um interrompia o mysterioso divagar das sombras... nem um... oh, não... não; que a despeito do horror que no alto da noite inspiram os logares sagrados, todavia um vulto embrulhado em seu capote, per-

maneira silencioso e pensativamente recostado sobre um altar.

Quem será elle ? Algum ladrão porventura, que apadriñado pelas sombras da noite, se deixou ficar na igreja, para mais tarde despojal-a de suas mais preciosas alfaias ? Mas o sacristão o viu e com elle praticou ; sua pratica foi familiar... quem será elle ? Oh ! encaminha-se para as catacumbas !... Alli não ha riquezas ; apenas o desengano das grandezas do mundo ? Ah ! é talvez algum amigo do morto, que na solidão do templo, no silencio da noite, vem contemplar pela derradeira vez a sua face pallida, e derramar sobre ella os enternecidos suspiros de sua intensa dor, molhados pelas dolorosas lagrimas da saudade ! Ah ! tu vens chorar ! entra, pois. Como é louvavel esse teu sentimento ! Chora, sim, chora... feliz quem pôde fazel-o ! feliz quem tem um coração terno, um coração compalecido, um coração que tem lagrimas para as mandar aos olhos ! O pranto algumas vezes é tão terno !... tão doce ! e sempre um allivio tão suave para nossa alma !.. Ah ! feliz, feliz quem chora !

---

Vem, entra o arraial dos mortos; passeia por estas solitarias ruas, presididas pelo silencio dos defuntos; olha para esses acanhados gabinetes, onde por seu turno habita, por espaço de um anno pouco mais ou menos, uma porção de carne corrompida e a ossada de um humano! Lê essas inscrições, que te revelam no seu triste—Aqui jaz—a grande idéa da Eternidade e a pequenez da vida; entra depois em ti proprio, e contempla quantas gerações aqui se succederam, e repousaram em somno eterno sobre colchões de pedra, cobertas com a cal da sepultura! Oh! certo não pôde haver logar mais proprio para a meditação, do que o asylo da morte, o extremo abrigo da humanidade! mas tu não vens philosophar aqui, vens chorar. Pois bem, debalde será teu pranto; debalde, que elle não poderá amolgar a pedra do sepulchro! Tuas lagrimas cahirão inutilmente sobre ella, e deslisadas dalli, irão seccar-se confundidas no pó dos mortos, que foi n'outro tempo seres humanos! Teus ais se perderão baldados nos funebres ares das silenciosas ruas da morte! Pranteia embora, suspira... pranteia pranto de

---

sangue, suspira suspiros de fogo, nada poderá remir a infausta victima da morte, guardada *in eternum* em seus medonhos e inexpugnaveis dominios ! Primeiro teu pranto de sangue poderá assoberbar ás nuvens; primeiro teus suspiros de fogo poderão escalar os céos, do que a Morte entre contigo na mais leve composição a respeito de sua presa ! Poderás tu resuscital-a ? Poderás com teu pranto de amigo ?... Feliz si o fizeres, entra. Elle não estava aborrecido de viver e amará a sua resurreição ? Quem sabe ? talvez que tivesse tanto que fazer ainda sobre a terra... De feito o homem do capote dirigiu seus passos para as catacumbas e entre ellas buscou a que acabava de ser hospedada por um novo morador do paiz dos finados. O sachristão da igreja procurou o nosso desconhecido, e pouco tempo depois elles já não se achavam nas catacumbas.

Nada podemos saber do que fizeram nesta região funebre; nem ainda a que foi ao templo o vulto do capote. Nós o seguimos até a sepul-

---

tura do recente findo, e até ahí acompanhamos o sacristão da igreja. Uma série de notáveis acontecimentos os arrancou a nossas vistas.

Era meia-noite; a taes deshoras tres vultos si escoavam pela ladeira do convento de Santo Antonio; vejamos si os conhecemos: mas como? elles parecem pôr peito a que ninguem os conheça; embora: e que temos nós com elles? mas sigamol-os. Entram em uma casa... sua porta fechou-se sobre nossas vistas.

---



## CAPITULO VII

### E NESTE LOGAR ? E NESTA HORA ?

Aquelle que entra em casa alheia por meios occultos, seja qual for o fim que para alli o leva, é sempre um ladrão; porque, ou vae roubar a fazenda, ou a honra, ou um segredo. A casa de familia, que tem uma porta durante o dia e outra durante a noite, não poderá mui eficazmente sustentar sua honra quando a segunda porta a arguir.

As obras da Copa-Cabana se haviam concluido; a casa que outr'ora fôra abrasada e que se reedificava, já se achava prompta; e a familia a quem pertence esse edificio, tendo deixado a cidade, de novo occupava a sua antiga vivenda.

Os prazeres dos bellos domingos se haviam restaurado com a presença dos habitadores desse logar de delicias; as alegrias de outr'ora haviam renascido e tudo se animava, tudo vivia na bella casa da Copa-Cabana mais elegantemente reedificada.

---

Os interessantes pomares de novo tinham um cuidadoso cultivador, o vørgel um assiduo jardineiro, e suas bellas flores abriam seu odoroso e colorido seio para serem colhidas por uma bella mão candida, como a assucena do prado, e formosa como o mais custoso lavor das delicadas mãos de uma donzella que ama, e que o destina para o mimoso querido de seu joven coração, e para murcharem entre os louros e melindrosos cabellos de uma cabeça tão formosa, como o mais bello pensamento de instruido artista cubiçoso de gloria !

Agora, porém, me recordo que uma omissão da minha parte, unicamete filhaedo meu esquecimento, vos dá direito a me pedirdes dois nomes, isto é, o do morto e o da viuva inconsolavel ... Sem duvida grande razão vos assiste em vossa exigencia ; quanto a mim, nada mais me resta do que o dever de satisfazer-vos.

Parece-me que sendo o amor o mais vulgar de todos os affectos, é por isso que sentimos quasi sempre, e ás vezes a nosso pezar, o nosso coração interessar-se pela sorte daquelles que amam ; e mui principalmente quando vemos um

amor generoso, e desinteressado de toda qualquer outra paixão humana. Eu não vos pinteí, é verdade ( ao menos até aqui ), Augusto como um mancebo que movesse em seu favor as vossas sympathias ; mas é tal a susceptibilidade de nossa alma em prol dos que amam, que, desde o momento em que o vistes amando tão apaixonado, tão sincero e de um modo tão generoso, vós, eu bem o sei, tomastes pelos seus destinos um tal ou qual interesse. Oh, sem duvida... — Que ( me dizeis vós ) ! pois o mancebo que acabou de uma morte subita, o mancebo ha pouco sepultado na ordem terceira de S. Francisco de Assis, é Augusto ?! Essa viuva inconsolavel é Laura ? Essa familia desolada é a familia de Augusto?.. — Ainda bem que vós adivinhastes... eu não vol-o queria dizer ; ao menos desejei por mais alguns momentos poupar essa pena ao vosso coração, mas vós penetrastes o que eu tanto, e com tanto cuidado vos quiz occultar. -

Pois bem. Esse funesto acontecimento não podendo pôr termo á nossa historia, o fio della nos leva á Copa-Cabana.

Suppondes que na casa de Augusto vedes

as lagrymas de uma viuva? suppondes que ouvís os suspiros de uma mulher inconsolavel, que amava e extremosamente queria a seu marido? e que essa mulher é Laura? pois è verdade, tudo isso è verdade!

Entretanto fallemos de um acontecimento de certa noite. E' tarde: Laura dorme talvez no fundo do seu aposento, e as pessoas de sua familia dormem tambem ou para isso se apressam. Um rebuçado, coberto com um grande chapèo, tendo o rosto involvido em um lenço de cor escura, ora sobre mansos passos volteja em roda da casa, ora applica o ouvido sobre uma janella, como quem busca escutar o que se falla por detraz della. O que quererá nesses logares desertos e a taes deshoras esse passeiador nocturno? Será por ventura algum malfeito? mas contra quem? aqui só existe uma viuva em pranto, cujo marido hontem retribuiu á terra o que lhe havia tomado por emprestimo... e com ella seus escravos. Quem será? algum ladrão? Certo que nem um estado ou idade merece consideração para tal gente. E neste logar? e nesta hora... Acaso será aquelle rebuçado que

---

outr'ora escapando-se ás vistas de Augusto, em sua propria casa, transpoz o muro em sua fuga ? isto é, o miseravel amante de uma preta escrava, como ella propria havia declarado a seu senhor ? Será o rebuçado das catacumbas ? Emfim cumpre segui-o.

Todavia elle se approxima à janella. A noite vae já em meio; todos dormem, nem um rumor; silencio, tudo é silencio; é o socego da morte, é a mudeza dos sepulchros. A mesma aura da noite, que aliás até alli havia brandamente agitado as folhas das arvores, parecia encolher suas sussurrantes azas, como para espreitar os passos do nocturno : elle chega-se á janella... escuta... e arranha subtilmente sobre ella... dirieis que era o arrañhar de um gato... a janella abre-se repentinamente, o vulto com invejavel presteza salta por ella e cahe dentro. Ao mesmo tempo dois braços amorosos recebem estreitamente... a quem ? ao malfeitor ? não: e, pois a quem ? a um amante ? Não sei. Depois de certificar-me eu vol-o direi.

---



## CAPITULO VIII

E TU ME ARGUES?... TU !..

O criminoso póde esconder seus crimes aos olhos de todo o mundo; nunca, porém aos olhos de Deus, nem aos seus proprios: estes serão um dia a mais encarniçada parte contra a elle, e aquelle um juiz que infallivelmente o-julgará! Uma hora de meditação para o criminoso, é um seculo de infernal supplicio para sua alma: mas ha criminosos tão felizes que muito costumam ter essa hora de reflexão! todavia ella virá.

Desde que comecei esta historia até este ponto, não curei de mover pró ou contra alguns dos meus personagens, ou antes personagens della, a amizade ou o odio. Todavia, si alguma alma nimiamente compadecida se tem interessado por algum dos personagens da minha historia, desde já agradeço-lhe; mas sempre lhe peço que se não engane. Quanto ao odio, contra ninguem desejo movel-o em pessoa algu-

---

ma, pois é paixão que sempre incommoda a quem sente. Além disto, suppondo que não havendo motivos para elle, podemos bem tranquillisar-nos ; mas desde já peço venia para dizer-vos que aquelles braços que ha pouco receberam, e com tão amorosa ternura um amante nocturno, eram os de uma viuva... — Que (me dizeis vós) ! Laura !... — Eu vol-o não tinha dito ; mas como vos antecipastes, não vos poderei negar... e pois, é Laura.

Bem sei que acharies horrivel o ouvir que uma mulher, ha tão pouco viuva, recabá as visitas de um amante ; tambem eu não acho isso muito bonito : mas como negar vol-o ? Sabeis vós a terrivel tarefa de um historiador ? sabeis : então tend paciencia em ouvir-me, que tambem a tenho em narrar-vos. Portanto vamos adiante.

Em face de tudo quanto até aqui se tem dito, e do que (segundo creio) não estaes esquecidos, seria não só inutil, mas até impertimente qual quer reflexão que a respeito deste successo quizessemos fazer.

Estas entrevistas eram repetidas quasi sempre, com a pequena interrupção de dois ou tres



---

dias quando muito ; e acontecia não poucas vezes que o desconhecido dos amores secretos ficava encerrado um ou mais dias no quarto de Laura, e deste modo occulto aos olhos da familia.

Já dois mezes se haviam passado sobre a viuveza de Laura; ella e seu amante viam-se tantas, quantas vezes queriam, sem o emprego do menor artificio, e sem o mais leve receio.

O entusiasmo primitivo deste criminoso amor havia minorado seu tanto, ou ao menos a libidinosa chamma, que abrasava estes dois corações tão impuros, tinha atixado muito de sua intensidade original, consequencia quasi sempre infallivel de um amor criminoso, de um commercio illicito, que de clandestino e medroso que antes fôra, passára a ser exempto de receios e, portanto, livre.

Em uma noite dessas entrevistas o amante, como para distrahir-se á custa de sua bella, pediu-lhe a narrativa de sua historia.

— Ora, é tão simples...

— Embora ; conta-m'a.

---

— Não ha nella algum acontecimento, que mereça attenção...

— E' o mesmo ; sempre terá alguma cousa de notavel. Ora anda... não vês que eu te peço ?

— Pois bem, Escuta. Nasci n'uma pequena villa pouco distante do Rio de Janeiro ; meus paes tinham com que passar soffrivelmente a vida, mas não cuidaram da minha educação ; apenas mandaram-me ensinar a ler, e isto bem mal. Meu pae morreu quando eu contava doze annos e meio de minha idade, e eu fiquei em companhia de minha mãe. Pouco tempo depois, um lindo moço, meu patricio, enamorado de mim, pediu-me a minha mãe em casamento, e econtecendo ella oppor-se ao que era da nossa vontade, eu sahi com meu amante da casa da minha mãe, para casar-me com meu amado. Em casa delle vivi algum tempo occulta, porém contente ; mas não sei porque máo fado minha mãe soube do logar em que eu me achava, e talvez por conselhos de outros me quiz perseguir ou antes a nós ambos ; mas o meu amante (que neste tempo estava para casar-se commigo)

---

embarcou-se para o Rio de Janeiro, trazendo-me comsigo. Já muito perto da barra desta cidade uma grande tormenta nos fez naufrager nesta praia. Não sei si morreram todos os que vinham na embarcação ou si escaparam alguns ; só sei que o meu futuro marido morreu, porque eu mesma o vi quando uma grande vaga de mar o levou de cima do convez, e o sumiu para sempre no meio dos mares. Eu fui salva, e pouco depois me casei com Augusto.

— Mas Augusto dizia que eras viuva !..

— E' verdade ; eu assim lh'o havia dito.

— E de que modo foste salva, minha Laura ?

— A tormenta tinha principiado á bocca da noite, e era uma hora quando o navio bateu na praia. O mar já tinha levado a lancha de cima do convez, e os marinheiros botando-se ao mar procuraram salvar-se a nado. O meu homem estava junto de mim, e na occasião em que ia buscar um cabo para com elle amarrar-me a um mastro, para que o mar não me levasse, escorregou no convez e cahiu; ao mesmo tempó que o mar que entrava na embarcação o carregou! Eu

---

fiquei só, abraçada com um mastro, até quasi de manhã, e gritando sempre por alguém que me acudisse. Sobre a madrugada então vi chegar á embarcação uma canoa com dois vultos ; um subiu, pegou em mim, que tremia quasi morta de frio, e poz-me na canoa...

— E quem eram estes dois vultos ?

— Era Augusto e um seu escravo...

— O amante ao ouvir estas palavras, fez em seu rosto uma contorsão de espanto e precipitadamente disse :

— Acaba, Laura, acaba.

— Já perto da praia a canoa virou-se ; o preto estava quasi morto, embaraçado n'uma corda da canoa, e nem podia valer-me, nem a seu senhor ; mas este agarrando em mim, nadou commigo para a praia, onde cheguei salva... Pouco tempo ao depois casei-me com Augusto, como tu bem sabes...

— Que horror !.. exclamou o amante.

E em verdade o sangue frio com que esta mulher terrivel acabava de proferir a ultima parte do seu discurso, era para horrorisar a quem estivesse senhor dos segredos de sua alma,

uma vez que não fosse cúmplice de seu crime ; mas o seu proprio amante tão criminoso como ella, tambem se mostrou possuido de horror, si bem que o não creio muito.

— **Laura...** que temos nós feito ! accrescentou o amante com doloroso accento. **Laura, tu acabaste com a vida do homem, que se arriscou á morte para salvar tua vida em um naufragio ! Tu acabaste com o teu bemfeitor, com aquelle que te arrancou das garras da ruina e da miseria, para elevar-te ao grão de sua esposa !.. Que horror !... Laura, Laura... que temos nós feito !**

— **Continúa, eu te escuto e te escuto tranquilla; falla, falla mais.**

— **Que n gro, que horrendo crime !..**

— **Falla mais, mais ; eu quero ouvir-te...**

— **Ah ! deixa-me**

— **Mais nada ? Sim, tu tens razão ; eu sou um mostro de crimes, e o maior de todos é o te haver amado ! Eu conspirei contra a vida de meu marido e bemfeitor : e tu ? tu não conspiraste contra a vida de teu amigo ?**

— **Oh ! cala-te... cala-te...**

---

— Impostor. Quem é que me desenca-  
minhou com um amor criminoso e louco, não  
foste tu ? quem me aconselhou para largar fogo  
à minha casa e fechar antes a porta do quarto  
em que dormia o meu marido, fiado em que  
elle não se acordaria por causa de seu somno  
duro, e assim vel-o morrer queimado : não  
foste tu ? Quando o preto João salvou Au-  
gusto das chammas, quem foi que do telhado  
atirou-lhe um pedaço de caibro para o matar, e  
que errando feriu o preto, não foste tu ? Depois  
que te escapaste de Augusto, fugindo pelo muro  
de minha casa da cidade, e que eu te disse que  
meu marido não tinha acreditado na declaração  
da preta, e que desconfiava de mim : quem foi  
que resolveu a envenenal-o, não foste tu ? Quem  
me deu o veneno, com que dei fim á vida de  
Augusto, não foste tu ?

Laura, muito suffocado em colera, sus-  
pendeu aqui o seu horroroso discurso, ou antes  
medonho apontado de crimes seus e de seu  
amante. Este ainda lhe disse.

— Oh ! tudo isso é verdade, verdade hor-  
rivell Mas quando convivim contigo nesses crimes,

---

eu suppunha que tu conspiravas sómente contra um marido a quem não amavas ; mas não contra um homem a quem devias a vida, contra um bemfeitor, contra um...

— Um amigo teu, não é assim ? Eu conspirei contra um homem a quem devo a vida, contra o meu bemfeitor, e por teus conselhos, mas conspirei contra um marido a quem não amava ; e tu dirigiste os meus passos contra aquelle homem a quem devias dinheiro, amizade e protecção; contra aquelle em cuja casa tinhas tu tanta liberdade, como na tua mesma casa ! Eu assassinei a meu marido, e tu ao teu melhor amigo !

— E ambos nós não somos mais do que dois criminosos, e bem perversos ! Nós nos devemos detestar com um odio do inferno, e aborrecer um ao outro ! Laura, si já não é tempo de remediar nossos crimes, seja ao menos tempo de lastimar-nos. Separemo-nos, pois, e seja a nossa separação uma separação de morte !

— Tu zombas de mim ?

— Não, Laura. Vae encerrar-te no fundo de um convento, e alli ante os altares, chora

de continuo os teus horrendos crimes... Ao menos...

— Bem ; irei ser freira. E tua vaes ser frade, não é assim ?

— Irei. irei... não sei para onde... Laura, adeus, e adeus para sempre.

E sem mais escutar, avança para a janella, abre-a com estrondo; e saltando para fóra encaminha-se para a cidade.

Estas criminosas declarações vos revelam todo o sentimento da epigraphie do capitulo IV. Tornae a lê-la.

---



## CAPITULO IX

### DEUS TE PERDOE

No meio dos mais horrorosos crimes ha sempre um lado de moralidade; conhecel-o está em estudal-os. Estudemos, pois, os crimes, não em si proprios, mas em seus resultados e em sua origem; então um véo rasgar-se-ha diante de nossos olhos, e esse cubo apresentará ao nosso exame uma face bem diversa d'aquella que antes observavamos. No fim de tudo, no'emos que os premios e castigos andam sempre de involta com os bens e os males

Temos direito áquillo que se nos promette. Eu, pois, vos prometti, bella Emilia, dar-vos uma historia moral; é bem: sendo assim é justo que faça algumas reflexões sobre este desastroso passado que acabaste de ouvir. A' vista do quanto fica dito difficil cousa sem duvida é o determinar qual destas duas creaturas, infinitamente criminosas, a mais criminoso era.

---

Quanto a mim as circumstancias, que aggravam seus crimes, estão em um tão perfeito equilibrio, que ambas são a nossos olhos horri-velmente criminosas : sem que em nenhuma das partes haja a menor qualidada attenuante, que minore a intensidade de um tal delicto ! Em ambos estes dois funestos amantes havia, além do crime de incendio, o de adulterio e do da morte de Augusto, o detestavel crime da ingratição !

Parece que injusto seria que na sociedade dos homens os crimes julgados fossem em si mesmos e não pelas suas consequencias. Ha crimes bem horrorosos, mas que todavia a sua influencia não passa além do acto do crime ; são crimes, cuja perpetração constituê o seu principio e a sua consummação. Ao contrario, outros ha, que parecendo pequenos em si, a sua acção se vae empregar em uma ou mais pessoas diversas, e ás vezes depois de alguns annos.

Nós já vimos em que crimes incursos estão os nossos personagens, e que além dos tres primeiros grandes crimes, ha o da ingratição. Este, que entre algumas nações não é olhado senão

---

como um erro em si mesmo, talvez porque não poucas vezes carece de consequencias funestas, com effeito, povos tem havido que o tem considerado como um horrendo delicto, e como tal o têm subjeitado ao rigor das mais severes leis, Entre nós ~~mesmos~~ pessoas ha que não duvidariam votar graves penas em punição do pae da mór parte dos crimes !

Geralmente fallando parece que os mais funestos de quasi todos os crimes são a morte e o adulterio, por irremediaveis em suas consequencias ; pois si naquelle ha a morte physica de um individuo, neste não deixa de haver uma especie de morte moral á alguns respeito disto a que o mundo chama honra e que (confessar-nos cumpre) é indispensavel na sociedade !

O individuo morto não póde tornar á vida; eis a mais horrivel consequencia do homicidio; e é que o mal feito está eternamente feito ! No adulterio ha quasi o mesmo, além de involver, quando menos, dois crimes, o perjurio, em menoscabo da fé dada em face dos altares, e a infamia lançada sobre um individuo, ou sobre uma familia inteira. Além de que, este crime

---

póde, mais tarde, implicar um furto, isto é, o filho de um estranho herdando de um homem, que não é seu pae e a quem seu verdadeiro pae fez grave affronta; isto no adulterio da parte da conjuge; mas como esta possibilidade nem sempre se realisa, não a contaremos, como uma das consequencias deste crime; nem tão falto de consequencias funestas é elle, que precise meras possibilidades. Sempre que se vê o marido de uma adúltera, esta infamia é recordada; sempre que se vê seus filhos, esta affronta vem a pello! e o *parce sepultis* não serve de barreira a uma tão funesta memoria!

Trazei-me agora a vossa imaginação as desordens, a immoralidade levadas ao centro de uma familia, o máo exemplo para os filhos, e immoralidade para com a sociedade, e vêde si este crime carece de alguma consequencia que não esteja desde logo no dominio das realidades.

Podemos pois concluir que os crimes mais horrorosos em suas consequencias, por irremediaveis são o homicidio, e o adulterio! Entretanto parece que nações existem que o tem considerado como uma passageira galanteria de

moços facetos, e de senhoras (a quem hoje chamamos de *grande tam.*)

Todavia, o homicídio pôde, algumas vezes ser justificado pela defesa da própria vida, da honra, da fazenda, etc., etc.

O adultério porém nunca será justificavel; não obstante alguém haverá tão indulgente que queira minorar sua intensidade por causa de alguns máos tratos, abusos de alguns maridos, falta de alguns necessários, etc., porém bem miserav eis são semelhantes desculpas; mas demol-as barato.

Quanto à ingratiidão, parece que nada, e nada absolutamente a pôde, nem levemente desculpar. Perguntae ao ingrato:—Porque depois que enriquecestes só espalhastes espinhos no amigo terreno, que durante vossa miseria vos dava o precisado pão? — Que responder?

Neste outro crime pois haviam incorrido os dois adúlteros; um contra o seu bemfeitor, e outro contra seu bom amigo! Demais, comquanto seja indesculpavel o abandono em que o amante deixava Laura, ella tinha dado uma triste idéa de si, e de todos os seus costumes,

quando disse-lhe que com um amante havia fugido da casa paterna. A fuga de uma donzella da casa de seus paes para a de um amante, é sempre um mui feio crime. Com effeito, o jus que cada um tem á sua felicidade parece desculpar a donzella, que ouvindo da bocca de seu pae, ou tutor, estas terriveis palavras: — Ou te casarás com F...., ou te encerrarei n'um convento, ou carcere privado, — sahe da casa paterna para a de um bom parente, ou de um honrado depositario, até o dia de suas nupcias com o objecto do amor de seu coração, pois que se não pode resolver a dar a mão de esposa áquelle a quem não ama, e suppõe incapaz de a felicitar; por isso que, preciso é confessar, ninguem pôde formar a dita d'outrem a seu bello prazer.

Dissemos que o abandono em que o amante deixava a Luiza era para elle uma falta indesculpavel, porque tendo essa mulher empedernida sido arrastada a toda sorte de crimes por esse malvado, justo era que d'alli em diante mutuassem suas sortes, e todas as consequencias de seus crimes. Além de que, quando um criminoso cothicto soffre a flagellante idéa de seus

crimes, o remorso o mais cruel, o que mais horrivelmente fustiga a sua consciencia é a compaixão dos que ignoram seus crimes; porque elle sabe, e sabe muito que essa compaixão é ingenua filha de uma alma boa, que vive na ignorancia d'esses horridos feitos, e que essa pessoa compadecida, sabendo os seus delictos, bem que não retirasse a sua compaixão, ou antes piedade do criminoso que soffre, diria comtudo em sua alma: — Soffre a pena de seus delictos... Deus é justo! — Deste modo só a compaixão de seu amante, verdadeira compaixão, era a unica a que Laura devia ter direito e elle á della, sem a mazela das cruentas fúrias do remorso: mas a sorte dos malvados é tão desgraçada, que ligando-se, e amando-se todos os semelhantes, estes se ligam, e jámais se amam, e antes quasi sempre se aborrecem interiormente!

E na verdade, si uma mulher casada, si uma mulher que ama pensasse cinco minutos antes, uma de adular e outra de trahir, certo não haveria adúlteras, nem tão pouco perfidas, porque o pensamento que deve logo assaltar é espontaneo em ambos os culpados: da parte do

---

homem que aconselha ao crime: — este: — Ella trahir-me-ha algum dia, como hoje ao seu marido ou ao seu amante. E da parte della: E' um homem que aconselha ao crime, que destróe a minha reputação, logo é um infame. Demais, ou elle ama-me, ou não; se ama-me deve amar a minha reputação, o meu socego, meu bem estar e a minha honra; mas elle que me aconselha a des-honra, logo não me ama, e então busca-me tão sómente por um sórdido deleite. Emfim, quando o meu crime for descoberto elle por-se-ha a salvo, e a mim ficará a affronta, a vergonha, o horror dos meus crimes e quem sabe si a morte!

Nem se opponha a esta razão o poder do segredo; e podemos estar certos que muito mal vae quem muito se fia de um segredo: além de que não ha segredo em negocio algum sobre a terra, quando esse negocio é sabido por duas pessoas.

Quanto ao dizer o amante que accreditava conspirar unicamente contra um marido não amado por sua mulher, e não contra seu bem-feitor, miseravel desculpa era, fosse ou não amado d'ella: e que lhe importava? elle havia sempre conspirado contra seu amigo!



O que é verdade é que, passados os primeiros momentos de entusiasmo de amor, os crimes commettidos durante essa terrivel crise de illusões, assoberbam aos olhos dos que já pensam a sangue frio, com horrorosas côtes, e debaixo de hadiondas formas; e uma vez apparecendo a reflexão sobre esses crimes, o amor então já é muito difficil.

Eu bem sei que alguém haverá de uma alma tão bem formada que negue uma possível credibilidade nos crimes desta mulher; mas cumpre o não conheer o de quanto é capaz o coração humano para negal-a. Observemos de passagem que quando uma mulher chega a ser perversa, não ha crime por horroroso que seja ante que recue o seu empeçonhado coração: isto é raro, é bem verdade, mas tem acontecido. Indubitavelmente o numero dos homens máos é sobremodo maior do que o das mulheres, ninguém o poderá negar; mas ninguém poderá igualmente negar a asserção que avancei antes, sobre a perversidade de uma mulher, endurecida e já muito familiarisada com o crime.

Laura, pois, era uma mulher cruel talvez

---

porque tinha aprendido a sel-o... tinha até um genio infernal, e era vingativa. Deixaria ella impune o seu falso amante, o cúmplice de seus crimes, o homem que a abandonava? Ficariam sem vingança a dor e o ultraje que acabava de soffrer! Por sua vontade, não. E que fará ella?

Meia hora depois da retirada do amante, um viajor nocturno de vera caminhar, a longos passos, da Cova-Cabana á cidade; ao entrar em uma pequena matta, ouve-se o estrondo de um tiro, e o viandante tomba ferido e moribundo... O assassino foje, segundo depois se soube, e o assassinado exclama com voz fraca: Eu morro... Deus é justo...

Ao mesmo tempo um rebuçado, coberto com grande chapéo chega-se ao moribundo, e com voz medonha lhe falla:—Florindo, disseste bem, Deus é justo, Florindo, Deus te perdoe!... E fazendo brilhar a luz de uma lanterna furta-fogos, acrescentou em sua voz natural: Conheces-me? O moribundo encara-o, solta um grito de horror e de espanto, e expira...

---

## CAPITULO X

### A MINHA PONTARIA FOI MORTAL

Quando no fundo dos bosques julgamos que são as arvores os nossos unicos companheiros, nós somos, sem o saber, espreitados por olhos que vêem. Quando em nossa propria casa acreditamos estar a sós, ou com um fiel amigo, um ouvido inimigo nos eschta. Entre a escuridão da noite divagam phantasmas vigiadores, que revelam ao dia todos os mysterios da noite. Não ha, pois, sobre a terra occasião, nem tempo, nem lugar que seguros nos sejam.

Ficamos ao facto de todos os acontecimentos passados ; estamos senhores de todos os segredos de Laura ; conhecemos o seu amante, e os crimes produzidos por esse nefando amor. Agora resta-nos saber quaes novos successos levaram a morte e a punição ao muito culpado e assás punido Florindo.

Deixemos Laura na sua alcova cheia de furor, tendo visto fugir-lhe o seu refalsado

amante, pois bem. Laura não divaga por muito tempo incerta sobre o partido que deve seguir ; ella escreve uma pequena carta, e por um seu escravo a envia ao seu destino ; era muito perto. O escravo vôa, segundo as ordens de sua senhora : elle chega, entrega a carta a quem ella era remettida, e pouco depois um homem é introduzido á presença de Laura.

— Apenas recebi a vossa carta, senhora Laura, em que me mandavas chamar, e com pressa, vim satisfazer-vos.

— Obrigada, sr. Marcos : os momentos fogem, e eu quizera aproveitá-los...

— Então fallae.

— Haveis de estar lembrado que a todas as vossas amantes cartas a mim dirigidas sempre vos respondia, que motivos occultos me impediam de receber os vossos obsequios ?

— Bem me alembro.

— E si hoje sôr mister um sacrificio para que sejam destruidos esses motivos ?

— Eu o farei.

— Si houver um grande embarço ?

— Saberei destruil-o.

— Si foram difficeis de vencer ?

— Não ha difficuldades para amor.

— Si for preciso um crime ?

— Os bons fins justificam os máos meios.

— Si a vida de um homem ?

— Todos tem direito á sua felicidade, ainda á custa da existencia de outros.

— Pois bem, o motivo que me impede aceitar as vossas offertas, senhor Marcos, é Florindo...

— Florindo ! e como ?

— Esse homem havia me promettido desposar-me, pouco depois que eu enivreis ; e agora tendo-me comprometido, abandonou-me infamemente.

— E o que é preciso fazer ?

— Que esse homem, a quem hoje odeio, deixe de viver.

— Hoje mesmo. Onde está elle ?

— Muito perto d'aqui ; neste momento caminha para a cidade.

— Neste momento deixará de viver : e a depois ?...

— O amor e minha gratidão.

Eis aqui uma espingarda, pólvora e balas. Marcos recebeu este terrível presente, pejou a funesta arma com a morte! e sahiu: pouco depois Florindo não vivia!

Marcos tendo cumprido a sua palavra, voltou aos braços de Laura, como um homem que acabava de descarregar-se de um enorme peso, e que vinha repousar tranquillo nos braços de uma virtuosa esposa ou fiel amante. Alli não havia indicios de dor, nem do mais leve remorso!

E' para admirar a promptidão com que este homem horrível recebeu, e com gosto esta tão execranda commissão.

Eu não vos quero dizer que neste momento dois nojentos amantes em uma casa, na Copacabana, trocam as mais baixas finezas, mutuam as mais infames caricias, reciprocando os mais escandalosos protestos do mais eriminoso e do mais nefando amor! mas vós o prevêes; pois bem, é esse faccinoroso Marcos, e essa abominável Laura! E' um amor, cujo juramento, escripto com sangue, foi pronunciado sobre as aras da morte! E' um amor de réprobo, sellado

com sangue no hedendo livro do crime, e presidido por Satan, e protegido pelo inferno!

Havia quasi uma hora que durava essa escandalosa scena de envenenados carinhos, quando os dois amantes ouviram bem distinctamente um arranhar sobre a janella... Laura estremeceu e enfiou... Marcos a inquirize sobre o seu susto, e sobre o arranhar, e este segunda vez dá-se a ouvir. Laura explica a Marcos que aquelle arranhar era o signal que Florindo lhe dava quando elle vinha fallar, e que só elle sabia aquella senha.

Marcos era um homem tão resolute que não fugia sem ver de que; immediatamente avança para a janella, e enquanto Laura occultando-se por traz delle observa reciosa, Marcos abre-a e um e outro mui clara e distinctamente viram Florindo recostado nella [...]. Eu deixo a cada um que pondere o susto que tal vista causar podia! era um horror! Laura solta um grito de espanto e de pavor; Marcos recua espavorido, e fecha rapidamente a janella, enquanto sua amante se escendia em um canto da abocva! Ao tempo que taes cousas aconteciam dentro da

— casa, ouviu-se um tombo fóra, como a queda de um corpo humano ; e de feito era o corpo de Florindo que cahia !

Longos foram os pensamentos dos dois, e mais longos o discorrer sobre uma aventura tão nova quão estranha ! Durante largo tempo indecisos e assustados não sabiam dar-se a conselho. Uma hora era quasi passada, e nada de resolução.

O primeiro momento de susto desappareceu emfim, e a reflexão pouco a pouco veio acorçoar os dois assustados amantes, e talvez assustados pela primeira vez. Notemos que Marcos estava sciente, e consciente de que sua victima não vivia ; elle o tinha assegurado á sua amante : e com effeito elle tinha visto a Florindo sobre a janella, como recostado e olhando para dentro, mas com todos os signaes de um homem morto.

— Ninguém traria um defunto sobre suas costas para o vir recostar nesta janella... mas eu o vi, sem duvida, eu o vi.

Assim era que Marcos rosnava talvez consigo mesmo ; porém este homem era valente,



audaz: d'onde, pois, vinha o seu medo? Marcos se quiz deixar persuadir por um momento que o que vira sobre a janella era a alma de Florindo!!!

Religião, santa Religião, é assim que tu mostras o teu divino imperio, ainda sobre o mais impuro coração, o mais revel, e o mais criminoso! E' assim que ostentas os sagrados direitos da natureza profanada! E' assim que tu libertas o amor da humanidade ultrajado! Religião, santa Religião, é assim que tu vingas os teus sacrosantos fóros! Sejam do crime todos os instantes da vida do malfetor, embora! mas um só instante de remorsos basta para esses teus implacaveis ministros desiovolverem amplamente toda a vastidão dos teus sagrados poderes!

Foi Laura enfim que já nos momentos de reflexão teve a iniciativa no desatar este intrincadissimo nó, fallando assim:

— Marcos: elle ficou verdadeiramente morto?

— Era impossivel que vivesse mais cinco minutos depois que lhe atirei: a minha pontaria foi mortal.

E a isto accrescentou um sorriso de furias, contorsão diabolica de uma alma infernal...

— Mas affianças que elle ficasse morto ?

— Não affianço que ficasse morto ; mas eu o vi cahir.

— Já entendo tudo...

— Como assim ?

— Elle cahiu, mas não morto ; pôde ainda levantar-se e caminhar ; e sentindo-se ferido buscou a casa.

— Lembraste bem. Si ainda ahi estiver o corpo, é certo o que presumes. Eu vou vel-o. Em um instante.

Disse e sahiu. Com effeito, o corpo ahi se encontrou debaixo da janella, e este encontro confirmou na mente dos dois as suspeitas de Laura.

— O dia não está longe, disse Marcos, e é mister despachar a este corpo.

— Sem duvida.

O mesmo Marcos, ajudado de Laura, em um logar menos frequentado do jardim, cavou uma sepultura, onde foi enterrado o corpo d'aquelle adultero malfeitor. Alguns ramos seccos

---

e uma porção de terra solta, serviram de disfarce sobre uma terra recentemente revolvida, que acabava de guardar um segredo, que aquelles mesmos que lh'o entregavam suppunham que ella jámais o revelaria ! O sol deste mesmo dia foi o primeiro que allumiou a sepultura de Florindo !

E justiça foi feita !...

---



## CAPITULO XI

**TÃO TARDE, TÃO TARDE, MEU LINDO CAÇADOR !..**

A nossa sensibilidade se contrahe dolorosamente sempre que é ferida por idéas horrorosas; e nossa alma se fatiga em uma scena de continúidades luctuosas : demos, pois uma especie de tregoa ao nosso espirito a respeito de horriveis acontecimentos. A nossa sensibilidade quer alguma expansão por meio de quadros agradaveis. Eu vos convido agora a sentirdes commigo a idéa de um objecto bello.

Ora pois, o passado o passado. Tão nú de acontecimentos não é o presente que nos occupemos de cousas que já lá foram.

Não está Laura tranquilla? Ao menos o parece : tanto melhor. E Marcos? Sem algum receio optimamente. Confessemos sempre que no animo de Marcos parece haver alguma cousa de desconfiança : e nem por menos : essa desconfiança é sempre a necessaria consequencia de um

---

amor, cujos gozos custaram crimes e que se assignalaram pela morte de um primeiro amante : mas que ha nisso ? Tudo passará.

Em uma dessas manhãs, bem semelhant<sup>o</sup> áquella, cujos seductores encantos descrevemos em o nosso primeiro capitulo; quando já os primeiros raios do sol deslizando furtivos beijos nas flores do valle, esmaltam de frouxo dourado as grimpas das arvores dos picos das serras, uma linda mulher passeiava pelo seu bello jardim em uma rua delle, que ficava contigua á vizinha estrada : ella parecia submergida em um profundo pélago de meditações, quando o doce modular de uma maviosa, e mais que sonora voz humana, veio suavemente quebrar o fio de suas reflexões, e tiral-a gostosamsnte do abysmo dellas !

Era um joven e lindo caçador, que, deitado na estrada, meio recostado sobre o tronco de uma arvore, e descançando talvez da fadiga de seu longo caminhar, cantava docemente este romance, cujo assumpto é assás conhecido em nossa historia.

## ROMANCE

—Oh que amor meu peito encerra,  
Amor, que por ti se seva !  
Ou não te vás desta terra,  
Ou si te fores me leva...

—Amor, que teu peito encerra  
Só p'ra mim has de guardar...  
Ou me não vou desta terra.  
Ou si fôr hei te levar.

—Minha patria largarei,  
O que nella possuir,  
Os parentes deixarei  
Sómente por te seguir.

—Si a patria queres deixar,  
E della o teu possuir,  
Faço gosto em te levar  
Si fazes em me seguir.

—Si arreceias meu amor,  
Arreceios vão findar ;  
Porque sinto em meu redor  
Um amor que sabe amar.

---

—Eu de amor não arreceio  
Para arreceios formar,  
Porque tu tens em teu peito  
Um amor que sabe amar.

—Não será tua esquivança  
Motivo para meu mal ;  
Nem de mim uma mudança  
O prazer de um rival.

Si por minha formosura,  
Mal te cabem vis falsias,  
Não mal ande si em ternura  
Te dei o que merecias.

Si por tua formosura  
Mal me cabe uma falsia,  
Bem andaste si em ternura  
Me deste o que eu merecia.

Oh ! que galé será aquella  
Que rasga as ondas do mar !  
Oh que galé, vae tão bella  
Prestes a terra deixar !



Velejando empavessada  
Sobre os mares se embalança,  
Em a sua poppa e alçada  
Brinca a bandeira da França.

Mar em fóra a velejar  
Se parte a galé franceza  
Ondas do salgado mar  
Lá corta com ligeireza.

Traz della se vê nadante  
Linda turba de mulhetes...  
—Navio, por um instante  
Eu te supplico que esperes.

Tu levas Caramurú, |  
A vida do meu viver !..  
Ou deixa Paraguassú,  
Ou pára, e me vê morrer.

—Si me não tinhas de feito,  
Qual eu tinha, igual ardor :  
Porque accendeste em meu peito  
Incendio do meu amor ?

Não tens dó de meu amor,  
Nem dó do meu triste fim ?  
Matas minh'alma de dôr,  
E me abandonas assim ?

Oh que ingrata creatura !  
Que falsia tão estranha !  
Oh que tamanha tristura !  
Oh que esquivança tamanha !

—Como escrava ia servir  
Servindo Caramurú,  
Te seguira a não seguir  
A infame Paraguassú.

—Pois que não posso contigo  
Já viver vida de amor,  
Fico sem ti . e commigo  
Vou morrer morte de horror !

Vou para morte me andando,  
E' minha hora chegada...  
Mas porque morra te amando,  
Vou da morte enamorada

---

Disse, e já pallida e fria  
Se escorrega, e cabe do leme ;  
E da morte na agonia  
Estrebucha, morre e geme.

Nisto as outras nadadoras  
Em vão valel-a quizeram,  
Porém não eram já horas,  
Que valel-a não poderam.

Elle não pode valel-a,  
Nem dar vida a tanto amor ;  
Sem chorar não pode vel-a  
Nem vel-a morrer sem dôr !

Quebrae-vos rochas de dores,  
Chore o mar, a praia gema ;  
Campos, murchae, seccae, flores,  
Porque é já morta Moema.

Parece que o joven caçador cantou sómente as estrophes de que se lembrou naquella occasiãe, pois conforme nos parece algumas ainda faltaram.

Pouco tempo depois elle levantou-se, e deu o andar para casa de Laura, e ahi bateu. A linda mulher, que com tanto interesse havia escutado o ramance acima era a mesma Laura; e foi ella quem veiu abrir a porta ao formoso desconhecido. Nem Laura, nem o joven caçador poderam encobrir sua surpresa um ao outro. E em verdade, ver Laura sem sentir-se abalado por tanta formosura, mal caberia á alma de gelo de um Xenofonte ou de um estoico, cujas sensações estivessem inteiramente embotadas, e incapazes de se impressionarem dos prazeres, ainda os mais innocentes da natureza! Quanto ao caçador, de dezeseite a dezoito annos de idade, era de estatura regular, bem feito, e sobre maneira airoso. Seus negros cabellos, um tanto crescidos, formavam engraçados anneis sobre seu pescoço, dando á sua linda cabeça uma fôrma assás elegante. Debaixo de duas proporcionadas sombrancelhas, lhe brilhavam dois grandes olhos negros, que saltitando inquietos pareciam brincar com innocentes amores; e emquanto duas pudicas rosas contrastavam a brancura de seu rosto, no meio das suas faces

---

uma pequenina bocca abrindo dois lindos e rubicundos labios, deixava ver duas bellas ordens de candidos e pequenos dentes, excessivamente bem dispostos, deixando o seu encantador sorriso duas ligeiras sombras, presas em duas graciosas covas, feitas em suas faces, como duas ligeiras nuvens, pouco densas, esmaltam um céu da aurora ; ao mesmo passo que a bem feita barba, ainda mal assombrada (como por sobre o labio superior) pelos primeiros guias da puberdade, se repartia feiticeiramente em duas. Juntae a tudo isto um timbre de voz agradavel e tocante ; maneiras engraçadas, formulas assás polidas, uma gesticulação honesta, e vós me pergntareis : —E' um anjo ?

Laura e o bello caçador se encararam ; soltaram simultaneamente um sorriso, e um rubor mais exquesito espalhou-se por seus lindos rostos. Oh ! esse magico e tão bello sorriso dos labios do mancebo, essa vergonha com que os olhos de uma bella esmaltam seu rosto, quanto seriam encantadores nos labios e no rosto de Laura, si ella fosse innocente ! Ah ! eram dois sorrisos de amor, branda e docemente deslisados

---

sobre essa mysteriosa cor com que no milagroso instante do primeiro estremecimento do coração, com que no primeiro momento do enlevo d'alma o amor se costuma a ataviar ! O magico, o doce sorriso do caçador era o puro sorrir de um anjo, porque elle era innocente, como a pomba !  
Laura, Laura, o teu feiticeiro e gentil sorrir seria o sorriso de um anjo, si tu fôras tão innocente como o lindo caçador !

Laura tinha tanta consciencia de sua belleza, que bem via que a surpresa do caçador era por ella produzida ; o caçador por seu turno não se desconhecia de modo que não sentisse o mesmo. Elle pediu agua ; Laura lh'a deu com sua propria mão, e pouco depois, passada uma breve conversação, o caçador despediu-se.

O bello mancebo repetiu as suas caçadas nos bosques da Copa-Cabana, e por conseguinte se lhe repetia sempre a sede, que ia saciar no bello copo de agua apresentado pelas lindas mãos da formosa Laura.

O caçador já amava á Laura : e como vel-a sem amal-a ? mas seu amor era um amor respeitoso ! elle sentia que esse respeito não era filho

de medo, mas ignorava d'onde provinha ! elle a amava, mas tremia com a idéa de amal-a e suppunha impossivel dizer-lhe : — Eu vos amo... — Elle sentia que a sua sensibilidade tinha sido agradavelmente abalada pela presença dos encantos de Laura ! sentia que todas as suas faculdades intellectuaes estavam occupadas pelas graças e pelo amor desta gentil mulher ! mas todavia, não só se não atrevia a fallar-lhe cousa alguma, como tel-a por sua amante ! e elle com effeito desejava estar sempre com ella e viver sempre com ella ! E', pois, um amor, mas sem ardente cubiça d' amor... então não é amor ! será amizade ? é mais do que amizade ! será amor de irmão ? é mais do que amor de irmão ! é amor de filho ? é menos do que amor de filho ! mas emfim é um amor, que tem um mysterio !

Laura tambem já amava o caçador, mas com um amor, que, bem imitando e do seu lindo amado, ella propria não sabia comprehender esse amor e muito menos explicar. Ella sentia pelo caçador quanto este sentia por ella ; e todos os seus sentimentos a respeito d'elle

eram em tudo, e por tudo, iguaes aos do seu amante.

Durante os primeiros dias algumas cartas foram trocadas entre os dois novos amadores; e em uma só dellas nada se pedia; e em todas tudo se concedia : engrandecimentos de amor, finezas, protestos, etc., e não passavam disto. Por fim foi o moço caçador o primeiro mais ousado, rompendo em pedir á sua bella uma entrevista. Houve uma resposta, que em seu devido logar comparecerá ante nós; por agora basta dizer que em uma bella manhã em que o caçador sahio de estar com Laura, e seguiu para sua caçada, Marcos veio ter com ella e lhe disse que tendo de ir á cidade aquelle dia não voltaria sinão no seguinte. Foi ao depois da sahida de Marcos que Laura respandeu á carta, em que o caçador lhe pedia a entrevista, para a qual queria aproveitar a ausencia de Marcos na cidade.

Era noite; os objectos já se não distinguiam, quando Laura dirigiu-se ao logar pactualado. Longo foi o esperar, e o caçador não apparecia : ella volta á sua casa, ahi pouco se



demora, e segunda vez torna ao logar para onde seu coração a attrahia com irresistivel força ; ainda o caçador ahi não está. A noite vae adiantada, e nem o menor indicio. Um amante faltar a uma entrevista pedida á sua dama, e a uma primeira entrevista ? ! Oh ! será possivel uma tal infamia ! Laura espera, e espera com anciedade. Que idéas de colera e de horriveis desconfianças não turbilhonam n'aquella vulcanica cabeça, como acapelladas ondas no meio de um mar tempestuoso ! Não é mister descrevel-as... alguém, que tenha amado, pendente de uma entrevista, pôde claro ajuizar dos furores, que agitam o coração nesse momento !

Já se resolvia a voltar para sua casa a atrabiliaria moça, bem enfadada contra o seu bello caçador e de animo quasi firme a não voltar, quando um vulto trajado como o seu bello caçador, para ella se dirige...

Laura apenas o vê, corre ao seu encontro, dizendo :

— Tão tarde, tão tarde, meu lindo caçador?..

— Com quanto não seja o mesmo...

— Ah !..

Laura solta um grito de surpresa, de susto, e de horror !... quer fugir, mas é tarde ! é tarde, que uma dura mão de ferro a prende por um braço ! Oh ! que não era essa mão de ferro que se esperava, era uma doce mão carinhosa ! não era a mão de um demonio, era a mão de um anjo... e o anjo não veio !..

---

## CAPITULO XII

EU...

Tão precarios são os nossos felices acasos, que no lugar onde julgamos encontrar a ventura deparamos com a desgraça: o capitulo passado bem nos revelou esta verdade! Muitas vezes onde nos supponmos a nós, e aptos para tudo quanto der a nossa imaginação, no momento em que nos dispomos a executar-a, uma pesada mão de ferro nos suspende, e até nos castiga!

Caçador, caçador, onde estás? Onde estás, que não vens valer a tua amada! Ella, por tua causa, entre as horriveis mãos de um assassino, e proxima á morte! ella... e tu não vens valer-lhe? Como? e deixas indefesa a tua amada! Caçador, caçador, onde estás? mas embalde é a voz do que te chama! Mancebo amador, como? Faltar a uma entrevista á tua dama? A primeira entrevista, e pedida por ti proprio! Que om-

missão, que falta! Caçador, caçador, aonde estás? Ah, que o teu crime é um crime de morte! Caçador, caçador, a tua dama morre, e tu... tu a desamparas no momento de sua dôr? tu!...

E com effeito, quem não se encherá de colera contra um tal procedimento?

Entretanto para não criminar-mos o joven sem ouvil-o, vejamos qual foi a carta, que elle endereçou á sua bella, eil-a :

« Belleza incomprehensivel, mulher que amo com um amor inexplicavel e inintelligivel; dogma impercebivel do meu coração; livro mystico de minha alma, onde ha um amor todo de mysterio! Serás tu um anjo? serás uma divindade? Eu não te comprehendo! Serás tu um sonho ou uma realidade? Eu não sei o que tu sejas; mas, ou illusão ou verdade, eu te amo! Sim, eu te amo, e não sei como! Quando te amo, quero fugir de ti! Quizera aborrecer-te, e te desejo sempre a meu lado! E's o que eu não sei definir; e eu sou o homem que te ama, e que mais te respeita! No meio das minhas meditações, eu te encontro, como um anjo! e no

---

fundo dos meus sonhos appareces aos meus olhos, como um phantasma, que me assusta ou como um pesadelo, que me opprime !... mas eu me accordo, e outra vez te encontro pura, como a estrella da manhã ; simples, como a rôla do prado ; engraçada, como a flor do valle ; suave, como o luar da primavera ; risonha, como a mais bella estação da natureza ; formosa, como o primeiro pensamento de amor entre os ternissimos extases de innocente virgem enamorada ; e finalmente bella, como um anjo ! Tu então és tão suave ao meu coração como o amoroso suspirar de enamorada brisa, docemente gemente entre o mimoso regaço das flores ! Então és um nardo divino tão consolador á minha alma, como o é para as flores o derradeiro orvalho d' uma suave noite da primavera !

« Entretanto nas minhas reflexões escuto uma voz que me diz : « Consagra-lhe a tua existencia, porém ella nunca será tua ; vive para ella, porém ella não viverá para ti ! E todavia ella será tua, viverá por tua causa, e não te pertencerá !

Quando quero estudar-te, caio n'um

---

abyssmo de incomprehensibilidade ! quando quero comprehender-te, eu me perco em longos rodeios de um intrincado labyrintho ! E com tudo, sinto que te amo. Si és desgraçada, então eu sou irrevogavelmente teu ! mas si sou feliz, os nossos destinos são um arcano do futuro ! E todavia sinto que te amo, como o bom irmão ama a sua querida irmã ; e te respeito, como o filho obediente respeita a sua terna mãe ! Tú não poderás comprehender o meu amor, e nem eu explical-o ! Entretanto, eu te asseguro os meus respetos, e dá-me uma entrevista ; eu te protesto a minha obediencia, e marca-me uma hora ; cumprirei as tuas ordens, e aponta-me um lugar. »

« *O caçador.* »

Eis aqui a carta, que á formosa Laura indereçara o bello caçador. Vós a entendeis ? nem eu. E' uma carta, em que se pinta um amor verdadeiramente incomprehensivel ! E' um amor cheio do receios, e são receios cheios de amor. E' uma carta, que parece um parto de uma imaginação escaldada. Nós quizeramos d'ahi ar-

---

rancar algum ponto de realidade, ou de moral, mas como ? por onde começar, finalizar onde ? Notamos ahí tantas cousas contradictorias, que é um nunca acabar ; são palavras que não parecem representar idéa alguma real, ou são idéas, que nada nos podem revelar : e, si aqui existe alguma cousa de verdade, ella é tão sublime, que lhe não podemos attingir !

Nós não deparamos nesta carta sinão com palavras habilmente colladas, formando um agradável stylo, em cuja forma ha um pouco de eloquencia sentimental, que faz apparecer em nossa alma uma como suave melancolia, que nos obriga a sympathisar com o seu autor. Mas quem sabe si nessa melancolica eloquencia haverá uma cadeia de presentimentos, produção de um desses divinos instantes, puramente psicologicos, em que parece que nossa alma desquitada da materia, toda embebida na sublimidade de suas proprias perfeições, destende uma vista prophetica pela vasta amplidão de remotos futuros ? Quem sabe quantas vezes teremos, sem o saber, vacticinado o nosso distante porvir ? Oh ! póde muito bem ser ; tão poucos

---

mysterios não tem a natureza em seu immenso seio !

Nós já sabemos que em uma manhã o caçador havia estado com Laura, e nessa occasião fallecendo-lhe o animo de pessoalmente entregar-lhe a carta, que prompta já trazia, resolveu-se a mandal-a por um escravo de Laura, que o havia procurado depois da sua sahida. Sempre estes entes miseraveis se prestam a este baixo officio, não só mediante alguns vintens, mas tambem para se insinuarem no animo dos senhores, ou d'aquelles a quem servem, por causa da possessão de seu segredo ; este mesmo escravo era quem havia sido o portador das primeiras cartas ; e foi quem levou a carta de Laura em resposta á que vimos, concedendo a pedida entrevista. Laura não faltou a ella ; Laura lá se achou ; e ha pouco a deixámos entre as mãos de um desconhecido !

Agora voltemos a Laura. Deixamol-a ha pouco entre mãos de um malvalto, o qual, depois de lançar-lhe em rosto a sua perfidia, o seu novo amor com o moço incognito ; depois de repetir-lhe a integra da carta deste e da



della; depois de opprimil-a com os mais repugnantes insultos recrescentou com uma voz infernal :

— Agora aprompta-te para morrer...

— Para morrer ? !

— Sim, para morrer...

— Ah ! tem piedade de mim...

— Não ha piedade para ti...

— Pelo amor de Deus, não me mates !.,.

— E' impossivel ; tu morrerás, e morrerás neste mesmo instante... Laura, não tens mais que um momento : põe-te bem com Deus, anda; é tempo ; arrepende-te dos teus crimes, que tão poucos não são ; anda, avia-te...

— Ah ! tende compaixão de mim !... Oh, meu Deus ! e morrer tão moça...

— Bem moço morreu Florindo, e nenhuma duvida nisso teve. Anda; avia-te.

— Ah ! espera um momento... ouve-me...

— Qual ouvir, nem ouvir ; não ouço nada.

Anda, eu tenho pressa. Desejo matar-te como quem deseja dinheiro. Oh ! tu não me mandarás matar por este caçador como por mim man-

daste matar Florindo... Bem vêes que nada mais faço do que antecipar-me. Vamos, vamos.

— Marcos, pois eu te amo tanto !...

— Bem sei ; quero, pois, premiar o teu grande amor, como elle merece, e como tu premiaste a Florindo ; oh ! eu aprendi contigo. Bem sabes o como sou terminante em minhas resoluções ; escuso dizer-te outra vez que morrerás por força. O lugar é solitario, somos sós, e ninguem, absolutamente ninguem pôde arrancar-te de minhas mãos. Aproveita, pois, estes momentos para tua alma.

E desembainhando uma espada, e apontando sobre o peito de Laura, disse ainda :

— E' mais um'alma que vae hoje para o inferno...

— Soccorro... quem me soccorre ?..

— Eu...

Bradou com voz sepulchral um terceiro personagem, que acabava de entrar nesta terrivel scena de horror !

---

## CAPITULO XIII

### UM FANTASMA !..

Quando a segurança individual depende de um segredo, ella deve ser muito precaria, quando alguém está igualmente de posse delle ; e então essa segurança está á descripção do que compartilha esse segredo : é, pois, a morte do ente, que sabe da nossa vida, quem nos assegura o bem estar della : mas quem sabe si a morte mesma será sufficientemente capaz de guardar um importante segredo ?

« Oh ! felizmente chegou ! E' elle, é o caçador que vem salvar sua amada das implacaveis mãos do terrivel e furioso Marcos ! E' elle, é elle...felizmente chegou, e ainda a tempo. Graças a Deus ! elle não será increpado de esquecido, nem se lhe lançará em rosto a feia culpa de motivador do assassinio intentado por Marcos contra Laura... »

« Mas será elle ? »

---

« E quem sinão elle ? oh ! sem duvida alguma, é elle... »

« Mas si é elle, onde esteve até agora ? porque tardou tanto ? »

« E quem, sinão elle, podia vir a este logar de entrevista ? »

« Mas que fará ? Bater-se-ha com Marcos ? Oh, meu Deus, elle é tão lindo, é tão bom !.. tão joven, como bater-se com um malvado, destemido, robusto, e que parece tão mau... Que fará elle ?.. »

Eis, pouco mais ou menos, as questões que sinto ferirem-me os ouvidos neste momento. Porém pergunto-vos agora eu : Anciavas que o caçador viesse em soccorro de sua bella ? creio que sim : receiavas pela sua vida, quando a vistes nas mãos de Marcos proxima a perder a vida ? creio que sim : e porque ? sympatisastes vós com ella ? creio que sim : e porque ? pois, por uma criminosa ? Oh ! e vós tendes razão, e comquanto na sympathia nem uma razão haja, com effeito a vossa sympathia é bem justificavel !

E' tal a porção de bondade, que existe em

nosa alma, que nos leva, ainda a despeito nosso, a sympathisarmos com o fraco, seja quem for. Si vissemos Laura lutando com uma mulher de iguaes forças, certo que não só não sympathisaríamos com ella, como até desejaríamos que succumbisse; mas são dois criminosos: um forte e armado, e outro fraco e inerte! e, pois, é justa a vossa sympathia.

Agora tenho que dizer-vos que o novo personagem, que em soccorro vem de Laura, não é o caçador; embalde o temos chamado; embalde, porque não virá!.. Sim, bem a meu pezar devo dizer-vos que elle, ferido de um tiro, geme no leito de dores, na cidade, em casa do dr. Synval, seu padrinho, e pae adoptivo!

« Foi Marcos, foi Marcos o seu assassino... »

« Ah! malvado!... »

« Maldição... sobre elle!.. »

« Ah! coitadinho! Tão moço, tão bello, tão cheio de bondade!.. »

« Marcos, malvado Marcos, assim acabes, monstro, assim acabes!.. »

Ainda me parece ouvir estas palavras de

---

alguns de meus leitores. E que me importa que neste momento descarregueis toda a furia do vosso odio contra o perverso Marcos? como elle é um malvado, lá se avenha.

Quanto ao interesse, que tomæes pelo bello caçador, posso assegurar-vos que é digno delle; e eu desde já vol-o agradeço.

Triste cousa é sem duvida o escrever uma historia, que, bem que ligada em todas as suas partes integrantes, é todavia cortada de muitos incidentes. A curiosidade ergue-se de todas as partes, querendo com bocca de baleia, tudo devorar de um só bocado! Ainda bem umas cousas não estão desenvolvidas, quer-se saber outras; a um só tempo se pede um nome, exige-se uma explicação, demandam-se certos pormenores; e a nossa pobre cabeça, martellada por tantas impertinencias, perde-se nesse vasto oceano de interrogações!

E, si eu vos disser que vos não posso dar o nome que me pedis, porque ainda o não sei? E' o nome do desconhecido, que vem em soccorro de Laura? Bem o dizia eu l..

Voltemos, porém, sobre o jardim.

---

— Eu... troou a voz do desconhecido que alli acabou de apparecer. Marcos não foi senhor nem da mais leve acção ; porque esse incognito, ao tempo que proferiu o seu terrivel—Eu...—lançando-lhe a mão da mão em que tinha a espada, não o deixou já ser senhor de si !

Havia no jardim uma grande mangueira, cujo tronco era rodeado de alguns arbustos, que formavam uma pequena mouta, porém espessa : era junto della que Laura estava, quando foi agarrada por Marcos, e foi dessa mouta que se ergueu o desconhecido : de modo que o apparecer, o proferir o—Eu... e travar da mão de Marcos, foi um só tempo ! foi o brilhar do lampejo, o troar do trovão, e o ferir do raio !

Ao mesmo tempo que Marcos ouviu a voz do desconhecido, sentiu o peso enorme de uma pesada mão de ferro, que com força herculea lhe apertava a mão em que sustentava a faccinorosa espada sobre o peito de Laura ; e o incognito, ao mesmo tempo que lhe apertava a dextra, como em um estreito circulo de ferro, com uma espada, que brandia com a outra mão, lhe apresentava combate. Marcos estremeceu ao

---

ouvir o tremendo—Eu...—e affrouxando a mão que prendia a sua victima, deixou escapar-se a tímida Laura, que medrosa se foi encerrar no fundo de sua alcova. Os dois ficaram a sós, e à discrição dos seus furores !

Peleja-se no fundo do jardim ? sim, peleja-se e é peleja de morte !

Pouco tempo depois da fugida de Laura ouvia-se, e via-se de longe o retinir das espadas, e o seu terrível faiscar ! E' no fundo do jardim de Laura que se peleja ! Lá, dois homens se matam desapiadadamente, e nem um vivo ousa se intrometer na briga !

Dirieis que era uma dessas scenas de sangue da meia idade, em que dois cavalleiros cheios de ciúme pleiteavam, ambos combatendo pela mesma dama, pelejando uma peleja de morte, até um delles arrancar com a ponta de sua espada, do fundo do coração de seu rival, um nome, uma imagem e um amor ! Um nome só para suas trovas, e seus encomios ; uma imagem só para o seu coração, e para os olhos de sua alma ; um amor só para o seu resentimento e seu odio ! Isto é, o nome, a imagem e o amor dessa dama ;



objectos gravados no coração desses dois rivaes !

Quebrou-se uma espada, o desarmado não se dá por vencido ; e o armado, tão generoso como valente, larga a sua. Uma nova luta braço a braço então começa : são dois athletas, que amam ganhar bem cara uma coroa, ou vender por um preço enorme a vergonha do vencimento !

Findo um quarto de hora, a contar do principio do duello, um homem coberto de pó, ferido, com os vestidos rasgados, de joelhos aos pés do outro, quasi do mesmo modo, pede a vida por misericordia !.. este homem é o intole-ravel Marcos ! seu vencedor tomando a espada que largára, e tendo-a na dextra, e um pequeno volume, que tirára da mouta donde sahira, segura-o com a esquerda, e entima-lhe que o siga : Marcos obedece : elles caminham silenciosos ; param em um certo logar, e ahi o vencedor falla :

— Sabes que terra tens tu embaixo de teus pés ?

— Eu ignoro...

— Antes finges ignorar...

— Ignoro inteiramente...

— Marcos, eu sei bem o que tu tens feito... não sabes que terra tens tu embaixo de teus pés ? pois eu te digo : tens a sepultura de um homem !...

— Oh !...

— Sim, a sepultura de um homem !...

— A sepultura de um homem ? !

— De Florindo !...

— Qual Florindo ? !

— Que tu assassinaste !...

— Que eu assassinei ? !

— Na matta vizinha, no caminho, que leva à cidade.

— Eu ? !

— E que ao depois appareceu encostado à janella do quarto de Laura...

— Não ha tal...

— E que tu, e ella sepultastes neste logar.

— Não ha tal, não ha tal...

— Si o tornas a dizer, mato-te... Eu não quero manchar-me no teu sangue, que a que-rel-o já o tinha feito. Vê bem que estamos a

sós ; e loucura fôra negar-me o que sei melhor do que tu...

— E quem t'ô disse ?

— A alma dos mortos ! Oh ! o mundo dos mortaes não é tão independente do mundo invisível, que as almas do outro mundo não saibam dos crimes dos vivos, e os não possam revelar á terra ! Em toda a parte ha olhos, e em toda a parte ha ouvidos ; e a terra dos vivos não é tão vasta que se percam em seu seio os vestigios do crime ! Ah ! malvados do mundo, pensaes que os vossos dias serão sempre dias de uma amena primavera ? Pensaes que a sepultura é tão profunda, que guarde eternamente o funesto segredo de um horroroso crime ? Ah ! malvados da terra, a vossa vida é um milagre, e um milagre é sempre uma abstracção da ordem natural... mas a natureza volta aos seus dominios, o milagre desaparece, e a vossa vida esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abysmo dos flagellos, dos remorsos, da desesperação e da morte ! Marcos, tu estavas bem certo de que só tu, só tu, e a tua amada ereis os senhores deste fatal segredo ?.. Tu, e ella o havieis

depositado nas mãos da morte ; e a mesma morte, de quem contaveis um silencio eterno, abrindo uma de suas urnas é quem vem revelal-o ao mundo ! Marcos, conheces-me ?

— Não.

O desconhecido tira debaixo de seu capote uma lanterna furta-fogos, cuja luz fazendo repentinamente brilhar junto a seu rosto, disse :

— Olha.

— Um fantasma !

— Adivinhaste : é pois com um fantasma que lutaste, e um fantasma é quem te falla... Agora vê si sei ou não de todos os teus crimes ?...

— Mas...

— Silencio. Queres a vida ?

— Para me arrepender.

— Tu não és susceptivel desses sentimentos, mas não importa : a Deus pertence julgar-te. Todavia eu te dou a vida com tres condições : queres ?

— Quero.

— Muito pôde o medo da morte n'uma alma fraca l.. Pois bem : tu viverás com as

---

condições seguintes : Primeira, que nada dirás a respeito desta aventura, mórmente no Rio de Janeiro : aceitas ?

— Aceito.

— Segunda, que dentro de oito dias deixarás esta cidade para a ella jámais voltares : aceitas ?

— Aceito.

— Terceira. Que antes da tua partida escreverás a Laura uma carta, cujo conteúdo eu dictarei : aceitas ?

— Aceito.

— Olha que te enganas, si presumes enganar-me... Si dentro de oito dias não cumpres o que promettes, irei dilatar teus crimes aos tribunaes competentes, e então... Marcos... o cadafalso, e a morte !

---



## CAPITULO XIV

### EU TE HEI DE AGRADECER

No meio de todas as scenas de medonho horror, o homem meditabundo depara sempre com o poderoso dedo da Providencia! O malvado vive tão sómente em quanto Deus faz d'elle o iustrumento de sua incomprehensivel justiça: e por seu turno acha outro malvado, que igualmente o puna. Deus é justo.

Visto termos tanto fallado em Marcos, digamos a seu respeito alguma cousa. Era elle um cavalleiro de industrias de boa presença, que passára os seus bellos annos, desde os vinte aos trinta e dois, em uma companhia de ladrões, a qual commandava como chefe. Era esta celebre quadrilha o terror das estradas de Minas Geraes, e de S. Paulo! Nessa vida de sangue, e de crimes, acostumado a ver prantos, e horrores entre sorrisos infernaes, e a ver mortos no

meio de uma orgia de sangrentos furores, e com uma frieza glacial; que vinha a ser para elle uma ou duas vidas?!

Agora vejamos porque Marcos compareceu no lugar onde Laura julgava encontrar o seu bello caçador.

Em uma das vezes das ternas sedes deste joven, foi elle encontrado por Marcos quando ia a casa de Laura social-a; Marcos perguntou a Laura quem elle era, e lhe disse, que um moço-caçador, que pedira agoa, mas que o não conhecia; não obstante, Marcos era tão desconfiado, e o caçador formoso, que Marcos deveria ver nelle um rival feliz; e desde então espreitava tanto ao joven, como a Laura.

Lembrados estaremos que houve uma manhã, em que o caçador foi, como sempre pedir agua a Laura, e que nessa manhã Marcos lhe disse que ia á cidade: pois bem; saibamos agora que Marcos tinha visto o caçador sair da casa de Laura, que tal viagem era fingida, e que tudo era cilada. O escravo portador das cartas contar-nos-ha o resto.

Agora voltemos á Laura.



Quem ha ahí, que vendo Laura correr para sua casa, fugindo dentre as mãos de Marcos, não a supponha cheia de susto, cortada de medo, e estremecendo ao mais leve rumor de uma palha? Vós vos affiguraes que a vedes encerrada em seu quarto sempre, e sempre, si sahe até a vizinha sala é sempre espreitando tudo, e de tudo receiosa. A voz de Marcos, desse terrível vizinho cujo nome só é assás para seus terrores, lhe brada incessante em seus ouvidos: — Tu morrerás — Por outro lado a respeito desse generoso desconhecido, julgareis que ella pouco não tem em que cuidar. Certo não era o seu lindo çador! E quem no jardim n'aquelle momento, e a taes deshoras? Como soube Marcos que ella e o çador deviam ter uma entrevista, e n'aquelle logar? Vós suppondes que estes são os pensamentos, que ruminam na cabeça de Laura; e todavia, estes eram. N'aquelle mesma noite, Laura faz chamar o preto, portador das cartas e inquire sobre ellas; e o escravo balbucia, Laura se irrita, Laura quer saber, e o escravo conta que trazendo a carta do çador, Marcos lh'a tomára, abrira e lêra, e ao depois fechando-a

lhe disse que a entregasse a sua senhora, e que a resposta, que ella desse lhe levasse n'aquelle mesmo logar onde elle, Marcos, o esperaria, e que si alguma cousa a tal respeito dissesse á sua senhora o mataria; e por esta razão elle dera á Marcos a carta, que Laura mandava ao caçador; a qual lida por elle, como a primeira mandara o escravo leval-a ao seu destino.

Laura fez retirar o escravo, talvez para que o caso não soasse mais, pois ella desejava que ninguem d'elle soubesse. Por este lado estava satisfeita, pois sabia já o motivo da subita aparição de Marcos tão intempestiva, e em uma hora tão importuna; mas o desconhecido?... Os tremores, que Marcos lhe causava?... Eis aqui um tormento de morte!

Visto que ante nossos olhos compareceu a carta do caçador a Laura, justo é que a desta áquelle igualmente venha á nossa revista: eis aqui o que Marcos leu:

« Formoso caçador, homem a quem amo, e a quem receio, mortal á quem adoro, e a quem temo! tu és para mim tão incompreensivel, como as palavras! O amor, que sinto por ti é para

---

mim um inigma, como a tua carta ! e com effeito eu te amo ! Tú es tão formoso, como as rosas do meu jardim, e és tão espinhoso para o meu coração, como ellas são espinhosas ! Eu te amo, não é porque és formoso; mas eu te amo ! Serás tu um demonio tentador, ou um anjo de salvação ? Eu não sei o que tu és, mas sei que te amo. Eu tinha tantas cousas a dizer-te... mas tudo me esqueceu !... Que queres de mim ? Eu quizera dar-te a minha vida, mas não o meu coração ! Quizera dar-te toda a minha alma, mas não o meu amor ! Amo-te, mas não quero amar-te ! Quero que sejas meu, mas não meu só; quero que sejas meu, mas eu não quero ser tua ! Eu queria declarar-me contigo, e não sei o que te quero dizer ! Tu não me podes entender e nem eu explicar-me contigo ! Emfim amo-te, como não se costuma amar; mas não é amor de amante e todavia é amor ! queres uma entrevista ? si julgas que eu possa voltar della tão pura a teu respeito, tão pura como a ella for, eu t'a concedo. Depois de anoitecer, debaixo da mangueira grande, no fundo do jardim. Adeus...»

Alguns dos meus leitores mais soffregos

---

Tendo acabado a leitura desta carta, comparando-a com a do caçador, dirão meio agoniados:— O autor desta historia estará se divertindo á nossa custa ? Assim disse eu a quem me contou esta historia, e elle tornou muito socegado: — Tenha paciencia, e vá ouvindo. Assim, pois, digo eu aos meus leitores: — Tenham paciencia e vão ouvindo.

Tambem nos ha de parecer muito bem escripta esta carta para aquella Laura, que disse a Florindo que má tinha sido a sua educação; mas devemos notar que esta mulher, bastante viva depois de casada com Augusto, tinha se dado á leitura de algumas perigosas novellas, e estudava até os meios de mais se desembaraçar.

No quinto dia depois da celebre scena do jardim, recebeu Laura uma carta; a lettra era de Marcos; ella estremece, abre e lê tremendo o seguinte:

« Forçado por minhas circumstancias a abandonar para sempre o Rio de Janeiro, quero que a meu respeito fiqueis completamente tranquilla ; esqueçamo-nos de tudo quanto entre nós houve ; e este esquecimento seja um esqueci-

mento eterno. Amanhã, pelas sete horas da tarde, devo embarcar-me no logar do Palacio, e no seguinte dia sahirei para sempre desta terra.

« Aproveito esta occasião para ser justo antes de minha partida. A pessoa que no fundo do vosso jardim appareceu em vosso soccorro, e a quem deveis a vida, era o vosso escravo João. Adeus, sede feliz.—*Marcos.* »

Laura respirou ao ler esta carta.

Marcos prometteu ao seu vencedor quanto este quiz por medo da morte; cumpriu quanto este prometteu por medo da justiça.

A carta porém de Marcos não era assás sufficiente para tranquillisar Laura, era mister verificar-se quanto Marcos nella dizia. E' verdade que os escravos de Laura haviam antes assegurado que um homem da cidade tinha ido ver a chacara de Marcos para compral-a, o que em parte confirmava a carta do mesmo; porém isto era pouco, queria-se uma prova evidente, isto é, exigia-se ver Marcos embarcar e deixar o porto.

Laura não era uma dessas almas innocentes, que ignoram até onde chega o poder de um mal-

vado, e Marcos que era um homem que não deixava impune uma affronta, era tão perigoso para Laura, que a sua presença deveria ser sempre temida.

Si acreditarmos nas confissões feitas por um homem que foi preso na praia de Botafogo, veremos claramente as intenções de Marcos, e admiraremos o seu talento para uma vingança. Este homem, preso por ter dado uma facada por causa de jogo, foi conhecido na cadeia por alguns de seus antigos comparsas, convem saber, ladrões da celebrê companhia de Marcos. Passando-se-lhe revista em tudo quanto trazia, achou-se-lhe uma carta que havia recebido na vespera de sua prisão, a qual fôra no dia em que Marcos devia embarcar : esta carta dizia o seguinte :

« Amigo, eu vou até Ilha Grande, pois no curto espaço que tenho não achei embarcação para um porto mais perto. Apenas alli chegar, voltarei no primeiro navio que para aqui voltar ; e então uma boa fortuna nos espera. Lembra-te. — *Marcos.* »

Ora, o sigillo das cartas não tem tão amplo

circulo, que abranja nelle os extensos braços da obessa policia ; e essa velha matrona pouco escrupulosa em segredos, e curiosa importuna a ponto de indagar, e tudo querer saber, não é lá muito amiga das formulas polidas, nem de ceremonias sociaes para com aquelles a quem toma debaixo da seu immediato cuidado. Este homem preso, perguntado e reperguntado, sob algumas promessas, confessou que Marcos, que adoptára este supposto nome, se chamava Pedro, e que fôra capitão de uma quadrilha de ladrões, de que elle fôra um, como tenente ; este Pedro com quanto já mais rico ainda não tinha perdido o caridoso amor de guardar aquillo, que seus donos guardavam mal ; que Pedro ameaçado por alguém, de quem jurára vingar-se, si esse alguém fosse vivente, ia deixar o Rio de Janeiro sem a menor demora ; mas com firme proposito de voltar logo ; e que então deveria estar occulto em sua casa, até ir arrecadar os bens de uma rica viuva, moradora na Copa-Cabana, a cuja vida Pedro dizia ter incontestavel direito, por causa de algumas razões de queixas, que contra ella tinha, de quando foi seu visinho.

---

**A** estas declarações seguiram-se outras que não dizem respeito á nossa historia.

A policia, que por seu gosto não teria hospedes; mas que quando os tem não se incomoda com elles, resolveu que a ~~morada~~ morada, e comestiveis do supposto Marcos deveriam, dalli em diante, correr por sua conta: Marcos, porém, de sua parte, como homem franco, e gastador, de mui boa vontade lhe dispensava o incommodo, agradecendo-o sem aceitar, não lhe pesando jámais pagar as casas em que vivesse, e comendo nellas á sua custa: parece isto um ponto de soberba, mas elle ~~le~~ tinha com a policia razões de queixas, e tão positivas, que até lhe haviam feito mudar de nome!

Os factos, que temos enfiado até este momento, não nos deram logar de fallarmos mais em certo personagem, que em um dos capitulos desta historia appareceu por um instante para representar um mui difficil papel, e desapparecer logo: é o fiel João! O silencio que sobre elle guardado temos teria feito desconflar a muita gente desconflada que elle já não existia



tisse; e estou que alguém haveria que por elle algum interesse tomasse.

Ora, pois, João tornou a si do desmaio que soffreu por causa da pancada que levou na cabeça, quando salvava seu senhor, como temos visto. Si ainda hoje João fosse vivo, agradeceria muito a quem por elle algum interesse tomasse.

Deixemos ainda Marcos por alguns instantes e vejamos o que se passa entre Laura e João depois da carta deste.

— João, viste alguma coisa no jardim, no domingo á noite?

— Vi o sr. Marcos escondido debaixo de uma arvore, e eu estive vigiando a elle debaixo de outra arvore.

— E ao depois?

— Elle quiz matar a minha senhora.

— E depois?

— Eu sahi, briguei com elle, e eu pude mais do que elle...

— E depois?

João repetiu a Laura o quanto sabemos

---

que aconteceu entre Marcos e o seu vencedor.  
Depois Laura disse :

— E tu porque vigiaste ao sr. Marcos?  
desconfiavas delle alguma cousa ?

— Eu...

— Falla.

— Eu desconfiava, sim, senhora.

— E porque ?

— Porque o moço, que anda caçando... o moleque me disse que o sr. Marcos tinha tomado as cartas delle, e tinha lido... e aquelle homem tem cara de máo...

— Está bom, João, eu te hei de agradecer.

No dia em que Marcos dizia na carta ser o de seu embarque, Laura mandou o preto João para assegurar-se disto. Sigamol-o até o largo do Palacio dos vice-reis.

João está no meio do dito largo e dirige seus passos, em frente do palacio para alcançar o ponto em que a rua da Misericordia ahí desemboca. Pouco antes de chegar ao ponto, onde hoje se vêem os tres arcos, que communicam o

---

palacio ao que foi outr'ora convento d'os frades do Carmo, hoje tambem palacio, ouve-se uma grande gritaria. Muita gente corre para o mesmo lugar; João corre tambem; ahi, um homem banhado no seu sangue acaba de expirar.

---



## CAPITULO XV

### CONTO COM VOSCO

A incerteza da existencia da pessoa que amamos é o tormento que mais póde opprimir nossa alma e esmagar nosso coração. A saudade desse objecto é um circulo de ferro, que cerca a nossa imaginação: a incerteza aperta esse circulo com tanta força que sentimos estalarem-se nossas idéas de um modo doloroso, de encontro ao rochedo d'ausencia. Mas a inexperada vista desse bem é tão venturosa que por si só é capaz de fazer-nos esquecer nossos desastres passados, adoçar nossos males presentes, ou até abrilhantar nosso lucuoso porvir. Si, pois, existe sobre a terra a suprema felicidade, é a que entrega em nossos braços o bem que perdido choravamos.

Amar!... comprehendes vós o sentido occulto desta palavra de mysterio? Amar!... Quanto é doce amar! Ah! Houve um tempo em que a luz de vossos olhos estava n'outros olhos? Um tempo em que nem um som abalava o timpano de vossos ouvidos sinão uns sons mais suaves do que o suave suspirar da brisa;

---

uns sons mais ternos do que o terno gemer da maviosa rôla? Um tempo, em que nem um cheiro feria gostosamente o vosso olfacto sinão um cheiro mais precioso do que o do divino nardo? Um tempo em que o vosso sabor existia n'outros labios? Um tempo, em que o vosso tacto resentia-se apenas ao leve tocar de um extranho corpo, mas onde palpitava o vosso coração, e onde cogitava a vossa alma? Houve um tempo, em que vós não sentieis em vós proprio, porque outra pessoa possuia os vossos sentidos? Um tempo, em que não vivieis em vós mesmo, porque outra pessoa em vós vivia, como vós nella?

Tivestes alguém, cujo olhar vos assustava, cujo fallar vos fazia tremer, e cujo tocar vos abatia? Tivestes alguém, cujo rosto vos desenhava um seraphim, e cujo sorriso desdobrava ante o vosso coração todos os encantos do céu? E que nome deveis a esse alguém?—Vós lhe chamaveis—Minha amada! — Pois bem; mas isso era nos momentos de vossa calma: e nos momentos de vossos extasis? Um anjo! — Bem: e nos vossos delirios — Um Deus! — Sim, um Deus; e

---

ella o é quando verdadeiramente ama, porque Deus está em seu coração, o céu no seu rosto, e os anjos em seus sorrisos ! Amar ! Adormecestes alguma noite amando ? Dormistes já um somno de amante ? Tendes vós alguma vez vos acordado em uma madrugada de amor ? Oh ! como é tudo isto encantador ! Amar ! Quanto é doce amar !

E houve algum tempo em que amando, e sendo amado, longe existia a vossa querida ? Provastes algum dia as dolorosas ternuras de um melancolico affecto a que chamamos saudade ? Comprehendeis todo o amplo sentido da palavra saudade ? Experimentastes uma vez os effeitos dessa dor de nossa alma, durante a ausencia da eleita do nosso coração ? Saudade... doloroso sentimento de sensibilidade penalizada nos males do presente ! suave effusão da intelligencia deleitada nos bens do passado ! consoladora esperança da vontade na incerteza do futuro ! Saudade.... composto maravilhoso de multiplos sentimentos de que resulta para nossa alma a suprema faculdade de attingir a todas as sublimidades do Amor !

---

Uní agora á saudade á incerteza da existencia do bem amado, e vós tereis, não um sentimento terno e melancólico, mas um sentimento cruel e desesperado !

Aqui tendes o estado em que se achava a alma de Laura. Amava e amava muito ; seu bem estava longe della, e desde o dia que terminado fôra pela terrivel scena do jardim, que não tinha do seu bello caçador nem a mais leve noticia. A inesperada apparição de Marcos no logar da entrevista, a declaração do escravo, que asseverára ter elle interceptado a sua, e a carta do caçador, eram mortaes angustias para sua alma ! Esse joven a quem ella ama, desde que tal amor tivera principio, não tinha deixado passar quatro dias sem vel-a, e todavia sete já são decorridos desde esse fatal dia, e elle não apparece ! Marcos sabe de tudo, e Marcos de tudo é capaz. Ella tremia, pois, pelo seu bello caçador, porque o ama, e o ama tão estremecidamente, que dar não duvidaria pela vida delle a sua vida, si morto elle estivesse, e por esse tão caro preço resgatar pudesse uma vida, que era a alma de sua vida. A estas idéas lugubres



unindo-se outras não menos dolorosas, vinham contristar sua alma, e funestar dias, que ella quizera guardar desvelada para sacrificar-os, como oblação de um apaixonado amor, ao formoso mais amado de seu coração, ao bello mais doce de sua alma, o lindo caçador emfim !

Taes eram as idéas, que turbilhonavam na escandecida cabeça da apaixonada Laura, como um turbilhão de chammas, entre massas combustiveis no abrazado bojo de troador vulcão, quando ouviu bater á porta... chega á janella... —ah !...—foi um suspiro de amor arrojado por um repentino prazer !

— Formosa Laura !..

— Meu lindo caçador !..

— Vós deveis estar muito enfadada comigo, não é assim ?.. nem eu aqui venho senão a pedir-vos perdão ; e estou certo que ao depois que me ouvirdes me perdoareis...

— Mas de que ? de que ?

— Por não ter comparecido no lugar aprazado para a entrevista, que tive a liberdade de pedir-vos...

— Ah... nem disso já me lembrava...

— Como ! Pois não vos lembravas ?

— Sim : o prazer de ver-vos é tal, que já me tinha feito esquecer todo esse passado. Mas, vamos, porque não viestes ?

— Vêdes esta ferida ?

— Oh, meu Deus ! ferido !

— Não vos assusteis ; é cousa mui pequena.

— E como a recebestes, como ?

— Eu vos conto. Depois que daqui sahi, no dia em que vos dirigi a minha carta, diverti-me algum tempo na caçada ; já um tanto cansado, parei á sombra de uma arvore para tomar alento ; carreguei a minha espingarda, e distraído a deixei armada...

— Oh, meu Deus ! Que fizestes...

— Fei uma distracção. Depois, pondo a mão sobre a bocca... oh ! eu tinha todo o meu pensamento embebido em vós, e de nada mais me lembrava ! Absorto em meus pensamentos, pucho a arma para adiante ; um cipó, talvez, embaraçou-se no gatilho, a arma disparou...

— Ai !..

— Não tenhaes susto ; nada foi, feri-me

apenas nesta mão, aqui neste lugar, que chamam bordo interno ; bem vêdes que não houve perigo, pois que o lugar não é para isso. Todavia o susto arrancou-me um grito involuntario ; meus companheiros, ouvindo o écho do tiro, e o do grito, acudiram-me, e vendo-me ferido, propuzeram-me o voltarmos para a cidade. Foi debalde que lhes resisti, fazendo-lhes ver que a ferida era de nenhum cuidado ; não me attenderam, e quasi á força fizeram-me ir. Eis aqui a razão porque não compareci, como devia, no lugar da entrevista.

Laura tendo ouvido esta narração, olhou para o mancebo em um como extasi, e exclamou :

— Vós sois um anjo, e Deus vos protege. O vosso tiro foi um beneficio do céu...

— Talvez...mas eu não vos entendo.

Laura contou então ao caçador que tivera um vizinho, que por vezes solicitára o seu amor, mas debalde, pois que ella o aborrecia ; que este vizinho desconfiava de o ver em sua casa (ao caçador) a rondava de continuo... etc., etc. Isto é, Laura contou tudo ácerca da intercepção

---

das cartas, e a importuna apparição de Marcos no jardim, terminando desta maneira :

— Já vêdes que si fosseis a esse logar seríeis victima desse malvado.

— E vós fostes ?

— Sem duvida...

— E elle ?

— Intentou contra a minha vida...

— Que malvado !...e ao depois ?

— Um meu escravo, correndo em meu socorro, livrou-me delle..

— Que monstro ! E' por isso que elle pretendia vingar-se de vós...

— Vingar-se de mim ! como ? pois sabeis alguma cousa a tal respeito ?

— Sim, sei.

Laura còrou estremecendo. O caçador notou o seu sobresalto, e interpretando, como effeito do susto, accrescentou de um modo affectuoso :

— Tranquillisae-vos. Eu vos conto em curtas palavras o quanto sei.

Elle contou-lhe então o quanto o preso re-

velára a respeito de Marcos, e da premeditada vingança contra ella ; e acabou, dizendo :

— Felizmente elle não poderá escapar ás garras da policia, que por toda a parte o busca. Deus protege os seus anjos.

Os dois amantes depois de largo conversarem sobre seus amores, Laura disse :

— Vós me haveis pedido uma entrevista, e eu tive a imprudencia de vol-a conceder...

— Como, senhora ? Imprudencia, porque ? Acaso me julgariéis capaz...

— De nada. Não vos antecipeis. Digo imprudencia por causa do logar, pois que sendo eu livre, aqui mesmo vos posso receber e escutar tantas, quantas vezes quizerdes fallar-me.

— Perdoae-me ; bem sei que sois viuva, segundo me houvestes dito ; sei que sois senhora de vossas acções...mas a vossa familia...

— E o que tem a minha familia ? A nossa entrevista não passaria de um innocente entretenimento.

O caçador còrou ; Laura sorriu-se, e elle timidamente disse :

— Nem eu mesmo exijo mais...

---

A isto seguiu-se um breve silencio, que bem podia revelar a timidez, de que estavam possuidos aquelles dois corações neste momentò. Direis que é um mancebo terno, amante e vergonhoso (este o era) que pela vez primeira se vê á face do terno objecto que ama : e que é uma donzella timida, que ama, e receia ; e que por fortuito acontecimento se acha em presença, só por só, do mortal por quem seu coração palpita ancioso cheio de amor, e como ameaçado pela força da paixão a estalar-se. Finalmente o mancebo fallou:

— Perdoae-me, é um pouco tarde ; haveis de permittir que me retire.

— Pois já ?

— Vou á minha caçada.

— Esperar-vos-hei quanto a scabardes ?

— Si o determinaes...

— Não ; porém vos rogo !

— Como o quereis, eu vos obedecerei.

— Conto comvosco.

— Até á volta.

---

## CAPITULO XVI

### AMANHÃ !..

A religião tem ministros, que podem muito por meio da palavra: outros por meio de seus exemplos muito mais. Os que podem por meio dos cruéis efeitos que produzem são os remorsos! Elles podem quanto não podem a palavra e os exemplos.

Muitas vezes a ruina de um malvado é o remorso de outro. Venha o arrependimento; embora tarde, elle será sempre bem hospedado por nossa alma.

— Pêga, péga... Pêga ladrão, péga ladrão.

— E' aquelle, que alli vae fugindo...é elle, é elle... Pêga, péga...

Taes eram os gritos, que no largo do palacio de todas as partes se alevantavam, emquanto no ponto, d'onde partia correndo o fugitivo, se apinhava uma numerosa multidão de pessoas de todas as idades (que vagam pelas ruas), sexos e cores; e emquanto um homem, que parecia es-

cravo, com tanta velocidade fugia, que em sua rapida carreira parecia nem tocar as pedras, que ladrilhavam a rua Direita. O fugitivo, illudindo os seus perseguidores, e os empenhos da policia, alcança a ladeira do mosteiro de S. Bento, e nem mais vestigios.

Um homem tinha acabado de desembocar da rua de S. José, e dirigindo-se para o largo do palacio, quasi ao voltar o canto do mesmo, ao sahir ao largo, abalroou-se com um rapaz; destes a quem chamamos vulgarmente *capoeiras*: o encontro foi forte; o homem irrita-se, e desanda uma forte bofetada no crioulo, que o atira á terra; este, um tempo foi erguer-se do chão cheio de furias, e de um salto de onça, voar sobre o nosso homem, e traspassar-lhe o coração com uma faca. elle, cahiu estrebucha e morreu!

Supponde que nesse lugar vêdes um grande ajuntamento de pessoas, que formam um grande circulo em redor de um corpo exangue, sem vida, e cahido sobre um grande lago do seu proprio sangue. Entre os espectadores, que o cercam, notae um preto de trinta e oito a quarenta annos de idade, que contempla o morto



com um gesto mysterioso ! Estudae no semblante desse preto ; vós encontrareis nelle um pensamento, que, por sobre seu rosto podeis todavia ler em sua alma : comprehendei bem esse pensamento, e vós o traduzireis nestas palavras : « Quem com ferro fere, com ferro é ferido ! »

Esse preto é o fiel João ; o morto, o malvado Marcos ! A sua vez tinha chegado !

E' Marcos, pois, o morto ! Ha de menos um malvado sobre a terra, mas ha tambem um criminoso de mais !

Marcos encontrou a morte nas mãos daquelle a quem offendera pela primeira vez !

Pela primeira vez, é verdade, mas com uma das mais graves offensas, que na terra dos homens sociâes pôde-se encontrar ! Tambem n'um escravo se pode deparar com estímulos dignos do mais honrado homem livre ! Não é um escravo o matador do malvado, é um homem cruelmente offendido, justamente irritado, e que tinha direito a uma vingança no proprio lugar em que fôra indignamente affrontado ! Notemos que quando eu vos digo—um rapaz *capoeira*—não vos quero dar a entender um matador por

officio, mas um rapaz tão agil, tão ligeiro nos manejos de seu corpo, que inerte, pôde defender-se de um homem armado.

E', pois, Marcos o morto, e morre quando preparava uma vingança!

As terriveis palavras do phantasma do jardim acabavam de verificar-se neste momento de horror, e talvez de eterna justiça!

« Ah, malvados da terra! a vossa vida é milagre, e o milagre é sempre uma abstracção da ordem natural...mas a natureza volta aos seus dominios, o milagre desaparece, e a vossa vida, esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abysmo dos flagellos, dos remorsos, da desesperação e da morte!.. »

E não é isto o que acabamos de ver? A vida de Marcos era um milagre, e o milagre havia cessado! Marcos tinha cahido debaixo de seu proprio peso, e a carga enorme de seus crimes o havia para sempre esmagado!

O fiel João contemplou este corpo sem vida com um interesse mysterioso! Si acreditarmos as palavras deste honrado negro, temos que no-

tar alguma cousa entre este corpo e o de Florindo.

Marcos, ferido no lado do coração, cahiu sobre elle, no meio de um mar de seu proprio sangue, e com a mão direita sobre o peito esquerdo parecia apertar a ferida por onde ha pouco lhe fugira, envolta em negros borbotões de empastado sangue, uma alma desesperada, e tão criminosa! Tal era a postura de Florindo quando expirou, tal a sua ferida! A só differença era que Florindo disse algumas palavras quando cahiu, e ouviu alguém dizer-lhe: «Deus te perdoe.» Marcos, porém, nada ouviu, nada disse além de um horrendo ai de morte. Adoremos a justiça divina.

O preto volta á sua senhora, e fiel narrou-lhe tudo quanto tinha visto, empregando quasi as mesmas cores lutuozas de scenas tão deploraveis! Laura tremia a ouvil-o! Foi esta a primeira vez que ella entrou em si propria! Foi então que uma seria reflexão teve logar em sua alma!

Laura passa pela imaginação o terrivel drama do assassinato de seu marido, obra sua, e do

---

funesto Florindo ! e então ella propria desenrola em seu pensamento esse longo novelo de continuados horrores ! Depois, Florindo morto ás mãos de Marcos por sua mesma ordem ! Quem sabe si isto seria a justa punição de seus crimes ? ! Depois, o perigo em que se vira no jardim ás mãos do faccinora ! Ah ! será isto um aviso do céu ? ! Emfim, a morte de Marcos..

E de facto, todos estes acontecimentos eram lições donde a moral tinha não pouco que colher ! Mas Laura havia visto malvados, que viviam contentes... como ella se enganava ! Além disto, diria ella consigo propria : « E Augusto não acabou mal ? e que havia elle feito ? » Laura era ainda tão moça que não podia maduramente pensar sobre estas enfiadas consequencias ! Era impossivel até em tanta mocidade, em tanta formosura, e em algumas riquezas, uma repentina mudança de vida, a menos que naquelle coração não houvesse um golpe, cujo remedio fosse a prompta emenda de vida tão abominavel. Laura tinha consciencia do muito poder de seus encantos, o que obstava a mudança de seu coração ! Mas quem sabe ? ella é

Moça: amará ella ainda com um verdadeiro amor? O amor produz seus milagres, e talvez ella então possa soffrer uma emenda! E que momento! Ella pensa sobre seus crimes! Sim, ella medita...

Alguem bate; Laura approxima-se da porta... Ah! é o idolatrado escolhido do seu coração! E' elle, e nunca tão a proposito, pois vem arrancar-a de seus amargurados pensamentos! A alma de Laura, que nesse momento vagava pelo negro espaço do amplo painel de seus crimes, veio estremecidamente ao doce appello da ternura, percorrendo a fogosa orbita de amor, para ahí entranhar-se gostosa na suave contemplação dos quasi celestes encantos do melindroso caçador!

Laura, desenhando o céu em um encantador sorriso, dirigindo-se ao [seu amado, graciosamente disse:

- Tardastes muito...
- Muito?
- Muito. Já estava saudosa de vós.
- Muito vos devo.

---

— Como? Pois vós não me tendes amor, como eu vos tenho?

— E o duvidaes?

— Então nada devemos um ao outro.

— Não obstante amar-vos, e sempre vos devo muito.

— E porque?

— Porque grande differença existe entre nossas posições sociaes.

— E quaes?

— A mais notavel é a vossa riqueza, e o meu pobre estado.

— Vós sois pobre?

— Pois já vos esquecestes que vos disse que sou orphão de pae e mãe, e que vivo como por esmola em casa de um meu padrinho; e que não tenho de meu talvez nem o ar que respiro?...

Ao fallar assim, duas formosas lagrymas se deslizaram de seus lindos olhos ao longo dessas bellas faces angelicas, que foram saudadas por outras duas não menos formosas, que os (tambem lindos) olhos de Laura igualmente ao longo de

suas bellas faces escoar-se deixaram, como por uma terna sympathia ! E ella disse :

— Pois bem, sois pobre ? tanto melhor, tanto mais amada serei por vós, tanto mais eu vos amarei. Serei eu digna de vós ? Si como tal me julgaes, et<sup>e</sup> repartirei comvosco a minha liberdade. Os meus bens sobrarão para nós ambos ; vós sereis o senhor delles, como o sois de meu coração...

Laura disse, e estremeceu. Parecia contente do que acabava de dizer, e parecia arrependida !

O caçador arrebatado n'um extase de prazer e de amor, n'uma deleitosa effusão d'alma, atirou-se aos pés de Laura, exclamandó :

— O' alma generosa, como sois amavel ! Vós me quereis fazer feliz, e eu vos amo tanto, que offenderia o meu proprio coração sempre que vos desgostasse ! Eu peccaria contra mim proprio sempre que vos desobedecesse ! Vós sahis de vós propria, desceis até mim para ao depois me elevardes até a mysteriosa altura do vosso sensivel coração ! O meu amor, a minha gratidão para comvosco só acharão uma unica

barreira, a sepultura ! mas si além-tumulo, no mundo dos puros espiritos, duram as memórias da terra, e existem as mesmas sensações, lá, mesmo vós sereis minha, ó minha doce amada !

Eu parto, eu vou lançar-mê aos pés de meu padrinho, supplicar sua licença, elle m'a dará... e ao depois, vossos braços, amor, e a felicidade !

Assim fallou o mancebo. Esta bella scenete de ternura e de protestos : era bem natural.

Findo tudo isto, o mancebo sahio, e buscou a casa de seu padrinho na cidade.

Apenas ahi chegado, procurou seu padrinho, o dr. Synval ; contou-lhe o conhecimento que tomara com a viuva da Copa-Cabana, contou-lhe com as mais vivas e exquisitas côres a belleza desta mulher, fez-lhe saber que era rica, descreveu-lhe do modo o mais apaixonado, seu amor para com ella, e as disposições dell'a seu respeito, notou-lhe as vantagens, que elle podia obter por esta união, e acabou por pedir-lhe licença para desposal-a.

— Como se chama ella ?

— Laura...



---

— Amanhã a iremos ver.

— Amanhã ? !

— Amanhã...

O caçador estremeceu... Seria de susto ou de terror ? Que mysterio ! Era noite : um personagem, que acabava de ouvir as ultimas palavras ; tendo o rosto involto em um lenço atado por debaixo da barba, o chapéo assás enterrado na cabeça, embrulhado n'um grande capote, entra, e apertando a mão do doutor disse com interesse :

— Amanhã!... — E desapareceu.

---



## CAPITULO XVII

### QUE VEJO !...

A nossa vida é um composto de desordens seguidas por uma nova ordem de eventualidades felizes, ou desgraçadas ; não ha, porém, uma eventualidade feliz, que possa ser o cumulo da suprema felicidade, mas póde haver uma eventualidade desgraçada, que possa ser o derradeiro abysmo da extrema desgraça.

Supponde que estamos na sala de Laura ; ella graciosamente assentada no seu cañapé tem de um lado o dr. Synval e d'outro lado o bello caçador. A porta está apenas encostada. Um homem involto em seu capote, coberto com o seu grande chapéo, e mui enterrado em sua cabeça, com o rosto quasi sepultado em compridas barbas e longos cabellos, um grande parche, que lhe encobre quasi toda uma face ; demora á porta. Laura pergunta quem elle é ?

---

— E' um doente, que me veio consultar ;  
eu o despacharei.

Foi a resposta do doutor.

São quasi onze horas da manhã. Os tres personagens do canapé conversam com interesse, o homem que está de fóra avizinha-se, e encostado a um portal da porta, nem está bem dentro, nem bem fóra. Elle parece não perder palavra da conversação. Ouve-se a voz do doutor :

— Emfim, minha senhora, eu me oppongo absolutamente a este casamento.

— E porque, senhor doutor ?

— Porque não é de meu gosto...

— Esse modo de fallar indica odio...

— Antes compaixão...

— Compaixão ! e porque ?

— Perguntae a vós propria, e o sabereis.

— Não vos comprehendendo ; mas seja como fôr : si vosso afilhado e eu o quizermos ?

— Elle o não quererá ; mas si o quizesse, eu o saberia impedir.

— Confiaes muito em vós ; mas sabei que si sois rico, tambem eu tenho riquezas...

---

— Vossas riquezas vos não podem servir para este negocio.

— Pois veremos, senhor; eu tenho grandes meios á minha disposição...

— Bem sei. Como tem sempre uma mulher adúltera quando quer desfazer-se de seu marido como, por exemplo, um incendio, um veneno... ou quer acabar com um amante criminoso, por meio de um malvado com um tiro, etc.

O tom de convicção, e a frieza horrerosa com que o doutor pronunciou estas palavras, era para rasgar no coração de Laura a mais profunda e envenenada chaga; e mormente á vista do amante Caçador, que não bem podendo interpretar, em sua imaginação, as palavras de seu padrinho, olhava todavia attonito para elle e para ella, como quem, por sobre seus semblantes, queria penetrar os arcanos de seus corações! Em verdade, nada de mais designativo para Laura, do que as palavras do doutor.

Não obstante, a viva Laura, com affectada franqueza, e com a mais revoltante e incrível frieza, respondeu:

— Não sei de quem fallaes...

— Attendei-me : permitti que vos conte uma historia...

— Agora não é possível.

— Mas ha de ser agora mesmo.

— Estou incommodada.

— E' pequena.

— Embora. Permitti-me licença...

— Não ; haveis de ouvir-me. Assentae-vos.

— Senhor...

— Bem sabeis que vos não temo. Quero que me ouçaes, e o quero absolutamente... Haveis de ouvir...ou...Vós me comprehendeis.

— E que historia é essa ?...

Não vos diz respeito, é verdade ; mas bom será que a saibaes. Ouvi-me, pois :

Entre as muitas pessoas, que eu conheci nesta cidade, havia um tal moço, recommendavel pelos seus máos costumes no seio das familias, que frequentava. Entre as diversas casas, que este visitava, era bem assim a de um honrado moço, ha pouco tempo casado com uma bella moça : eu era amigo delle.

Algumas vezes eu fallei-lhe sobre a amizade

Este moço, mas elle era tão demasiadamente bom que jámais desconfiava dos outros.

Um dia, eram nove horas da manhã, pouco mais ou menos, eu estava na botica de um meu amigo, isto é, em um quarto della, para a parte de dentro, de modo que não podia ser visto de fóra quando entrou elle, pois se dava muito, ou era até amigo do caixeiro, e lhe pediu um pouco de veneno para extinguir ratos. Ora, isto podia ser verdade; eu sou de um natural desconfiado e a minha idade me tem feito aprender o quanto pôde um moço louco, perdido de amor. O caixeiro hesitou, dizendo que um pouco de veneno não se dava assim. O moço prometeu então o mais inviolavel segredo, e o mesmo exigiu do seu amigo caixeiro. Admirado eu desta instancia, e deste religioso segredo, acompanhado de minha experiencia, e natural desconfiança, acenei ao caixeiro para que se calasse, e viesse ter commigo. Todavia, o caixeiro pretextando certo serviço ligeiro, pediu licença ao pretendente e veio a mim. Então impondo-lhe segredo sobre mim, e sobre o que eu lhe mandava fazer, disse-lhe que desse

---

a seu amigo um estupefaciente, cujo nome lhe indiquei, e disse-lhe que dêsse uma porção que produziria um tuçpor de algumas horas. O narcotico que mandei dar é daquelles, que produzem um tão profundo lethargo, que só um facultativo o pôde descriminar da morte. Isto feito, certo que a dóse que mandei dar nem um mal faria a quem a tomasse : botei-me para uma chacara, nos suburbios da cidade, de um amigo meu com quem fui jantar ; de volta, soube com espanto que o moço, meu amigo, era morto. Perguntei a que horas tinha morrido, disseram-me que ás onze horas, pouco mais ou menos. A pessoa que isto me noticiava, acrescentou, dizendo a igreja para onde naquelle momento tinha seguido o acompanhamento fúnebre !

Não foi a morte subita que eu admirei, mas foi a pressa de sepultar-se o corpo do morto. Não poudo resistir à minha admiração, e me encaminhei prestes para a dita igreja. Chego, a cerimonia do enterramento está finda, e a igreja já quasi solitaria. Examino o corpo, e conheço que o que parecia somno de morte,



não era mais do que um profundissimo lethargo a que seguir-se-hia o da morte, si breve se não acodisse ao paciente. Cumpre notar que isto era devido ao tal caixeiro, que deu mais do narcotico, do que eu lhe determinára, como depois verifiquei. Conheci que o desgraçado podia ainda viver si por ventura lhe acodissem.

Por felicidade o sachristão dessa igreja não só era meu conhecido, como até me era assás obrigado. Chamei-o, e exigindo d'elle um juramento sagrado, communiquei-lhe o que havia, invocando o seu soccorro em favor do supposto morto : tirámol-o da catacumba, despimol-o de seus habitos sepulchraes, e com elles fingimos o defunto dentro do caixão da mesma catacumba, que devia fechar-se na seguinte manhã, e alguns pedaços de panno velho, uma pouca de cal e vinagre acabaram de formar o fingido defunto.

Findo isto, eu e o sachristão tomámos o nosso homem, e o levámos para um logar mais apropriado, onde prestei-lhe quantos soccorros a arte me aconselhou. Tornou finalmente a si, e um pouco mais tranquillo, por minhas dili-

gencias, soube por minha bocca, que em consequencia de um lethargo fôra julgado morto; nada mais lhe disse, nada mais pois, convinha. Poucas horas depois o resuscitado estava em minha casa. Quando se achou completamente restabelecido, contei-lhe toda a historia e as razões em que me fundava para crer que fôra envenenado por sua mulher, ou quando menos pelo seu amigo.

O pobre homem tremia ao ouvir-me : queria não dar-me credito ; mas a compra do veneno, o narcotico levado, o seu longo turpor, a pressa de seu enterramento, eram provas quasi evidentes. Como quer que fosse, elle resolveu-se a ficar occulto, e debaixo de habitos e fórmas disfarçadas, espreitar os passos de sua mulher.

Era, pois, em minha casa que elle estava occulto ; mas passava quasi todas as noites rondando a casa de sua mulher. Além de mim, e o sachristão da igreja, só outra pessoa sabia destas cousas, era um escravo que o acompanhava todas as noites, e em cujo quarto, pegado á casa de sua supposta viuva, elle passava muitas noites e até dias.

Bem pouco tempo foi mister para verificar-se o crime. Deveis saber, senhora, que quando a supposta viuva se julgava a sós, entre os braços de seu criminoso amante, ella era ouvida pelo seu proprio marido ; mas ainda não era tempo...

(O doutor neste logar fez uma parada, tirou a baceta, e tomou uma pitada. Laura fazia-se de mil cores ouvindo esta narração tão analoga á sua historia ; sua alma experimentava neste momento os mais terriveis tormentos do inferno ; mas a necessidade a obrigava a escutar. O doutor continuou sua historia) :

Houve uma noite, em que esta mulher, a pedido do seu amante, teve a bondade de contar-lhe a sua historia ; já se vê, que durante tal narração, seu marido a ouvia. O amante a ouviu, e ou fosse horror, ou fingimento, o certo é que elle resolveu-se a deixal-a entregue a si propria, e effectivamente o fez nessa mesma noite, em que lhe ouvido tinha a sua funesta historia.

Esta mulher de sangue determinou logo, acaba r com este amante ; ella acha um malvado

que, pelo premio do seu amor, aceita esta mortal commissão, e poucos momentos depois que seu amante a abandonára, ferido de um tiro, deixa de viver uma vida de fogo, de sangue, de veneno, de mortes, de crimes e de adulterio emfim!... No momento porém em que este malfeitor cahê expirante, um desconhecido lhe aperta a mão dizendo pouco mais ou menos: — Deus te perdoe.— Já se vê que este desconhecido era o supposto morto. Poucos minutos depois esta mulher e seu novo amante, contando ambos mais um crime, ouviram sobre a janella do quarto em que estavam, um como arranhar pelo lado de fóra, signal, que costumava dar o primeiro amante quando ia fallar-lhe: ella é aberta, e com espanto dos dois criminosos, o homem, que ha pouco fóra assassinado se vê recostado á dita janella! Já se vê que foi o supposto marido morto, que arranhou sobre ella; e que o mesmo, ajudado de seu fiel escravo, foi quem trouxe o corpo do morto para recostal-o á janella desse quarto de maldições! Sim, que elle estava bem certo que os dois criminosos o sepultaram, e seria sobre a

sepultura desse adultero execrando onde elle proferia á sua mulher todos os seus medonhos crimes. Parece que escripto estava que por causa desta mulher devia ainda correr mais sangue : e todavia, ella faz uma nova digressão, e um novo amante espera uma entrevista no fundo de seu jardim ; ella não falta ; e quando pensa correr aos braços do seu amado, acha-se entre as mãos mortíferas do matador do primeiro amante.

A desgraçada grita, pede soccorro, e um desconhecido apparece em seu favor. Já se vê tambem que foi o mesmo supposto morto que ahí appareceu em soccorro de sua mulher, cuja vida estava a ponto de perder ás mãos de seu ciumento amante. Já se vê emfim que foi o mesmo que obrigou a esse homem malvado a deixar o Rio de Janeiro, a escrever uma carta a sua mulher noticiando-lhe isto mesmo ; e que foi elle quem ensaiou o escravo para que dissesse a sua senhora, que a pessoa, que a soccorrera fôra elle escravo !...

O primeiro amante pois desta mulher carregada de crimes, era Florindo...

— Ah ! basta...

— Ainda não. O segundo, Marcos, o escravo, João; e ella, Laura...

— Ah !... E o marido?... Exclamou o caçador como ferido de um raio !

O doutor continuou friamente :

— E' aquelle que alli está...

Ao mesmo tempo o homem, que estava á porta, deixando cahir o seu capote e chapéo, arrancando sua cabelleira, grisalhas barbas e parche da face, mostrou-se como quem era ; Laura encara-o, e solta um grito :

— Que vejo !...

— O homem a quem duas vezes assassinaste ; teu marido, o — Filho do Pescador !...

---

## CAPITULO XVIII

### A ELLE DEVO OS MEUS MALES !

Uma inesperada desgraça no momento em que esperavamos uma grande ventura, fórma uma dolorosa memoria a respeito do nosso passado: uma angustia mortal em nosso presente, e um sentimento desesperado para o nosso futuro! A desgraça tem direito ás nossas lagrimas, a miseria, á nossa compaixão; o crime, porém, a ambas, e o rigor das leis; todavia nunca ao nosso odio.

Si o vosso coração arfou com peso de demasiado horror, tendo ante os vossos olhos um ente tão criminoso, como a desventurada Laura, eu sinto ter-vos deste modo molestado: mas pondo debaixo de vossas vistas todos os seus crimes, o fio de minha historia deveria levar-vos a essas consequencias, que ha muito devieis ter infallivelmente aguardado).

Si eu soubesse uma historia de sangue, de

---

mortes, de horrores, e emfim de toda a sorte de crimes, onde a innocencia succumbisse ao peso dos alheios crimes, certo eu me guardaria bem de vol-a contar, amando mais tel-a sepultada em meu coração, do que saber que um malvado exultava lendo uma historia em que se visse o triumpho do crime ! E' verdade que algumas vezes isto se tem visto ; mas quem em seus designios poderá assoberbar a incomprehensibilidade da divina Justiça !

E' dos maus que Deus lança mão para a sublime provação dos bons : os maus, pois, são o instrumento de Justiça Eterna sobre a terra !

Laura merece a punição de seus crimes ; e si quereis odiae-a mas eu vos rogo que antes vos compadeçaes della !

Durante quasi as ultimas palavras do doutor Synval, Laura, gelada de terror e de surpresa, nem já o mais leve som articular podia. Vós estareis lembrados das ultimas palavras de Augusto dando-se a conhecer a Laura, e-se raio desfechado sobre o seu coração já tão abatido nessa mais terrivel tempestade de sua vida !...

Collocae-vos no meio dessa scena de horror,

---



anxurae-vos espectador deste horrído e angustiado drama, e senti pouco mais ou menos o que Laura provaria nesse momento horrível, nesse momento de aniquilação e de desordem ! Si quizerdes pintar semelhante scena, não empregueis as cores do crime tomadas de empréstimo ao inferno ; não descrevais uma scena de satanicos furores... não : é uma scena de dor, de desolação e de espanto !...

Laura havia misturado um grito de horror com as ultimas palavras de seu marido ; e, perdidos os sentidos, cahiu desacordada. Augusto ficou immovel, o caçador apertando as mãos sobre seu coração, exclamou insensatamente : — Oh meu Deus !... O doutor correu em socorro de Laura.

Bem como aos que a justiça da terra condemna à morte, em satisfação ás leis, se prodigalizam todos os desvêlos já espirituaes, já corporaes, para que ao menos sua alma aproveite, perante Deus, o sacrificio do corpo ; da mesma sorte o doutor empenhou em seu favor todos os meios conhecidos em sua arte. Laura ao cabo de algum tempo tornou a si.

Oh ! já não era essa Laura tão cheia de si mesma ; já não era essa mulher, cuja magestade emphatica impunha um não sei que de mysterioso ! Seus olhos pareciam aquebrantados pela força de seus desmanchos, e suas faces manchadas pela negridão delles ! Seus louros cabellos, que á força de sua quéda, em seu desmaio, se haviam desmontado, desatando-se, fluctuavam incertos, parte sobre suas costas, e hombros, e parte sobre seu rosto, um tanto pallido neste momento ! Ainda assim era interessante !

Laura, com gesto equívoco, com tremulos passos dirige-se a Augusto, e parando diante d'elle, sem todavia erguer seus olhos, falla deste modo :

— Ha crimes para os quaes o perdão é um impossivel ; os meus são desta qualidade ! Tu me obrigas, neste momento de horror, a smaldição a morte, que tão pouco amou uma sua presa ! Tu devias punir-me quando surgiste do sepulchro. O tumulo em que jazias não devia ficar vazio pela tua deserção, e eu estava obrigada a tomar entre os mortos esse logar que tu havias desoccupado ! Tu me poupaste para que

eu tivesse tempo de perpetrar mais crimes, e depois d'elles me virdes cobrir de vergonha!...

— Não ; quiz primeiro verificar teus crimes.

— E com effeito, hoje tu te horrorisas d'elles! e não te lembras, que si me tivesses então punido, eu morreria menos criminosa. Pois bem. Tenho direito de pedir-te uma graça, e tu deves conceder-m'a ; é a morte ! a sua demora será o meu maior tormento.

— Ainda não. O dr. Synval deu-se ao trabalho de narrar tua vida de crimes depois do nosso amaldiçoado casamento ; eu, porém, tenho alguma cousa que alembra-te de tua vida de solteira...

— Falla, que fallas a um cadaver.

— Laura, foste pouco exacta quando constaste a tua vida a Florindo. Permite-me que lhe faça algumas correções...

— Falla, que fallas a um cadaver.

— A tua educação foi pessima...

— E' verdade.

— Abandonaste, a casa paterna na idade

de treze annos, em companhia de teu amante, cujo casamento tua mãe dessapprovava...

— E' verdade.

— Foste mãe na idade de quatorze annos.

— Tambem é verdade.

— Pouco ao depois teu amante abandonou-te.

— Injustamente...e a elle devo todos os meus males, meus desmanchos e meus crimes l...

A elle...

— Teu filho te foi roubado e até hoje...

— Tambem o verdade.

— Ficaste á mercê de um novo amante, e com este, a quem falsamente appellidavas marido, naufragaste sobre esta praia, onde elle morreu.

— Antes fosse eu ! Tambem é verdade.

— Teu nome não é Laura...

— Eu te disse que o meu nome era Maria Laura, mas que todos me tratavam por meu sobrenome ; e eu já tão affeita a isto estava que que não accudia senão pelo nome de Laura. Eu te advirto que muitos são meus crimes para minha accusação ; não é preciso calumnias...

---

— Teu primeiro amante, o pae de teu filho, que já não existe ha muito...

— Deus perdoe os seus peccados !

— Chama-se Sergio...

— Também é verdade.

— Teu filho, que ainda vive, cujo primeiro nome fôra Hilano, e mudado no chrisma para Emiliano, aqui o tens...

Isto mostrando-lhe o joven caçador.

— Meu filho !...

— Minha mãe !...

---



## CAPITULO XIX

OLHA MEU FILHO !...

Nada ha mais facil do que o arrependimento; nada mais difficil do que a emenda da vida. Todavia póde-se, nos milagres da natureza, encontrar effeitos que jámais produziriam os deveres, e direitos da moral, todo o rigor das leis, ou outros quaesquer respeitos humanos; e nesse caso uma unica palavra, uma gesticulação é tudo, quando um bello discurso é nada.

Si Augusto tinha em sua imaginação o intento de fazer punir severamente a Laura de seus crimes, certo assás imprudente andou em uma tal declaração.

A natureza tem seus milagres, como seus mysterios: descrever aquelles e desacatar estes, não é tão facil para uma alma bem formada.

A humanidade nos apresenta scenas, que para não estalarmos de dôr á vista dellas,

---

cumpro não termos sido affectados de um só desse geraes, ternos e immutaveis sentimentos da natureza.

Nós pedemos facilmente resistir á certas commoções, ainda até dolorosas, o pondo-lhes um pouco dessa philosophia estoica de que blasonavam homens de passadas eras; são essas commoções, que, inda que fortes, todavia não teem, nem tão pouco abalaram em seu favor a intima, e mais terna sympathia de nossa alma! Mas ha em nosso coração uma fibra de tal maneira dorida, que uma vez tocada, faz estremecer de um modo desagradavel, e contrahir-se dolorosamente a nossa sensação tão altamente movida por uma dôr moral, tão activa, e sobre modo vehemente, que obriga a que nossa alma gema opprimida debaixo de seu sensivel e mortal pesadume! E, si ha corações em que essa fibra exercite essas nobres funcções, não é que alli não exista; existe, não em seu modo primitivo, como a plasmára o primeiro Autor, mas sob outra modificação, isto é, petrificada pelo crime!

Nós aborrecemos sempre um homem in-



insensível, e até nem sympathisamos com o que não chora no meio de uma grande scena de dôr, embora ignorando as qualidades de sua alma!

Nossa alma é sempre ao juiz, que sentencêa o crime, e chora a humanidade! Admiramos a constancia de Bruto sentenciando e condemnando seus filhos á morte; mas quando chamamos sublime esse esforço da humanidade, não o louvamos, nem invejamos um sentimento ante o qual estaca a natureza horrorizada!

A natureza e a humanidade são duas irmãs, ligadas pelas mais intimas e continuadas relações; mas ha da parte da humanidade pontos, que não podem ser invadidos pela natureza, assim como da parte da natureza leis, que a humanidade jámais póle a quebrantar: Deus equilibra estas justas relações: tudo está bem como elle fez.

Mas dissemos que aborreciamos sempre o homem insensível; que nossa alma é sempre grata ao juiz que sentecêa o crime, e chora a humanidade; que choramos a constancia de Bruto, sem todavia o louvamos, nem tão pouco invejamos um sentimento tão contrario ás leis da natureza: e porque?

Porque razão sympathisamos nós com as almas sensiveis, e temos até *prazer* em chorar quando soffremos moralmente impressões *dolorosas*? Dor e prazer são dois affectos inteiramente oppostos: é um a antithese do outro. Mas poderão elles casarem-se em nossa alma no mesmo instante, na mesma occasião, e effeitos da mesmissima cousa? Como é que em certas commoções mistura-se em nossa alma um sentimento de dor com um sentimento, que tem uma parte de prazer, ou um sentimento de prazer, que tem uma parte de dor?

Por ventura tão benefico, e ao mesmo tempo magnifico será o sublime machinismo da natureza humana que em todas as affecções sociaes haja uma tal e qual porção de prazer? E parece ser isto uma verdade! Parece que a compaixão ou é um dos nossos mais agradaveis instinctos, ou que a tal ponto nos illude, que dessa doce illusão nasce esta mesma supposição! Parece que ha nella um não sei o que de insuperavel attractivo, a que jámais é permittido resistir. E' impossivel negar por um só momento; é uma verdade de primeira intuição, e universalmente reconhecida, que a compaixão por um

o efeito de *sympathia* para com a desgraça é sempre uma dolorosa impressão: a *sympathia* nos faz tomar parte pelo seu objecto, então já em sua presença não deixa de haver um tanto, ou quanto de amor e amizade: a compaixão é sempre um sentimento benefico; e da mistura da compaixão com esta certa amizade, ou com esse certo amor, resulta um novo sentimento agradável, o prazer ! não nos esqueçamos, porém, que a base primordial de todos esses affectos em nossa alma é o amor dos outros, a *philantropia*.

Em consequencia, pois, do amor da humanidade tomam vulto todos esses effectos. Parece então que esse prazer, a que attingem essas commoções brandas e suaves, si não excede, ao menos equilibra-se com a dor de um modo tão pronunciado e tão vehemente que nossa alma, como por um feliz milagre, produzido pela reunião de todos esses sentimentos, vem finalmente a achar-se em um como brando extase de satisfação !

Cumpre confessar ainda que este *prazer doloroso* é por si mesmo tão delicado, que sentir toda a sua magica força não fica ao alcance de

---

qualquer sensibilidade: elle perde-se na dor, em um modo tão subtil, que se torna quasi imperceptivel a sensibilidade, como as fugitivas *nuanças* ( ) do iris á vista.

Todavia este prazer, filho de nossos bellos sentimentos moraes, parece em virtude della crescer sempre na razão de nossas dores, para eficazmente contrabalançal-as; e esse crescimento prodigioso achando propicias todas as nossas faculdades, encontra em seu favor esse intimo e desejado beneplacito de nossa propria vontade.

Um coração, pois, bem formado se julga muito feliz quando prova impressões de amor e de amizade; e além de se não julgar descontente sempre que nos males alheios é abalado por sensações de compaixão e de piedade; dá os parabens a si proprio, como que satisfeito de tomar alguma parte nos males dos outros, compartilhando-os moralmente !

---

(\*) Leitor benigno, senti comigo a necessidade de bem exprimir-me neste logar, e eu vos asseguro que não só me perdoareis o termo francez que usei — *nuanças* — como o acceitareis talvez com gosto.

Supponde que além da honra e da virtude eu tenho retratado as qualidades moraes de Augusto pelo que respeita a sensibilidade.

E de facto, Augusto tinha um coração bem formado, elle era honrado e virtuoso; teria, pois, animo para resistir a todas essas impressões dolorosas entre a criminosa Laura e seu innocente filho? E' uma luta de dôr, em que jogam quasi todos os affectos suaves do coração humano; e não exempta de alguns affectos fúneustos! E', pois, uma luta de amor, de amizade, de odio, de vingança, de compaixão e de piedade; uma luta emfim da humanidade, e da natureza contra a justiça, em que a mesma religião não deixa de ter parte.

Agora vós não tendes perdido de vista a mãe e nem o filho.

— Minha mãe... — meu filho... — Foram as ultimas palavras desses dois entes desgraçados; e cahiram nos braços um do outro. Pouco tempo ao depois, Emiliano, desligando-se dos braços de sua mãe, corre para Augusto, exclamando na mais viva e na mais acerba dor:

— Perdão, senhor, perdão para a minha mãe...

— Mancebo, tornou-lhe Augusto, não merece que implores seu perdão uma mulher tão criminosa...

— Mas si a criminosa é minha mãe...

Ah! não foi a voz de Emiliano que acabastes de ouvir neste momento... não: que está despedaçado pela mais aguda dor. Foi a natureza que em seus lábios arreventou essas palavras, cujo enorme pezo era bem capaz de esmagar debaixo de si todo o poder da mais bem premeditada vingança!

— A criminosa é minha mãe...

Ah! palavras doces em si próprias, agora amargas no fundo de tanta afflicção, que amontoavam a mais extrema dor sobre tudo quanto ha de mais doloroso!

E com effeito, Emiliano não só as pronunciou no mais afflictivo e pathetico accento, como no acerbo delirio de sua angustia atirou-se aos pés de Augusto, exclamando em sentido pranto:

— Ah, senhor! a criminosa é minha mãe!

Meu pae... tenho jus a este nome, sois o marido da minha mãe... meu pae, meu pae, meu bom pae, perdão... perdão para minha mãe... Ah ! é minha mãe !...

Que agonia de dôr ! Que luta de sentimentos ! Que quadro !

— E' minha mãe !...

Eram palavras que Emiliano repetia sempre soluçando e abraçado com os pés de Augusto.

— E' minha mãe !...

Sinval pranteava como talvez nunca Augusto pranteou, e arrependido de sua revelação, tapava o rosto com as mãos, suffocado em pranto; Laura; cahida de joelhos insensivelmente, parecia gelada no meio de tantos sentimentos de dor. E Emiliano repetia sempre entre soluços — E' minha mãe !...

Que linguagem tão energica ! Podereis vós nesse grande codigo da natureza traduzir essas palavras ?

— E' minha mãe !...

Mancebo, não te calarás ? ! Até quando queres despedaçar nossos corações ? Mas não:

dize, dize outra vez: outra; muitas vezes; dize sempre: — 'E' minha mãe !... — Prantea, pede, roga... Uma mãe, ainda perversa é sempre cara ao coração de um bom filho ! implora o seu perdão, ainda que te custe lagrimas de sangue ! Eia outra vez, dize sempre: — A criminosa é minha mãe !—Dize, completa o teu triumpho; lança por terra derribado o tremendo altar da justiça; e sobre as suas ruinas colloca a victoriosa natureza perfumada pelos incensos da humanidade. Laura no meio desta scena de angustias cabida de joelhos com as mãos erguidas ao céu exclamava, como em um delirio de dor:

— O' meu Deus, porque a morte me não livra do pezo dos meus crimes ?

Emiliano, correndo para ella, exclama na maior commoção de sentimento:

— Minha mãe, minha mãe, não desesperes ! Deus é grande, e sua misericordia infinita ! Elle não quer a morte do peccador criminoso, porque ama as lagrimas do seu arrependimento !..

— Deus é grande ! Sim, meu filho Deus, é grande ! .. O' meu Deus, dá-me um arre-



pendimento forte para morrer digna de meu filho...

Oh milagre! Oh triumpho da natureza n'um coração criminoso! Ella falla em arrependimento... Oh amor maternal! Oh natureza!

Neste momento Emiliano estava tambem cahido de joelhos junto de sua mãe, e erguendo as mãos ao céu, exclamava:

— O' meu Deus, lança sobre minha mãe teus olhos cheios de misericordia! Traze ao teu rebanho, Senhor, esta ovelha delle desgarrada...

Depois erguendo-se, vem para Augusto, chega-se a elle, pega-lhe na mão direita, beija lh'a; e sem pronunciar palavra, com uma gesticulação, que revelava toda intensidade da dor de seu coração, e todo o fogo do amor filial, estendendo o dedo indice, lhe mostrava sua mãe!

Nunca a dor, nunca o remorso, nunca o arrependimento, se mostraram tão sublimes! nem jámais apresentaram um tão interessante painel!

Laura na postura, que vos descrevi, parecia implorar as misericórdias do Senhor. Seus olhos embebidos no céu nem pestanejavam. Duas fontes de lagrimas se deslizando delles, vinham alagar o assoalho em frente de seus joelhos! Era um santo extase de natureza, e da religião, isto é, do amor maternal, e do arrependimento. Sua cabeça era um grande e tormentoso lago de dolorosas reminiscencias, em que havia um unico porto de salvação — arrependimento!

Dirieis que era uma virgem christã espontaneamente votada a Deus, que orava ante o altar, e que se achava n'um desses instantes puramente psicologicos, em que a alma embebida em divinas idéas theophilas, se deleita nesse suave remanso de santas contemplações!

Era, pois, uma nova Magdalena, que meditando no amor do Christo, chorava os erros e os crimes de sua passada vida de peccados! Seu rosto se mudava de cores, e quando pareceu mais calma, ella disse, como em suave allucinação:

— E' meu filho! é meu filho!... A minha alma estava na escuridão do crime, e a luz do

arrependimento brilhou em minha alma! Um anjo desceu do céu até mim... E' meu filho! e meu filho!

—O meu pae, disse então Emiliano, que momento! Aproveitemol-o: seja elle um momento de triumpho para a natureza, e de prazer para a humanidade, coroado pelas flores da religião! Ella está arrependida. O' meu pae, perdoae-lhe; e seja este instante de felicidade para nós todos. A morte, ou o eterno degredo de minha mãe de nada vos poderá servir; e o seu arrependimento, e o vosso perdão serão os mais bellos episodios da historia da vossa vida! Ah, meu pae! nunca o nosso amor proprio se enche tanto de si mesmo, e tanto se lisongeia o orgulho, do que quando perdoamos uma grave affronta; e é por meio de perdão unicamente que o homem se assemelha a Deus. Ah, senhor, si tendes sabido soffrer como um philosopho até hoje, sabei tambem perdoar como um Deus!

Minha mãe conspirou contra vós, é bem verdade; ella vos assassinou, mas Jesus Christo do alto da cruz bradava: « O' meu Pae, perdão para os meus algozes. » Ah, senhor, imitae-o;

mostrae que vossa coração possui esse, o mais bello sentimento da religião christã ! E' grande o sacrificio, é bem verdade, mas tanto maior será também a vossa gloria !

Nada tenho sobre a terra; perdi meu pae na infancia, não tenho parentes... ai de mim ! no momento em que o crime me restitue minha mãe, fazei que a vossa virtude me conserve seus dias ?

Já ninguém podia supportar esta scena, quando Augusto chegando-se a Laura, e pousando-lhe levemente a mão sobre um hombro, com voz um pouco commovida disse:

— Laura, estás verdadeiramente arrependida dos teus crimes ?

— Olha meu filho !...

— Laura, tens forças bastantes para uma vida tão cheia de horrores ?

— Olha meu filho chorando !

— Laura, queres a vida ?

— Para chorar lagrimas de sangue, dignas de meu filho; e para á custa dellas alcançar de Deus o perdão dos meus delictos...

— Laura, queres um convento ?

---

— Para a dor, para a contricção, para as  
lagrimas e para uma morte christã.

— Oh, amor maternal, oh natureza ! como  
sois bellos até mesmo n'um coração criminoso !  
Laura, eu te perdoo...

— Minha mãe !...

---



## CAPITULO XX

### UM EPILOGO E REFLEXÕES

Quando nos remontamos ás causas, os acontecimentos augmentam ou diminuem muito a respeito do que são em si proprios. Voltemos a um passado : ahi procuremos origens ; si as encontrarmos, consultemos os erros, estudemos os crimes ; e eu vos affianço que feito um tal exame, seremos justos.

Acabamos de uma scena de lagrimas ! Nossas sensações foram terrivelmente abaladas á vista de um espectáculo de lutosos sentimentos ! Nossa alma está fatigada por tantas impressões dolorosas ! Nossos corações foram despedaçados nessa luta sentimental da natureza, da humanidade e da religião ! No meio de uma chusma de diversas affectões nossa imaginação vagou incerta, declinando equivoca entre a piedade e a vingança ! Nós provámos affectos horripelmente dolorosos, e não sem traços de jubilo ! Agora a

---

justiça não está sem alguma satisfação. A natureza exulta, a humanidade folga, e a religião está contentes! Justo é que descansemos de tantas fadigas moraes.

Vós me pedis duas explicações, convem saber: por que via o dr. Synval soube a historia que lhe ouvimos: e como sabia Augusto a historia de Laura durante o celibato della?

Tão razoaveis são as vossas questões, que eu vou satisfazel-as n'uma epilogo e reflexões,

Sergio, que já conhecemos, foi o primeiro amante de Laura, e pae de Emiliano. Este mancebo dissoluto, tres annos depois que roubára Laura á sua mãe, e dois annos depois que lhe dera um filho, a desprezou sem que, para tal, razão alguma tivesse. Laura, á mercê de um novo amante, teve de sujeitar-se ao seu destino: foi com este homem que ella viveu uns treze annos pouco mais ou menos. Ao cabo desse tempo, mudou-se para o Rio de Janeiro com seu amante: foi com este que naufragou, e que, morto nesse naufragio, ella pranteava, chamando-o seu marido. Cumpre notar que Synval sabia, até alguns annos atraz, que este



homem não tinha desposado Laura, como veremos: e quando Augusto disse á mulher que ella não era esposa desse homem morto no naufragio, elle não podia assegurar; não era, pois, mais que uma bem fundada suspeita; mas Laura a confirmou.

Quando Sergio abandonou Laura, tirou-lhe seu filho, que então tinha dois annos, e Laura nunca mais viu essa criança; tendo apenas noticias de que vivia, cuidado que ella sempre tinha de perguntar por elle.

Estas mesmas noticias cessaram quatro annos depois da ingratição de Sergio, porque este vindo á cidade com seu filho, então de seis annos, o deixou na casa de Synval, de quem era intimo amigo. Foi a este medico que Sergio contou, não só toda a sua historia com Laura, como tambem toda a historia della. Foi tambem nessa occasião que Synval foi o padrinho no chrisma de Emiliano, cujo primeiro nome, por estranho no calendario dos santos, lhe foi mudado.

Por este mesmo tempo fez Sergio uma viagem a Minas-Geraes, donde nunca mais voltou;

---

e não apparecendo em parte alguma, foi reputado como uma das victimas da Mantiqueira de tão dolorosa recordação !

Emiliano ficou então orphão de pai, porque este havia morrido ; de mãe porque nem elle conhecia a Laura, nem ella a Emiliano. E, pois, dos nossos personagens só Synval era quem sabia o nome da mãe de seu afilhado e toda a sua historia, bem que não a conhecia pessoalmente.

Emiliano, depois que soube ler, passou a outros estudos, onde mostrou um rarissimo talento ; Synval amava-o como a seu filho.

Na idade de treze para quatorze annos começou Emiliano a soffrer muito em sua saude, a ponto que a tenaz molestia mostrando-se rebelde a todo imperio da medicina, Synval resolveu mandal-o á Europa para casa de seus parentes a ver si melhorava, como de facto aconteceu. Emiliano esteve em Lisboa dois annos e alguns mezes, depois do que voltou ao Rio de Janeiro, na idade de seus dezeseito annos. Foi então que elle viu Laura pela primeira vez, tendo ella os seus trinta e um

annos, mas tão formosa e gentil, como nos seus dezoito !

Ora, foi durante a ausencia de Emiliano que Laura naufragou, como vimos, e que Augusto desposou-a estando Synval fóra da cidade, em uma viagem que fez por motivos de saúde, em que se demorou quatro para cinco mezes : tendo voltado para a cidade, achou Augusto casado ; e tendo visto Laura, combinando quanto Sergio della lhe contára junto ao nome de Maria Laura, veio no perfeito conhecimento de que era ella a mãe de Emiliano. Notemos de passagem que Laura fugia sempre a conversações que tendessem ao seu paiz natal, e que podessem implicar-se com sua vida passada ; e comquanto dissesse a Augusto, quando este lhe perguntou por seu nome, que se chamava Maria Laura, todavia acrescentou que mais acudia pelo nome de Laura, seu sobrenome, por antigo costume, em que a haviam posto todos os que a conheciam, o que era verdade.

Esta ingenuidade de Laura era uma carta de recomendação, que a fazia conhecida um

pouco mais tarde: ella tinha, é verdade, sua malicia quando se aproveitava de seu sobrenome, em detrimento do nome, mas não sabia ser maliciosa, por isso que dava aquelle mesmo pelo qual era de todos conhecida: melhor andaria si dissesse a Augusto que se chamava Maria; e mudasse o sobrenome; mas a infeliz não queria mais que encobrir os erros de sua passada vida; não estava ainda ao todo corrompida, emfim carecia de um seductor mais habil.

Dest'arte quando Synval perguntou a Augusto pelo nome de sua mulher, este, não só lh'o disse, como fez-lhe a mesmissima explicação, que Laura lhe fizera. Já se vê, que mais não era mister ao doutor para conhecer a mãe de seu afilhado.

Synval de posse destes segredos, guardou-os religiosamente; porque para com Emilianio a prudencia lhe mandava calar-se; para com Augusto a honra, e para com o mundo, uma e outra.

Foi de pois da supposta morte de Augusto que seu amigo se abriu com elle sobre esta

Cousas : eis como Augusto soube da vida de Laura, durante o seu celibato, Augusto foi quem revelou ao doutor quanto este declarou, lançando em rosto á Laura todos os seus crimes, como o mesmo Augusto os vira e ouvira. Bem se vê a combinação entre os dois !

Tres dias ao depois desta ultima scena de dor, que vos descrevi, uma pequena questão teve logar entre Emiliano, e seu padrinho : ella não é todavia necessaria á nossa historia, mas eu vol-a apresento, porque pôde servir como um toque de moral della.

Emiliano tinha em Lisboa (porque apenas alli chegou se estabeleceu) continuando a frequentar os estudos e com grande aproveitamento. Além de sua rara habilidade, elle era dotado de mui bons sentimentos, muito religioso, e cheio desta moral sublime, bello typo de todas as grandes virtudes ! Synval gostava de ouvil-o, ou como dizemos vulgarmente, de *puchar por elle*.

Jantava Augusto com seu amigo doutor e com Emiliano : aconteceu a conversação re-

cahir sobre o sincero arrependimento de Laura, quando Synval disse :

— Em verdade, eu creio nelle ; approvo até os sentimentos de Augusto ; ando bem assim ; mas confessemos que Laura era assás criminosa. O meu afillhado perdoar-me-ha esta franqueza.

Emiliano estremeceu ouvindo estas palavras, e um ardente rubor, após de uma fria pallidez, deu mais encantos ao seu rosto, e alle disse :

— E' verdade, meu padrinho ; mas nós, os homens, somos tão máus, que dando motivos a quasi todos os crimes das mulherez, não só nos não encarregamos de parte de sua expiação, mas tambem não tomamos sobre nós um tanto ou quanto de sua culpabilidade !

Deixando de parte as idéas favoraveis aos maridos e aos amantes, a respeito de constancia, e tão desfavoraveis ás mulheres de quem tudo exigimos, e aquem nada concedemos (excepto as zumbaias, os cumprimentos, as polidexas e elogios de uma sala como por escarneo), fallarei tão sómente de outras cousas.

Nós temos organizado uma sociedade a nosso bel-prazer, e ácerca das mulheres nos constituimos a um só tempo partes e testemunhas, juizes e accusadores !

Quantos homens, meu pae, encontraremos como vós, e como meu padrinho ? certo que mui poucos. Em o numero de cem mulheres nós encontramos apenas dez, cujo despejo, cuja falta de sentimentos as fez solicitadoras de alguns homens ; em quanto em o numero de cem homens não deparamos com dez que não tenham solicitado, que não tenham seduzido alguma mulher ! E esses seductores ignorariam que tal senhora era uma donzella amada de seus paes ? que esta era uma esposa prezada de seu marido ? que aquella era uma querida amante, por cujo procedimento era responsavel a seu amado ? Elles não ignoravam. Entretanto a ambição natural cede á habil seducção ; o amor proprio á lisonja, e a fraqueza ao crime. Desde então esta mulher cahida é olhada com desprezo ; seu nome é acompanhado de um epitheto de infamia ; sua presença revela uma idéa de menos preço...justo castigo de sua fra-

---

queza, é bem verdade! E porque não soffre outro tanto o seu vil seductor? A não contarmos bem poucos homens austeramente honrados, elle é de todos bem tratado, bem acolhido; apparece em toda parte sem repugnancia de pessoa alguma; alardêa as suas bellas qualidades de seductor, contando as suas felicidades, e é olhado como um bello espirito, como um cavalheiro galante, um moço comprehendedor, emfim!

As mulheres na sociedade são sempre o que nós queremos que ellas sejam, visto sermos nós directores dellas. Nós, pois, somos os seus originaes; nós lhes damos o typo de suas acções; seus costumes são obra nossa; nós as exemplificamos; nós dirigimos a sua conducta, porque somos os motores de seu pensamento pelo que respeita á sociedade. O genio de uma nação nada é mais que uma idéa, que representa as mais fortes e decididas inclinações da nação; esta idéa pertence a todos os individuos della, salvas algumas raras modificações.

Comquanto as inclinações primarias do coração humano sejam assás poderosas, todavia



ellas se corrigem por uma feliz educação : tudo cede ao imperio da vontade; e ella creando costumes, fórma uma nova natureza que, bém que artificial, com effeito grande revolução fazem inclinações naturaes a respeito da sociedade, emendando um coração que mal se dirige em suas affecções !

Em uma nação, é da maior pronuncia da moralidade individual, que resulta a moralidade nacional, a que revela altamente o genio da nação.

Em qualquer nação ha sempre mais ou menos certos crimes : evital-os absolutamente é impossivel : não obstante, nosso juizo seria sempre desfavoravel áquelle povo entre o qual, além de haverem outros crimes, houvessem muitos desmanchos entre senhoras casadas e donzellas ; e essa corrupção não pertenceria exclusivamente ás mulheres, pois que para que ellas fossem corrompidas deveriam os homens ser corruptores, para o que cumpria serem seductores. Um povo houve (creio que o Atheniense) que punindo com pouca severidade o que abusava de uma mulher por meio da força :

---

punha severamente o que a seduzia, tanto o seu legislador conheceu o poder dessa arma tão formidável.

Entre nós, olha-se para um seductor sem a menor repugnancia, ao passo que se olha para sua victima com desprezo; e todavia a punição do adultero e do estrupador (quando este abandona sua victima) parece não estar em relação com seu delicto!

Sejamos mais positivos. As idéas de virtude e de vicio não são meras convenções humanas, ellas tem um certo quilate da natureza, e a mesma natureza pune os excessos de um coração, que se não sabe dirigir em suas affeições!

Seja influencia da natureza, seja effeito da civilisação, o universal consenso tem ligado a idéa de premio á idéa de virtude, e a idéa de castigo á idéa de crime; mas nos vicios contra a castidade, nos vicios contra a fidelidade conjugal, nós nos esquecemos dos castigos que os seguem contra os homens, e só os applicamos contra as mulheres!

Demais, como é que exigimos nós dellas uma

constancia inabalavel, uma virtude de ferro, si nós somos os mesmos que as corrompemos e as arrastamos a toda sorte de crimes? A pregação não é bastante, cumpre o exemplo; os exemplos ferem mais aos corações, do que as palavras aos ouvidos! Emfim onde os homens são demasiadamente corrompidos, as mulheres são sempre falhas! Confesso que ellas por mais fracas estão mais expostas aos crimes, que nascem de sua fraqueza; mas hão de conceder-me que n'uma sociedade bem morigerada esses crimes são menos frequentes.

Minha mãe tem sido bem criminosa, não o neguemos; é uma mulher, cuja educação foi pouco, ou para melhor dizer, de nenhum modo curada: de tenra idade perdeu seu pae, e tendo treze annos abandonou a casa paterna; este crime foi o originario de todos os seus crimes, que mais tarde deveriam seguil-o; este crime... com dor o digo, foi do meu desgraçado pae!... (neste lugar duas lagrimas fugiram de seus olhos; elle enchugou-as e continuou:) Ou fosse minha mãe que lhe propuzesse a fuga, ou fosse elle, o certo é que o crime é sempre delle; si

---

foi elle, então delle só ; si foi ella, sempre o crime é delle, pois que sendo mais forte, e devendo ser mais pensador, devia fazel-a desistir de um tal intento, pintar-lhe todo o horror de tão negra acção, asseverar-lhe as suas consequências, emfim ennegrecer a fuga de uma donzella do lar paterno, como um infando crime! Oh! a palavra crime é sempre horrivel aos ouvidos de uma virgem, e mórmente na idade de treze annos, idade tão susceptivel de correccão. Depois meu pae deixou-a injustamente; outro motivo para seus crimes... mas elle já não vive, Deus lhe perdoe, respeitemos nós a sua memoria, e seja esta a ultima vez de uma tão triste recordação! Minha mãe então teve de subjeitar-se ao seu destino, e durante o prazo de treze annos, pouco mais ou menos, nada se sabe de sua vida; talvez não fosse solicitada, o que custa a crer, estando a isso assás exposta, attenta a sua extrema belleza; mas eu concedo que o não fosse: não ha, pois, virtudes, nem vicios nesse pedaço de sua vida; é isto o que o mundo chama viver honradamente (este epitheto pertencer-lhe-hia si ella fosse então casada, pois

---

---

que não sel-o era o seu unico defeito) ; sim, honradamente, isto é, sem virtudes e sem crimes.

Minha mãe veio para o Rio de Janeiro, um naufragio roubou-lhe o homem, que amava ; e nem como crime reputar-se deve o ella chorar-o, como marido, querendo assim encobrir sua falta aos olhos de quem a não conhecia. Mudou então de estado, ampliou-se o seu circulo e alargaram-se os seus conhecimentos : ella estava, pois, no Rio de Janeiro, principal cidade do Brazil, onde uma extrema belleza, mais que em nenhuma parte, está exposta ; onde a sedução tem uma linguagem mais eloquente ; onde a lisonja emprega um estylo mais florido, e onde o vicio tem attractivos mais poderosos ! Foi, pois ; nesta cidade onde um habil seductor, um malvado a arrastou após de si a todos os crimes ! Cumpria então que esse homem com uma justa emenda soubese modificar sua victima, que soffresse com ella todas as consequencias de seus delictos, que compartilhasse a sua sorte, que vivesse com ella e para ella depois desses horrores ; emfim, que gozasse

ambos as mesmas venturas, ou cahissem victimas da mesma ruína ! Mas bem ao contrario, elle fez como todos os seductores, isto é, como o crocodilo, que empolga a sua preza, devora-a, derrama sobre seus restos, lagrimas insultuosas, e acaba por abandonar-lhe a ossada ! Elle, pois, pretextando a mais infame virtude, com a mais escandalosa hypocresia, abandonou-a irritando de um modo horrivel o amor proprio de uma mulher, cujo coração elle mesmo havia sublevado e pervertido ! Esta ingratição, este odioso procedimento devia ter uma bem funesta consequencia, a vingança, ella não tordou, e elle succumbiu debaixo de seu peso !

Agora, meu padrinho, eu vos rogo que passeis pela imaginação os crimes desta infeliz mulher, e vede si não achaes nelles uma causa que existe fóra della ?

Talvez que minha mãe recebesse da natureza uma indole má, mas essa mesma podia ser modificada, e melhorada por uma propicia educação.

Entretanto eu vos rogo que me perdoeis pela liberdade com que fallei ; bem vedes que

---

a causa me toca. Enquanto aos meus respeitos e estima, não me é mister ainda hoje protestar-vos.

Assim terminou Emiliano o fio de seus raciocínios. A conversação volveu a pontos mais agradáveis. Nesse mesmo dia o fiel João recebeu o título de sua liberdade, e tantos quantos benefícios Augusto lhe pôde fazer. Emiliano ficou também sob a protecção deste generoso mortal quasi como seu filho.

Si nessa época existissemos e fosseis ao convento do Desterro, verieis muitas vezes, no locutorio, recostada á grade, da parte de dentro, uma mulher pallida, descarnada, mas inda formosa, algumas vezes derramando lagrimas de dor e arrependimento; enquanto um formoso mancebo, em pé, da parte de fóra, a contemplava com um certo sentimento de dor, e talvez de prazer. Este mancebo era Emiliano, e a mulherera Maria Laura, a esposa do — FILHO DO PESCADOR !..

FIM









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).